O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1875
JULIO MESQUITA (1862–1927)

Domingo 7 de AGOSTO de 2022 • R$ 9,00 • Ano 143 • Nº 47045
estadão.com.br

Fim de semana

VALERIA GONÇALVEZ / ESTADÃO

C2 __C1 e C3

Casamento perfeito

Escolhemos as dez melhores cartas de vinho de São Paulo

Comportamento __A18

Sob a condução das redes sociais

Perfis dão dicas contra medo de dirigir

E&N __B6

Da falência ao mundo dos 'coaches'

Ex-dono da Ricardo Eletro agora é mentor

TABA BENEDICTO / ESTADÃO

Museu do Ipiranga Um passeio pelo prédio, a um mês do Bicentenário

Totalmente restaurado, o Museu Paulista terá novos espaços à disposição dos visitantes e exposições feitas com roupagem contemporânea. __C10 e C11

E&N Sistema financeiro __B1 e B2

Com Pix, golpes bancários devem atingir R$ 2,5 bi no ano

__Fraudes são problema global, mas que se agrava no Brasil

Do roubo de dados no celular à "engenharia social", modalidade na qual a vítima é manipulada psicologicamente para transferir valores, o volume de golpes no sistema financeiro no Brasil deve alcançar a marca de R$ 2,5 bilhões em 2022. A estimativa dos bancos é de que, desse montante, as ações criminosas envolvendo o Pix alcancem R$ 1,8 bilhão, ou 70% do total. As fraudes financeiras são um problema global, mas que se agrava no Brasil.

O Banco Central formou um grupo com entidades e empresas do setor financeiro para discutir melhorias em segurança. Uma das ideias em estudo é o bloqueio em cascata de contas laranjas por onde passa o dinheiro roubado.

"O Brasil é um mercado hostil e que tem problema de segurança pública"

Fabiana Saenz, especialista de segurança da Zetta, associação que representa as fintechs

Série especial __A14 a A16

Avanço da esquerda na América Latina levanta riscos

Crise econômica e pandemia encorpam descontentamento que reverte ascensão conservadora e favorece ressurgimento da esquerda da região.

65%

é taxa anual da inflação na Argentina, país da 'onda rosa'

Justiça __A8

Bolsonaro ignora prazos de respostas determinados pelo STF em ações

De 13 processos no STF, o presidente desrespeitou o limite de tempo em 11 ações. Em duas, não se manifestou.

Defesa da democracia __A9

'Sociedade civil e entidades acordaram', diz Neca Setubal

Signatária da carta em defesa da democracia, a socióloga acredita que ato do dia 11 vai gerar um 'efeito prático'.

Agenda Estadão __A10 e A11

Retrocesso na pandemia impõe investimentos em ensino básico

Por ano, Brasil investe US$ 3,4 mil por aluno, e há risco de que o valor caia. Nações da OCDE aplicam US$ 10 mil.

E&N Link __B16

Começa a surgir um concorrente de peso para o Google: o TikTok

Com um algoritmo poderoso, TikTok vira primeira opção como ferramenta de buscas para muitos usuários.

Notas e Informações __A3

O Centrão não é destino

Eliane Cantanhêde __A9

Partidos lançam mulher como quebra-galho

Rosely Sayão __A20

Há homens que dão novo sentido à paternidade

Tempo em SP
15° Mín. 24° Máx.

ISSN - 1516-293-1

MARIANA CARNEIRO
TWITTER: @COLUNADOESTADAO
COLUNADOESTADAO@ESTADAO.COM
POLITICA.ESTADAO.COM.BR/BLOGS/COLUNA-DO-ESTADAO/

Coluna do Estadão

Campanha de Tebet mira eleitores de Janones e reforça estratégia digital

A campanha de Simone Tebet (MDB) quer aproveitar a desistência de André Janones (Avante) e a possível saída de Pablo Marçal (Pros) da corrida presidencial para reforçar o discurso de que a senadora é "a real representante do centro democrático". O intuito é tentar atrair novos votos. A avaliação é de que parte dos eleitores de Janones e Marçal não quer nem Lula, nem Bolsonaro, independentemente da aliança costurada pelos políticos. Por isso, Tebet quer se vender como alternativa, investindo principalmente em inserções nas redes sociais, campo onde Janones e Marçal são fortes. Enquanto Tebet tem 184 mil seguidores no Instagram, Janones e Marçal têm cerca de 2 milhões cada um.

● **AMBIENTE.** Para ter ideia do alcance de Janones nas redes, o apoio dele a Lula (PT) foi mencionado em mais de 22 mil posts no Twitter, Facebook e Instagram entre quarta e sexta-feira. O levantamento da consultoria Quaest estima que as publicações tenham alcançado 49 milhões de internautas. O assunto figurou entre os três mais comentados nas redes dos dois políticos - na de Lula, o campeão foi o comício em Teresina (PI).

● **FERMENTO.** Ex-presidente da Câmara, preso na Lava Jato acusado de ter contas não declaradas na Suíça, Eduardo Cunha (MDB) informou ao TSE patrimônio 755% maior, neste ano, do que em 2014, última eleição em que concorreu.

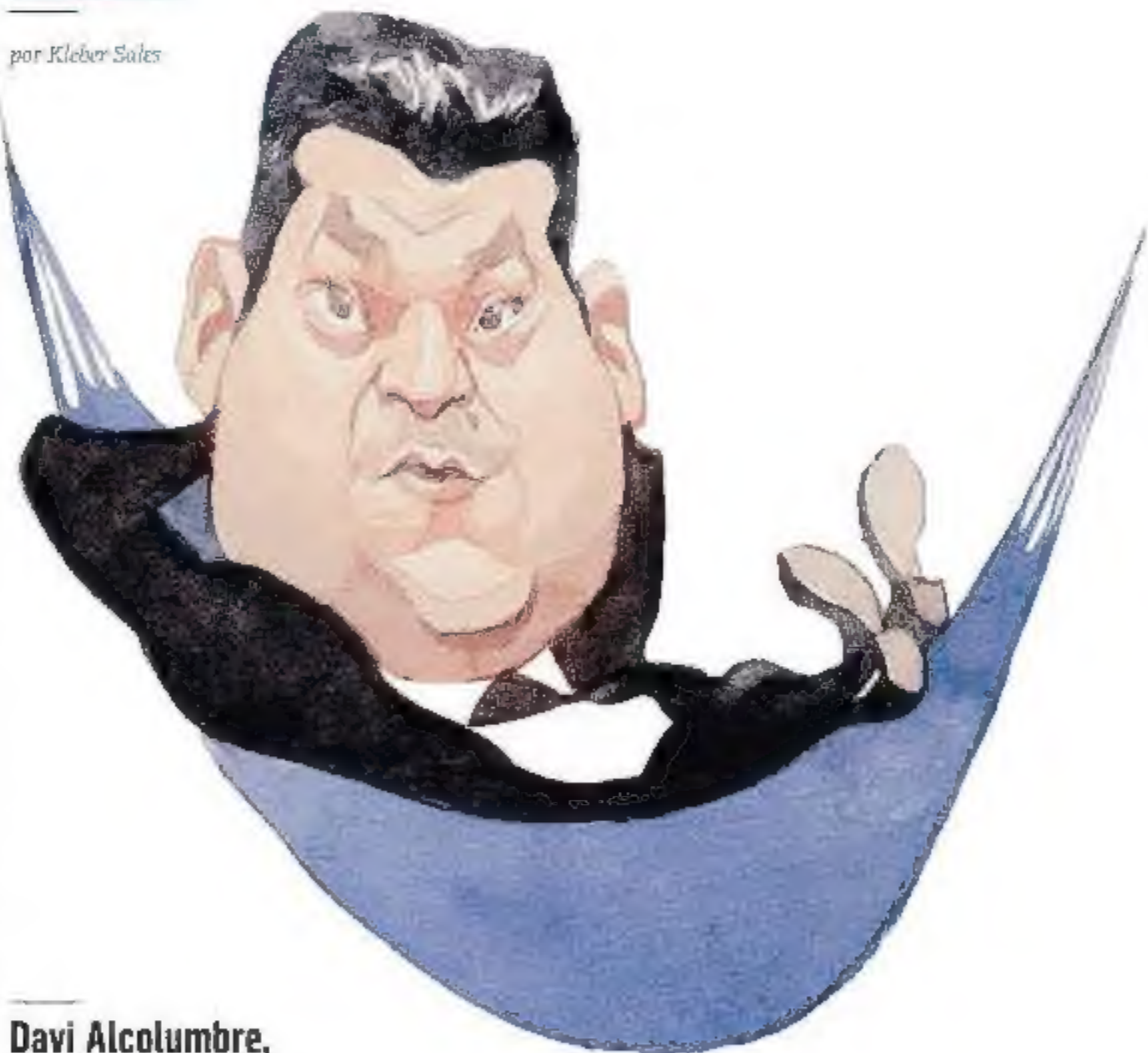
● **FERMENTO 2.** Em 2014, Cunha alegou ter R$1.649.226,10 em total de bens. Neste ano, o valor passou para R$14.106.214,01. No mesmo período, a inflação acumulada (IPCA) foi de 62%.

● **DE NOVO.** O governo tentou adiantar a indicação dos ministros do STJ escolhidos por Jair Bolsonaro, mas **Davi Alcolumbre** (União-AP) atrapalhou os planos. A ideia era fazer as sabatinas antes da eleição. Mas Alcolumbre disse não querer se ausentar do Amapá, onde disputa reeleição, para presidir a CCJ. No ano passado, Alcolumbre adiou por meses a sabatina de André Mendonça ao STF.

● **DEPOIS.** O início das campanhas atrapalhou o governo em outras áreas. Havia intenção de votar o marco da energia eólica offshore, mas o presidente da Comissão de Infraestrutura do Senado, Dário Berger (PSB), alegou compromissos em SC. A votação deve ficar para depois da eleição.

● **PODE?** Randolfe Rodrigues (Rede-AP), apoiador de Alessandro Molon (PSB), quer saber se o TSE autoriza que um mesmo CPF compre mais de um ingresso para shows de arrecadação.

SINAIS PARTICULARES

por Kleber Sales

Davi Alcolumbre,
Senador (União-AP)

● **BERRANTE.** Com viagem prevista para o Mato Grosso neste mês, Geraldo Alckmin (PSB) vai apresentar ao agronegócio propostas baseadas em três eixos: aumento da produção sustentável com a oferta de juros mais baixos para boas práticas ambientais; investimento em novas tecnologias; e reaproximação do Brasil de parceiros como a China.

● **BERRANTE 2.** "Nós vamos principalmente pra ouvir", disse Alckmin. A viagem é organizada por Neri Geller (PP-MT) e pelo senador Carlos Fávaro (PSD-MT).

COM JULIA LINDNER E GUSTAVO CÔRTES

PRONTO, FALEI!

Eduardo Girão
Senador (Podemos-CE)

"Defendi como pude a candidatura própria do partido à presidência pela pauta anticorrupção, mas a maioria quis se aliar ao MDB. Não concordo, mas respeito."

CLICK

REPRODUÇÃO

Alessandro Molon
Candidato ao Senado (PSB-RJ)

Posou ao lado de Heloísa Helena (Rede) e Carlos Minc (PSB), nomes da esquerda que o apoiaram ao Senado, em detrimento do petista André Ceciliano.

Publicado desde 1875

NOTAS E INFORMAÇÕES

O Centrão não é destino

Ao contrário das aparências, Brasil não está fadado a conviver com a política daninha simbolizada por Arthur Lira e Ciro Nogueira. O País é capaz de criar um arranjo político decente

A sociedade civil se ergueu para afirmar em alto e bom som que o regime democrático, reconquistado à custa de muito sofrimento, é inegociável e que sua defesa está acima de divergências político-ideológicas que possam dividir os cidadãos. Está claro que os delírios autoritários do presidente Jair Bolsonaro podem excitar suas noites insones e estimular a imaginação dos fanáticos liberticidas que ainda o apoiam, mas não vão além disso. A subversão da ordem constitucional sonhada pelo presidente da República, para se sustentar no tempo, exigiria um grau de força – material e política – e um espectro de apoios que Bolsonaro, definitivamente, não tem e nem terá.

Isso ficou evidente com a massiva adesão popular à *Carta às Brasileiras e aos Brasileiros*, manifesto cívico organizado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em defesa do Estado Democrático de Direito e da Justiça Eleitoral.

A *Carta* idealizada no Largo de São Francisco tem o mérito histórico de agregar diferentes segmentos representativos da sociedade – do capital e do trabalho – em torno da defesa inarredável da democracia e das eleições periódicas. Mas os ataques de Bolsonaro ao sistema eletrônico de votação, e à própria realização da próxima eleição, são apenas o mais imediato dos problemas pelos quais passa a democracia brasileira.

Depois que as próximas eleições forem realizadas, e seus resultados forem homologados pela Justiça Eleitoral e reconhecidos por todas as pessoas decentes no País, exatamente como tem acontecido sem incidentes nas últimas décadas, será preciso redesenhar o modo como o País se governa. A se manter o modelo atual, em que os fiadores do governo enfraquecem o Executivo e controlam o Orçamento sem qualquer transparência e sem respeito aos eleitores e contribuintes, não se pode falar em vigor democrático, mesmo que as eleições sejam, como serão, as mais limpas e justas da história.

O modo como o Orçamento é elaborado e executado está na essência da democracia, pois diz respeito ao zelo com o dinheiro público e ao debate sobre a destinação desses escassos recursos. Quando o Orçamento é dominado por um punhado de partidos e caciques, que tomam para si a tarefa de escolher como e onde o dinheiro público será gasto, sem prestar contas aos cidadãos, não se pode falar em democracia.

Lutar pela democracia, portanto, é também lutar para que a destinação de bilhões de reais em recursos públicos seja submetida ao interesse nacional, e não ao paroquialismo do Centrão. Defender a democracia, num país presidencialista, é resgatar a autoridade do futuro presidente da República de ser o grande indutor da agenda nacional. Isso se perdeu pela fraqueza moral e política do atual mandatário. Entre os muitos males que causou, Bolsonaro rebaixou a democracia brasileira a um patamar humilhante, e nada indica que, se reeleito, será capaz de fazer diferente. Sua recondução, portanto, condenará a democracia brasileira a um longo inverno.

Não são poucos, contudo, os que consideram que, seja lá quem ocupe a Presidência a partir de 2023, tudo ficará como está. Talvez por apatia, tem-se por certo que o Brasil está condenado a viver sob o jugo desse arranjo predatório. Nada mais longe da verdade.

É perfeitamente possível que as relações entre a Presidência e o Congresso se deem em termos minimamente republicanos. Ao contrário das aparências, a associação perniciosa entre Bolsonaro e o Centrão, assim como, antes dela, o consórcio criminoso entre o PT e os mensaleiros, não são as únicas formas de governar o País. A história mostra que a formação de coalizões de governo não implica, necessariamente, corrupção ou cessão de responsabilidades para parlamentares desprovidos de espírito público. Trata-se de dividir o poder, o que é absolutamente normal em uma democracia. A anomalia, que chegou ao paroxismo no atual governo, está no propósito espúrio que anima o exercício de todo esse poder. E é isso que precisa mudar. Unida em torno de uma causa comum, como essa, a sociedade tem condições de dar o destino que quiser ao Brasil. ●

A 'reforma tributária invisível' de Guedes

Considerar que a mera redução de impostos seja o equivalente a uma reforma tributária, como fez o ministro, é piada de mau gosto que resume a tacanha visão bolsonarista de mundo

O País em que vive o ministro da Economia, Paulo Guedes, não é o mesmo em que vive a maioria dos brasileiros. No Brasil de Guedes, a economia estaria no início de um longo ciclo de crescimento, com investimentos bilionários contratados para os próximos anos, inflação controlada e geração consistente de empregos. Até aí, seria possível argumentar que o ministro tenta injetar no mercado um otimismo próximo do que seria uma profecia autorrealizável, ainda que não seja esse o papel que dele se espera. Mas enquanto o futuro é uma abstração, o passado e o presente são incontestáveis, e brigar com uma realidade muito palpável é simplesmente distorcer fatos. É isso que o ministro fez nesta semana ao dizer, num evento de investidores, que o governo Jair Bolsonaro fez uma "reforma tributária invisível".

Na narrativa de Guedes, medidas como a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e a imposição de um teto para o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) de bens essenciais, como combustíveis e energia, seriam evidências do trabalho silencioso do governo no que diz respeito ao avanço das reformas. Convicto de que percorre o caminho correto, o ministro prometeu zerar o IPI caso o presidente Jair Bolsonaro seja reeleito. Para além do fato de que a atual administração teve o mérito de reinaugurar um litígio com Estados que já chegou ao Supremo Tribunal Federal (STF) – e do qual a União muito provavelmente se sagrará perdedora –, Guedes demonstrou uma profunda incompreensão sobre a essência de uma reforma tributária e sobre a importância de um governo ter um projeto de país.

São muitas as distorções do nosso sistema tributário. Gastam-se muito tempo e dinheiro para pagar impostos, o que drena a produtividade e a competitividade da economia. Há regimes paralelos – lucro real, lucro presumido e o de profissionais autônomos – que tributam um mesmo serviço de forma absolutamente distinta, como bem explicou o diretor do Centro de Cidadania Fiscal, Bernard Appy, em sua coluna no **Estadão**. No longo caminho entre a produção de soja e o embarque no porto, há diferentes alíquotas de impostos a depender do regime de tributação do produtor, do subproduto final e dos Estados de origem e destino. Com maior proporção de tributos sobre o consumo em detrimento da renda, o Brasil não combate desigualdades e, pior, as amplia.

Mas há algo em comum a todas essas distorções: todas são velhas conhecidas. Combatê-las, portanto, seria prioridade de qualquer governo com algum nível de responsabilidade e liderança. Construir uma proposta consensual em torno de uma reforma tributária é algo tão desafiador quanto necessário para que a economia volte a crescer, gerar empregos e reduzir a pobreza. Há diferentes formas de chegar a um mesmo objetivo, mas nenhuma delas passa por, às vésperas de uma eleição presidencial, reduzir as receitas de Estados e municípios sem compensação, tampouco por baixar impostos sem que haja contrapartida dos setores beneficiados ou garantia de que essa queda chegará ao consumidor final. Isso, certamente, não pode ser chamado de reforma tributária, visível ou não.

Ademais, a elaboração de uma proposta de reforma tributária deveria ser precedida pelo dimensionamento do Estado que temos e do Estado que almejamos ser, o que demandaria um projeto de governo – hoje inexistente. Milhões de famílias voltaram a passar fome todos os dias, mas o País nunca foi capaz de entregar serviços que garantissem um mínimo de dignidade aos mais pobres. O primeiro passo para resolver essas mazelas é enxergá-las, posto que não são invisíveis como a reforma que Guedes se jacta de ter feito. Com desafios históricos ainda a serem enfrentados, o Brasil deve almejar mais eficiência na execução do gasto público, mas não pode se dar ao luxo de nortear suas decisões pela redução de impostos. Abrir mão de receitas que possam financiar a solução destes problemas é o mesmo que aceitá-los como algo natural e imutável, o que diz muito sobre a visão de mundo de Guedes e de Bolsonaro. ●

ESPAÇO ABERTO

Método científico e conversa de botequim

Claudio de Moura Castro

Pesquisadores de primeira linha concordam, o método científico é uma das maiores conquistas da humanidade, considerando os benefícios trazidos pela ciência. E defendemos, aqui, a tese de que oferece também uma orientação preciosa para lidar com assuntos do nosso cotidiano, até nas conversas sérias de botequim, sendo mesmo uma vacina anti-*fake news*. Contudo, nesse uso as regras são diferentes.

Talvez o impacto mais poderoso do método seja a cumulatividade que adquire a ciência que por ele se pauta. Ou seja, se pesquiso hoje uma tese nova, não tenho de refazer todo o conhecimento que a precedeu. Tomo as pesquisas sérias como sendo a melhor aproximação da verdade. Cada cientista põe o seu tijolinho nessa construção – alguns gênios põem um tijolão.

Os resultados dos meus antecessores merecem confiança, sempre que se cumpriram as fastidiosas exigências do método científico. Se há amostras, sua seleção foi judiciosa. Os dados merecem confiança e foram tratados corretamente. E por aí vai. No fundo, permitem a qualquer um repetir os procedimentos usados. E, se isso for feito, os resultados seriam os mesmos, pois a natureza pode ser fugidia, mas não é desonesta.

Aleluia! Cumprida essa liturgia metodológica, alguma coisa quase mágica acontece com a pesquisa. Se meus leitores não conseguem encontrar falhas, omissões ou enganos nos meus procedimentos, o método científico os proíbe de discordar dos meus resultados. Checam-se os processos. Não se encontraram falhas? Então, os resultados têm de ser engolidos, mesmo a contragosto.

Na prática, os dados podem ser imperfeitos, simplificamos demais os procedimentos ou deixamos de incluir fatores potencialmente relevantes. Daí aparecerem resultados conflitantes ou contraditórios. Cada cientista furiosamente defende as suas teses e o campo parece caótico. É assim mesmo.

Para alguns defensores da ivermectina, é preciso tomá-la logo que aparecem sintomas. Mas, nessas horas iniciais, é impossível gerar um grupo de controle aleatório para receber o placebo. Sendo assim, é dificílimo conduzir pesquisas "padrão ouro" testando a eficácia desse uso. As que têm placebo são de pacientes já hospitalizados. Permanecemos num limbo inconclusivo.

> ***Ante um problema, se não temos condições de avaliar o que a ciência diz, temos de escolher cuidadosamente quem o faça para nós***

Porém, com a acumulação de estudos, começam a emergir os consensos em quase todos os campos. Assim caminha a ciência.

Se o método científico revelou-se tão potente, deve ser também útil para os assuntos controvertidos que lemos nos jornais. De fato, mas há uma grande diferença.

A ciência de hoje se tornou muito especializada. Tenho um doutorado em Economia. Mas apenas entendo uns poucos *papers* da mais recente *American Economic Review*. Portanto, não podemos esperar do público que consulte fontes incompreensíveis até para cientistas da mesma área. O caminho é outro.

Para o método científico clássico, não interessam o autor, suas crenças, onde publicou e tudo o mais. A proposição científica não se apoia em reputações. O Nobel de Linus Pauling não o protegeu de seu engano quanto à vitamina C. E um médico de roça demonstrou que antibiótico cura úlcera, ao arrepio das prima-donas da época. Porém, se dentro das subáreas da nossa profissão já não entendemos tanto, a receita não serve para um leigo no assunto, como somos todos, afora em alguns poucos campos do conhecimento.

No nosso cotidiano, temos de formar opinião sobre múltiplos assuntos. Alguns são sobre valores ou ideologia, no que a ciência nada tem a dizer. Há os que não justificam gastar tempo. Em outros, não alcança nosso conhecimento técnico. E não queremos ser enganados por *fake news*. Nesses últimos dois casos, a ciência ajuda, mas o jeito de chegar a ela é diferente.

Se nos falta fôlego ou conhecimento para avaliar as abundantes pesquisas, temos de escolher criteriosamente os cientistas que vão fazer isso para nós. Qual a sua formação? Como é visto nos meios científicos? Publicou em periódicos de sólida reputação? Anda na contramão de outros cientistas respeitados que lidam com o mesmo tema? Que bibliografia citam? Prêmio Nobel de Literatura falando de DNA recombinante não merece credibilidade. E por aí afora. Claro, ouvir leigos é erro primário.

Anthony Fauci merece menos créditos pela sua posição no governo americano do que por ser o 12.º americano mais citado em publicações científicas afins. É óbvio, ele pode errar e já errou. Mas temos de fazer nossas apostas. Em contraste, nosso Congresso longamente ouviu um "consagrado perito" em questões de meio ambiente. Porém, ao examinar seu currículo, revelou-se que suas pouquíssimas publicações em revistas científicas sérias eram sobre outro assunto.

É isto, diante de um problema, se não temos condições de avaliar o que diz a ciência, temos de escolher cuidadosamente quem o faça para nós. Ou seja, avaliamos a credibilidade das pessoas, e não dos estudos. Um bom começo é consultar os jornais e revistas mais respeitados por sua cobertura científica. E, quando cientistas respeitados discordam, o melhor que podemos fazer é suspender julgamento. É estultice pontificar. ●

M.A., PH.D., É PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO

FÓRUM DOS LEITORES

Varíola dos macacos

O mundo assustado

Enquanto ainda não nos livramos da pandemia de covid-19, vemos agora o mundo assustado – e com razão – com a rápida disseminação da varíola dos macacos. Na quinta-feira, os Estados Unidos declararam emergência de saúde pública por causa da doença, e em São Paulo o secretário estadual de Ciência, Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde, David Uip, anunciou que está criando uma rede de 93 hospitais e maternidades que serão referência para atender pacientes infectados pela varíola dos macacos. Hoje, entre os 1.298 pacientes infectados no Estado, há também grávidas e crianças. O infectologista David Uip alerta: "Pode acontecer com todos". Cabe, ainda, mencionar a recomendação vinda da Organização Mundial da Saúde (OMS) para que gays e bissexuais reduzam o número de parceiros sexuais a fim de conter a infecção pela doença. No dia 23 de julho, a OMS já havia declarado "emergência global" por causa da varíola dos macacos.

Paulo Panossian
paulopanossian@hotmail.com
São Carlos

Eleições 2022

Plano de governo

Cumprimento o grupo de notáveis – formado pelos economistas Bernard Appy, Pérsio Arida, Francisco Gaetani e Marcelo Medeiros, pelo advogado Carlos Ari Sundfeld e pelo cientista político Sérgio Fausto – pela proposta de plano de governo (**Estado**, 5/8, B1 a B3), mas senti falta da proposta de ter um aumento nos impostos de importação. O aumento desses impostos traz, no primeiro momento, maior inflação, mas possibilita no longo prazo maior desenvolvimento da indústria e mais emprego. Precisamos de um plano de governo que promova o desenvolvimento de longo prazo, e não de cortar impostos de importação, como este governo está fazendo, para reduzir a inflação e prejudicar a indústria nacional no longo prazo.

Martinho Isnard R. de Almeida
martinho@usp.br
São Paulo

Romper a bolha

Pelo que li em *Notáveis propõem plano de governo* (**Estado**, 5/8, B1), infelizmente, temos apenas um rol de sugestões tímidas, muitas delas de natureza fiscalista, que tratam o Brasil como uma bolha separada do resto do mundo, como se fosse um mero experimento acadêmico. O que o novo governo deve fazer para recuperar a competitividade industrial? Como adaptar o País para a nova economia de serviços? Como gerar mais riqueza, emprego e renda no curto, médio e longo prazos? Como reverter a situação atual em que Brasília está, na prática, insulada do que ocorre com os cidadãos e cidadãs comuns? Como reduzir os cargos de livre provimento e as benesses do poder? Se não há respostas claras para essas perguntas essenciais, qual é a vantagem de nos debruçarmos sobre este tipo de plano? Para pensar. Tristes trópicos.

Fernando T. H. F. Machado
fthfmachado@hotmail.com
São Paulo

Depois de dezembro

O governo Bolsonaro vai liberar empréstimo consignado para pessoas que recebem Auxílio Brasil. Como o auxílio será pago só até dezembro de 2022, depois disso qual será a receita que o governo terá para ajudar quem pegou empréstimo a quitar sua dívida?

Virgílio Melhado Passoni
mmpassoni@gmail.com
Jandaia do Sul (PR)

De pesadelo a pesadelo

Análise correta a do jornalista Fernando Gabeira em *Uma carta e algumas notas pela democracia* (5/8, A6). No último parágrafo, quando ele se refere a um grande esforço social no debate de uma agenda para o País, vinculando essa agenda aos inúmeros passos para "acordarmos do pesadelo bolsonarista", só ficou faltando deixar claro que, ao sairmos de um pesadelo, não podemos cair em outro, representado pela volta de Lula ao poder.

Carlos Ayrton Biasetto
carlos.biasetto@gmail.com
São Paulo

Democracia prevalecerá

Aplausos ao **Estadão** pelo editorial *Quando é necessário dizer o óbvio* (5/8, A3). Seja quem for o eleito em outubro, por mais que dele se desgoste ou que quanto a suas ações e intenções haja dúvidas e críticas, o respeito às urnas é imperioso. No entanto, golpistas e autocratas não se fiam pela lógica, muito menos pela lei, para se manterem no poder. As cartas e manifestações em apoio à democracia refletem uma parcela significativa da população esclarecida, mas estão longe de conter os armados e desalmados deste país.

Adilson Roberto Gonçalves
prodomoarg@gmail.com
Campinas

MUSEU DO IPIRANGA — USP

Imagem: Natália Cesar

FALTAM 30 DIAS PARA VOCÊ CONHECER O NOVO MUSEU DO IPIRANGA

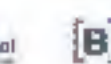
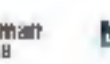
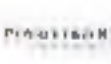
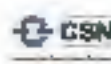
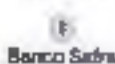
Dia 07 de setembro, a gente se reencontra no novo Museu do Ipiranga.

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado e saiba mais.

PATROCÍNIO

COPATROCÍNIO

EMPRESA PARCEIRA

APOIO

PARCERIA DE MÍDIA

REALIZAÇÃO

ESPAÇO ABERTO

Crianças e adolescentes num país faminto

Raquel Franzim e Ana Claudia Cifali

Ao longo dos primeiros 18 anos de vida, a criança e o adolescente vivem transformações físicas, cognitivas e emocionais que estruturam os anos que seguem e a vida adulta. Esse período, que é breve, produz efeitos duradouros. É por isso que o dado revelado de que o número de pessoas passando fome dobrou do final de 2020 para o começo de 2022 em lares do País com crianças de até 18 anos (25,7% das famílias) é o anúncio da tragédia humanitária que vivemos no presente com potencial de arruinar uma geração inteira no futuro. Durante as férias escolares, com a interrupção da oferta de merenda escolar, este quadro se agrava ainda mais.

Apenas 26% das crianças de 2 anos a 9 anos no Brasil fazem três refeições por dia. Famílias negras e chefiadas por mulheres são as mais impactadas, escancarando como a raça e o gênero são características decisivas para uma vida de privações e para a desigualdade na garantia de direitos em nosso país. A alimentação é o direito social mais básico da vida humana. A interrupção do acesso regular e permanente à alimentação de qualidade e em quantidade suficiente gera um efeito cascata nos demais direitos, impactando o desenvolvimento e freando a autonomia humana, essencial para um Estado Democrático de Direito.

Uma criança que passa fome não deveria preocupar apenas sua família: é a demonstração de que toda a responsabilidade compartilhada prevista no artigo 227 da Constituição federal falhou. Falhamos nós, sociedade e suas instituições, e falham os governos, que deveriam protegê-la acima de tudo, em primeiríssimo lugar, de toda ordem de violência e crueldade que a fome provoca.

Entre os direitos sociais mais afetados ao passar fome encontra-se o direito à educação. Tanto não há condições para aprender, participar e se desenvolver integralmente que o País criou ainda em 1954 o consolidado Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae). Posteriormente, foi incorporado como direito na Constituição federal de 1988 nos artigos 205 e 208 como um programa suplementar, ou seja, fundamental na garantia de qualidade na educação.

Responsável por garantir 15% das necessidades nutricionais básicas da vida, o programa é uma política pública baseada em evidências que comprovam que, do ponto de vista cognitivo, a desnutrição infantil prejudica o desenvolvimento da atenção, a memória, a leitura e a aprendizagem de linguagens como um todo.

Apesar do agravamento do cenário da fome, o FNDE vem reduzindo a previsão e a execução orçamentárias do Programa Nacional de Alimentação Escolar

A equação é simples: com menos energia e nutrientes, a performance ao participar da vida escolar diminui e as dificuldades de aprendizagem aparecem. Importante destacar que a fome provoca efeitos sistêmicos no desenvolvimento da criança, desde o crescimento neuromotor abaixo do esperado até, também, prejuízos em habilidades socioemocionais como iniciativa e tomada de decisão. Além disso, permanecer na escola nessas condições se mostra difícil, em alguns casos gerando o abandono escolar para busca de trabalho na tentativa de ampliar a renda familiar, como aponta relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em 2020.

Por isso, uma boa alimentação escolar é fundamental, inclusive no período de férias, com programas próprios e específicos para alcançar as crianças e adolescentes que passam fome. Ainda que não responda a todo o problema da fome e da pobreza, a alimentação escolar faz parte da adoção de uma estratégia multidimensional, que inclui a elevação da agenda como prioridade política, com programas consistentes de redistribuição de recursos, assistência, renda e trabalho, sobretudo para as famílias mais afetadas. Infelizmente, dados revelam que o País não apenas deixou de apresentar essas soluções, como, em virtude das escolhas políticas recentes do governo federal, empurrou mais pessoas para a privação alimentar.

Com baixa competência técnica do Ministério da Educação (MEC) para resolver os problemas estruturais do setor durante a pandemia de covid-19, o governo federal tem priorizado questões irrelevantes para a população, entre elas o ensino domiciliar, e passa a escrever, agora, mais um capítulo desesperador. O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), órgão técnico vinculado ao MEC, palco recente de disputas políticas, vem nos últimos anos reduzindo a previsão e a execução orçamentárias do Pnae. Segundo dados do próprio governo federal no Portal da Transparência, a tendência é de diminuição de recursos destinados à alimentação escolar. Tudo isso em meio ao agravamento do cenário da fome.

Em outubro, o País passará por eleições para os governos federal, estaduais e para o Legislativo. Sem ter os direitos de todas as crianças e os adolescentes (especialmente os que passam fome) priorizados hoje, no centro do debate e das políticas públicas, o amanhã pode ser tarde demais para eles e para todos nós como sociedade e país. ●

RESPECTIVAMENTE, DIRETORA DE EDUCAÇÃO E CULTURAS INFANTIS DO INSTITUTO ALANA E COORDENADORA JURÍDICA DO INSTITUTO ALANA

TEMA DO DIA

BRIANA SANCHEZ/REUTERS

Estados Unidos

Teórico da conspiração pagará R$ 250 mi a pais de criança assassinada em massacre

Alex Jones foi condenado no Texas por mentir e dizer que o ataque a tiros na escola infantil Sandy Hook foi uma farsa; ele terá de pagar danos punitivos e compensatórios à família de um menino de 6 anos morto no atentado. ●

Comentários de leitores no portal e nas redes sociais

● "O maior teórico da conspiração da extrema direita é, literalmente, um perturbado!"
EDSON GOMES

● "20 crianças mortas e o patife inventando ladainha para o lobby armamentista."
PRISCILLA CARRIEL

● "Lá, como aqui, a liberdade de expressão não é liberdade para cometer crimes! Mentir, roubar e matar não são um direito."
NTUI AGBOR FELIX MARTIN

● "Um dos gurus do bolsonarismo e da extrema direita... Dá para levar a sério?"
RICARDO BARBARA

NAS REDES SOCIAIS
Veja outros destaques e participe das discussões no Link da Bio do Instagram do Estadão.
www.estadao.com.br/e/linkdabio

Siga o @Estadao nas redes sociais

PRODUTOS DIGITAIS

FERNANDO VERAS/ADIDAS

Exclusividade

Luva de Pedreiro não pode gravar com camisa do Brasil. ●
www.estadao.com.br/e/luva

Estúdio

Warner cancela animação do Scooby-Doo. ●
www.estadao.com.br/e/scoobydoo

Smartphones

Siga os seus colunistas favoritos no aplicativo. ●
www.estadao.com.br/e/app

Av. Eng. Caetano Álvares, 55 - CEP: 02598-900 - São Paulo - SP ● (11) 3856-2122 ● Fax: (11) 3856-2940 ● E-Mail: forum@estadao.com ● Central do assinante: Capital e regiões metropolitanas: 4003-5323 ● Demais Localidades: 0800-014-77-20 ● https://meu.estadao.com.br/fale-conosco ● Central do leitor: (11) 3856-2122 ● faleconosco.estado@estadao.com classificados por telefone: (11) 3855-2001 Preços venda avulsa: SP: R$ 6,00 (segunda a sábado) e R$ 9,00 (domingo). RJ, MG, PR, SC E DF: R$ 6,50 (segunda a sábado) e R$ 10,00 (domingo). ES, RS, GO, MT E MS: R$ 8,50 (segunda a sábado) e R$ 11,50 (domingo). BA, SE, PE, TO E AL: R$ 9,50 (segunda a sábado) e R$ 12,50 (domingo). AM, RR, CE, MA, PI, RN, PA, PB, AC E RO: R$ 10,00 (segunda a sábado) e R$13,00 (domingo). ● Vendas de assinaturas: 0800-014-9000 ● Whatsapp: (11) 98248-2333 ● Vendas corporativas: (11) 3856-2524 ● Agências de publicidade: (11) 3856-2531 ● ca@estadao.com

Poderes

Bolsonaro ignora prazos de respostas determinados pelo Supremo

De 13 processos em andamento na Corte, presidente desrespeitou o limite de tempo em 11 ações e não se manifestou em duas delas

WESLLEY GALZO
BRASÍLIA

O presidente Jair Bolsonaro ignorou todos os prazos de pedidos de explicações dados a ele pelos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Em 13, dos 150 processos contra o governo que tramitam na Corte, os ministros deram entre cinco e 15 dias para manifestação da defesa. Levantamento do **Estadão** mostra que, na maioria das vezes, Bolsonaro descumpriu o limite de tempo. Também há casos em que ele ignorou a Corte.

Desde o início do mandato, Bolsonaro mantém uma relação conflituosa com os magistrados, a quem acusa de ativismo judicial. O presidente já ameaçou inúmeras vezes descumprir decisões da Suprema Corte. No caso dos pedidos de explicações, ele não é obrigado a responder. Segundo juristas, porém, isso significa que as ações serão julgadas sem que o chefe do Executivo tenha apresentado seus esclarecimentos.

Das 13 solicitações, 11 foram respondidas fora do prazo e duas foram ignoradas. Um dos casos segue sem resposta há mais de um mês após o fim do limite de tempo determinado.

Na última sexta-feira, a ministra Cármen Lúcia fez mais um pedido de explicações ao presidente. Deu cinco dias para ele expor os motivos da mudança do desfile de 7 de Setembro do centro do Rio para Copacabana. Ação proposta pela Rede sustenta que a alteração no local da parada militar teria motivação política. O prazo de resposta começa a contar quando a Presidência da República for notificada.

Não é raro ministros estenderem "prazos irrevogáveis" para aguardar respostas de Bolsonaro. No dia 3 de dezembro do ano passado, a ministra Rosa Weber determinou que o presidente se manifestasse em até 15 dias sobre a acusação pela CPI da Covid do Senado de que praticou charlatanismo ao defender medicamentos sem eficácia para a covid-19.

Passados dois meses e 20 dias do prazo, o presidente não havia se manifestado. Em 23 de fevereiro deste ano, a ministra, então, estabeleceu novo "prazo improrrogável" para que Bolsonaro apresentasse sua versão. A resposta só veio, enfim, 19 dias depois do segundo limite de tempo.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO. Depois de ignorar a ministra, Bolsonaro respondeu que suas declarações públicas em defesa de tratamentos comprovadamente ineficazes para o tratamento da covid-19 foram feitas no "exercício da liberdade de expressão" e argumentou que "a opinião política eventualmente divergente não pode ser interpretada como fruto de ilícitos criminais". Com base na explicação, a vice-procuradora-geral da República, Lindôra Araújo, pediu, em julho, o arquivamento do caso.

Bolsonaro também ignorou questionamentos do Supremo mais de uma vez. No início de junho, o ministro Dias Toffoli deu cinco dias para que o governo explicasse a ordem de reajuste de 15,5% nos preços dos planos de saúde, anunciada pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). O presidente nunca respondeu.

A ANS, também questionada, apresentou uma explicação da sua parte oito dias depois do prazo. O processo foi encaminhado para a Procuradoria-Geral da República apresentar parecer e deve retornar ao gabinete de Toffoli, que terá de tomar a decisão sem as justificativas do presidente.

> *"Os prazos curtos visam atender o contraditório, garantir o diálogo institucional entre os Poderes, evitar decisões monocráticas sem a escuta do outro Poder."*
> **Wallace Corbo**
> Professor de Direito Constitucional da FGV-Rio

O presidente adotou o mesmo comportamento quando foi cobrado a explicar ataques a adversários políticos. Foi notificado por críticas ao então governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB). Só respondeu 17 dias após o prazo. Quando o alvo foi a ex-presidente Dilma Rousseff (PT), Bolsonaro tinha 15 dias para se justificar. Manifestou-se seis dias após o prazo.

Além de não cumprir os prazos da Justiça, Bolsonaro, quando se manifestou, deu respostas evasivas na maioria dos casos. Em junho, o ministro André Mendonça estabeleceu prazo de dez dias para que o governo explicasse o sigilo imposto aos registros de visitantes do Palácio do Planalto e a outros atos do governo.

As respostas da Presidência chegaram cinco dias após o prazo determinado e repetiram dados veiculados pela imprensa, como o número de vezes em que os pastores Arilton Moura e Gilmar Santos estiveram na sede do governo.

Como revelou o **Estadão**, os dois foram os pivôs do gabinete paralelo montado no Ministério da Educação (MEC) na gestão do então ministro Milton Ribeiro. Segundo relatos de prefeitos, os pastores cobravam propina em troca da intermediação com o ministro de recursos para educação. O caso segue em aberto com investigações na Polícia Federal, mas o Executivo conseguiu contornar o STF.

Além dos 13 procedimentos em que houve solicitação de respostas, os demais processos no Supremo não avançaram e nem chegaram à fase de pedido de esclarecimentos ou mais informações.

O professor de Direito Constitucional Wallace Corbo, da Fundação Getulio Vargas (FGV-Rio), disse que o presidente pode ignorar os pedidos de explicação do Supremo, mas isso tem consequência: a Justiça terá de decidir sem saber o que o Executivo tem a dizer. Além de, segundo ele, expor a falta de deferência do presidente em relação à Corte.

Os pedidos de informação estão previstos em três leis diferentes que organizam a tramitação de algumas das principais ações que chegam ao Supremo. "Prazos curtos visam atender o contraditório, garantir o diálogo institucional entre os Poderes, evitar decisões monocráticas sem a escuta do outro Poder afetado por isso", afirmou.

PRERROGATIVA. Professor de Direito da USP, Renato Ribeiro disse que o pedido de informações está previsto na legislação e avalia que não há abuso da Corte. "O STF tem o poder de pedir explicação com base no sistema de freios e contrapesos, até porque essas explicações vêm por meio de processos e representações que partidos políticos têm feito contra atos de gestão do presidente. O STF tem, portanto, a prerrogativa de pedir informações e pode decidir sem elas, caso não sejam apresentadas pelo presidente", afirmou.

O levantamento do **Estadão** identificou que boa parte dos pedidos de explicação ocorreu durante a pandemia de covid-19. Em março do ano passado, Bolsonaro disse que "tiranos" estavam esticando a corda ao determinar medidas restritivas. Na ocasião, o presidente afirmou a apoiadores que poderiam "contar com as Forças Armadas pela democracia e pela liberdade".

O caso chegou ao STF e ficou sob a relatoria do então ministro Marco Aurélio Mello. Ele pediu explicações, mas Bolsonaro solicitou que o caso fosse arquivado, sob o argumento de que as declarações tinham "cunho político, sem destinatário certo e específico". Foi atendido. ●

Eleições 2022

Eliane Cantanhêde

E-mail: eliane.cantanhede@estadao.com; Twitter: @ecantanhede

As últimas não serão as primeiras

Federações, partidos e campanhas deixaram para a última hora, ou último dia, o lançamento de candidatas, até a presidente da República, mas, ora, ora, principalmente a vices em chapas para presidente e governadores. Mais uma vez, como sempre, são ótimas mulheres, mas entram como coadjuvantes, ou quebra-galhos. As últimas não serão as primeiras.

Depois de meses de brigas e traições, o "centro democrático", ou "terceira via", minguou sem o União Brasil, jogou a toalha e rendeu-se à única solução disponível: a senadora Simone Tebet (MDB-MS). Se partidos e caciques estivessem unidos e a candidatura largasse com chances, seria mesmo uma mulher?

Tebet, 52, tem preparo, seriedade, princípios e DNA (seu pai, Ramez Tebet, foi um respeitável presidente do Senado) e brilhou na CPI da Covid. Mas, na verdade, só virou a segunda presidenciável, ao lado de Vera Lúcia, do PSTU, porque os tucanos implodiram a candidatura de João Doria e não construíram a de Eduardo Leite.

Igualmente mulher, senadora, advogada, de Mato Grosso do Sul e quase da mesma idade de Tebet, Soraya Thronicke (49) foi lançada à Presidência aos 45min do 2º tempo, depois que o União Brasil, que tem o maior fundo eleitoral e o maior tempo de TV, desistiu da "terceira via", tirou Sérgio Moro do Podemos e da disputa presidencial e queimou combustível com Luciano Bivar, o que foi sem nunca ter sido.

> **Partidos lançam mulheres de última hora, por exclusão, como coadjuvantes e quebra-galhos**

Quando ele parou de brincar e foi disputar a reeleição à Câmara, a alternativa era Luiz Henrique Mandetta, demitido do Ministério da Saúde por Bolsonaro, mas ele exigiu a presidência do partido e o controle do fundo e da TV. Nada feito? Ok. Thronicke, senadora em primeiro mandato, ficou na cabeça de chapa e o ex-secretário da Receita Marcos Cintra, na vice, bloqueando a ida do UB para Jair Bolsonaro ou Lula.

Thronicke bate de frente com Tebet e o Estado de ambas só não teve uma candidata a vice porque Bolsonaro desdenhou da ex-ministra Tereza Cristina em favor de outro general, Braga Netto. E quem escolheu uma mulher para sua vice foi Ciro Gomes, a vice-prefeita de Salvador, Ana Paula Matos, do seu partido, o PDT. Foi por exclusão, depois de esgotadas as tentativas de atrair PSD e UB.

Em São Paulo, com a empresária e professora Lúcia França na vice de Fernando Haddad, a chapa tem dois professores, repete a fórmula PT-PSB de Lula e Geraldo Alckmin e é uma tremenda novidade no principal Estado do País – que já teve 164 governadores e vices, nenhuma mulher –, quando o eleitorado feminino é maioria no País e refratário a Bolsonaro. O que mais pesou, porém, foi o marido de Lúcia, Márcio França. Esse, sim, traz votos.

COMENTARISTA DA RÁDIO ELDORADO, DA RÁDIO JORNAL (PE) E DO TELEJORNAL GLOBONEWS EM PAUTA

SEG. Carlos Pereira e Felipe Moura Brasil (quinzenalmente) ● **TER.** Eliane Cantanhêde ● **QUA.** Vera Rosa e Marcelo Godoy (quinzenalmente) ● **QUI.** William Waack ● **SEX.** Eliane Cantanhêde ● **SÁB.** João Gabriel de Lima ● **DOM.** Eliane Cantanhêde e J.R. Guzzo

Neca Setubal

'Sociedade civil e entidades acordaram'

Para socióloga, reunião com embaixadores, convocada por Bolsonaro, foi 'tiro no pé'

ENTREVISTA

Mestre em Ciência Política e doutora em Psicologia. É presidente do Conselho Curador da Fundação Tide Setubal

ADRIANA FERRAZ

Uma das signatárias da carta em defesa da democracia organizada pela Faculdade de Direito da USP, a socióloga e presidente do Conselho Curador da Fundação Tide Setubal, Neca Setubal, afirma, em entrevista ao **Estadão**, que a democracia brasileira está em "xeque", mas que a sociedade "acordou" após os reiterados ataques do presidente Jair Bolsonaro ao sistema eleitoral e às urnas eletrônicas. Para ela, o ato marcado para o dia 11 no Largo de São Francisco, em São Paulo, será "simbólico", mas vai gerar um efeito prático. "É o que espero", disse.

Como avalia os recentes movimentos em defesa da democracia, como a Carta aos Brasileiros e Brasileiras da Faculdade de Direito da USP?

Esses movimentos são muito importantes. Para enfrentarmos as desigualdades sociais enormes do País precisamos ter uma democracia forte, com uma sociedade civil robusta, plural e ativa, ou seja, falante. A gente tem hoje uma democracia em xeque, com seu sistema e suas instituições sendo questionadas e atacadas. E isso não é de hoje.

A reunião de Bolsonaro com embaixadores estrangeiros para criticar o sistema eleitoral foi o ápice desses ataques?

Esses movimentos de defesa da democracia ganharam muita força depois da reunião com os embaixadores. Para mim, essa ação foi um tiro no pé e só serviu para acelerar toda essa movimentação da qual faço parte já desde 2021. Você não consegue ter um apoio tão maciço a uma carta, que eu acho que vai chegar a 1 milhão de assinaturas até o dia 11, de uma hora para outra e ainda mais reunindo empresários, entidades e organizações tão diversos, da Febraban à Coalizão Negra. Acho que agora sim chegamos a uma frente ampla. A defesa da democracia mudou de patamar.

Acredita que o empresariado vai defender o resultado das urnas se elas derem a vitória ao ex-presidente Lula que, em tese, não é apoiado pelo mercado?

É disso que se trata. Eu fico muito satisfeita em ver como vários empresários de peso têm assinado de forma individual a Carta aos Brasileiros e às Brasileiras. Isso é uma demonstração de que talvez a maior parte dos empresários que têm influência no País, gostem ou não, vai defender o resultado das urnas. Para mim, essa é uma sinalização fundamental, porque a sinalização das organizações da sociedade civil já está dada desde o primeiro dia do governo Bolsonaro. A entrada de grupos empresariais, de advogados e de juristas nesta defesa é o salto que a gente precisava. Foi meio tarde, mas em tempo ainda.

TABA BENEDICTO / ESTADÃO

A socióloga Neca Setubal; para ela, democracia está em 'xeque'

A Fiesp afirma em manifestação recente que sem Estado Democrático de Direito não há liberalismo econômico. Essa percepção é que está crescendo?

No final do dia é muito melhor para o mercado ter regras claras, definidas com transparência, sem autoritarismo. Para mim, a assinatura de empresários do setor financeiro e entidades do mesmo setor expressa que, independentemente do candidato, há uma consciência de que o sistema democrático é melhor para todos. De novo, veio meio tarde, mas em tempo.

Com exceção do presidente Bolsonaro, a senhora vê no discurso dos demais presidenciáveis a defesa necessária da democracia?

Sim. Lula, Ciro Gomes, Simone Tebet e Luiz Felipe d'Avila, por exemplo, são contundentes na defesa da democracia, o que é fundamental. Estamos num momento crucial no Brasil hoje, por isso considero fundamental esses posicionamentos públicos. É difícil vermos os empresários brasileiros se manifestando, por exemplo.

Acha que essa participação social veio para ficar?

Eu tenho certeza que as entidades e as organizações da sociedade civil acordaram e viram que, independentemente do resultado da eleição, essa extrema-direita vai continuar muito ativa e que, portanto, vamos ter um trabalho muito grande, se o Bolsonaro não for reeleito, no processo de reconstrução do País. ●

Eleições 2022
Agenda Estadão

Educação 1. Saúde 2. Governabilidade 3. Privatização 4. Empreendedorismo **5. Educação (1)** 6. Reformas 7. Engessamento

Gasto dos países da OCDE com ensino básico é de US$ 10 mil por aluno/ano. É mais do que o dobro do investido pelo Brasil. No ensino superior, porém, o País gasta US$ 14 mil por aluno/ano

Como investir mais em ensino básico e corrigir a inversão de prioridades na educação?

Mesmo durante a pandemia, que levou a uma crise mundial de aprendizagem, o Brasil ainda investe um terço do que as nações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em seus estudantes da educação básica. São cerca de U$ 3,4 mil por aluno ante cerca de U$ 10 mil, por ano. Muitos desses países direcionaram ainda mais recursos para as escolas nos últimos dois anos de crise sanitária. O orçamento brasileiro ficou na mesma ou até encolheu. No ensino superior público a relação é inversa. O Brasil investe U$ 14.417 por aluno, por ano, segundo dados de 2021, acima da média dos países desenvolvidos, de U$ 13.855.

Apesar de o total em dinheiro para a educação básica ser maior, já que há 45 milhões de alunos nas escolas públicas brasileiras e 2 milhões nas universidades, a diferença é inquietante para um país que pretende crescer. Por isso, será fundamental ao governo eleito no próximo dia 2 de outubro corrigir essa clara inversão de prioridades na educação. Nas últimas duas décadas, o Brasil triplicou o valor investido por aluno no ensino infantil, fundamental e médio, mas chegou a números ainda incomparáveis a outros países. No mesmo período, a Coreia do Sul passou de cerca de US$ 3 mil para US$ 12 mil por aluno/ano. Portugal, de US$ 3,5 mil para US$ 10 mil; Austrália, de US$ 5 mil para US$ 11,5 mil.

Nesta reportagem da jornalista **Renata Cafardo**, o **Estadão** mostra que os próximos anos serão cruciais para que o Brasil não permita que mais gerações saiam da escola sem aprender contas básicas ou encontrar ideias em um texto. Especialistas são unânimes em dizer que é preciso colocar mais dinheiro no ensino básico, mas é imprescindível que o investimento seja em políticas cujas evidências já mostraram melhora da aprendizagem.

"O Brasil perde muito dinheiro com cada jovem que não termina o ensino médio ou que sai sem aprender. A imensa maioria da população está trabalhando abaixo do seu potencial porque a gente falhou em garantir o dinheiro à educação", diz o diretor executivo da Fundação Lemann, Denis Mizne. No último Pisa, prova internacional da OCDE, só metade dos brasileiros de 15 anos chegou ao nível considerado básico em Leitura – condição mínima para participar de uma vida social, econômica e cívica. E só 5% terminaram a escola sabendo resolver problemas com cálculo de probabilidade, segundo avaliações nacionais de 2019.

Nos anos pré-pandemia, a educação brasileira estava longe da ideal, mas vinha numa trajetória de melhora. Agora o País vive, pela primeira vez, um retrocesso. Entre 2007 e 2019, havia crescido de 27,9% para 61% o índice de crianças do 5.º ano que sabia o adequado em Português nos exames do Ministério da Educação (MEC). A prova é bienal e os dados de 2021 ainda não foram divulgados, mas avaliações estaduais já mostram que os alunos voltaram ao desempenho que tinham na década passada por causa do período de escolas fechadas. Foram mais de 260 dias, um recorde mundial.

Prova da OCDE
Só metade dos brasileiros de 15 anos chegou ao nível considerado básico em Leitura

As respostas sobre como melhorar a educação foram sendo apresentadas ao longo das últimas décadas por países como Finlândia, Estônia, Coreia do Sul e Cingapura. Estados e cidades, como Ceará, Pernambuco e Teresina, também se tornaram exemplos com modelos replicáveis. Mas, a maioria do País ainda convive com escolas sem estrutura adequada, secretários de educação e diretores nomeados por indicação política, professores mal preparados e mal pagos. Uma escola em que não se aprende.

Ajudam a piorar o quadro os erros da política educacional do MEC nos últimos anos. No governo Jair Bolsonaro já são quatro ministros. A pasta descontinuou programas e foi o centro de um escândalo que levou o ex-ministro Milton Ribeiro a ser preso, acusado de supostos crimes de corrupção passiva, prevaricação, advocacia administrativa e tráfico de influência após o **Estadão** revelar que pastores passaram a comandar sua agenda. Era uma espécie de "gabinete paralelo" que interferia na liberação de recursos e influenciava diretamente as ações do MEC.

Agora, com a redução do ICMS sobre os combustíveis e o veto de Bolsonaro a uma compensação aos Estados, a educação deve perder ainda mais. O ICMS é o principal imposto financiador da educação no Brasil. A sua arrecadação alimenta o Fundeb, fundo que mantém o ensino básico. A estimativa de redução é de R$ 23 bilhões para a educação nos Estados.

SUCESSO. Os modelos internacionais e nacionais mostram que mais recursos na educação básica devem ir para um grupo de políticas que conjuntamente trazem resultados. São elas: escolas em tempo integral; alfabetização das crianças até o 2.º ano; formação dos professores focada na prática; transformação da docência em uma carreira atrativa; primeira infância; educação profissional tecnológica voltada para as vocações da juventude; internet rápida para alunos e escolas.

O reforço para políticas já em prática, como Base Nacional Comum Curricular e reforma do ensino médio, também precisa voltar a ter atenção. Com a pandemia, tornou-se urgente a recuperação da aprendizagem, priorizando tópicos mais importantes do currículo.

Na Escola Estadual Marilsa Garbossa Francisco, no Capão Redondo, sul de São Paulo, crianças de várias idades deixam suas turmas habituais uma vez por semana e são divididas conforme o conhecimento em Leitura e Escrita. Há alunos de 9 anos, que já deveriam estar alfabetizados, mostrando a idade com os dedos das mãos e sem saber escrever nomes de frutas.

O mesmo se repete no País todo; saltou de 25% para 41% o número de crianças que não se alfabetizaram em 2021. A professora usa letras de plástico, faz jogos e ensina o som com a boca. "Elas voltaram do período em casa muito defasadas, na aprendizagem, na relação com o outro, nas regras", diz a diretora Maria Madalena Andrade.

Escândalo no MEC
Ex-ministro Milton Ribeiro chegou a ser preso, acusado de corrupção passiva e prevaricação

"Gostaria de poder dizer que existem políticas que, se forem feitas muito bem, o Brasil muda de patamar, mas não é possível. É preciso mexer em vários fatores ao mesmo tempo e a capacidade de gestão para isso é maior. Nenhum fator isolado tem impacto grande na educação", diz a diretora executiva do Todos Pela Educação, Priscila Cruz.

A responsabilização no uso dos recursos da educação é também fator crucial, completa o titular da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira do Instituto de Estudos Avançados da USP, Mozart Neves Ramos. Ele cita o programa do Ceará que há anos distribui mais recursos do ICMS para municípios com bons resultados na alfabetização – o Estado tem boa parte das cidades no topo do ranking de educação.

Mecanismo semelhante foi incluído na emenda constitucional que instituiu o novo Fundeb, em 2021. Pelo menos 10% do que é repassado às prefeituras deve passar a ter critérios como resultados em exames e aumento da equidade.

No Paraná, o profissional da rede só pode se candidatar para ser diretor de escola se for aprovado em um curso de gestão da secretaria da educação. Cada escola é acompanhada por um tutor que assiste às aulas e auxilia toda a equipe. "Se a escola não performa, tem frequência baixa, não usa educatron (*plataforma tecnológica do governo*), a gente troca o tutor", diz o secretário de educação Renato Feder, ex-empresário paulista. O desempenho da escola em avaliações e a frequência dos alunos também podem garantir bônus de 14.º e 15.º salários ao diretor.

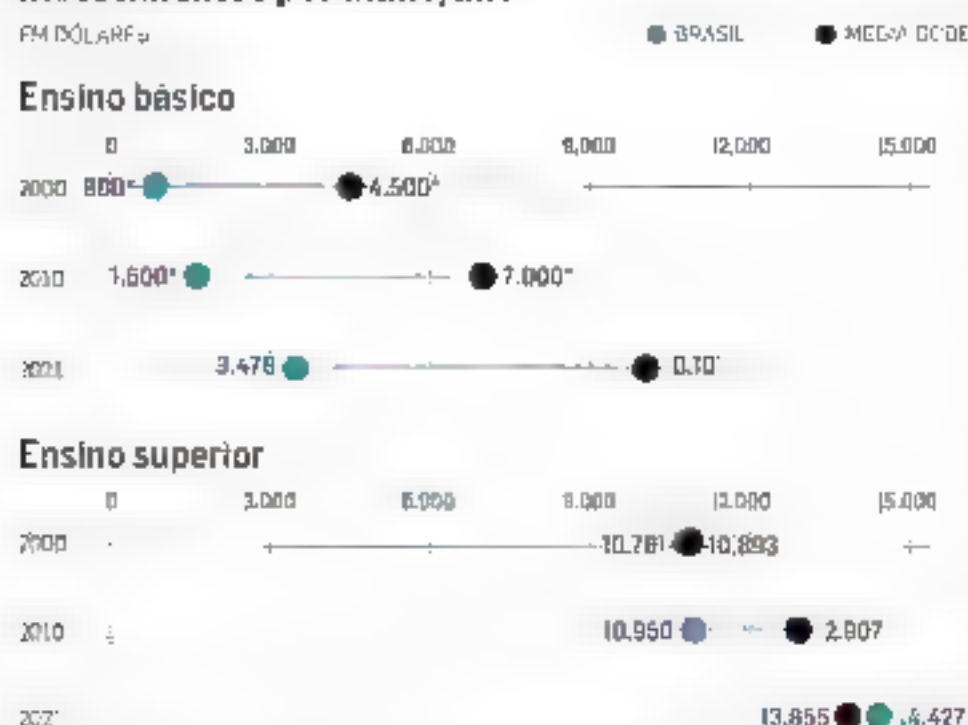
Em Teresina, que tem o maior Ideb do Brasil no ensino fundamental, todos os professores deixam de dar aulas duas vezes por mês para participar de cursos de formação focados nos erros dos seus alunos. Com a volta presencial, os docentes estão sendo treinados para retomar conteúdos. "Não adianta trabalhar com o currículo da série se ele precisa de pré-requisitos", diz a gerente de formação de Teresina Hortiza Neves.

"O MEC tem que reassumir seu papel de coordenação, voltar a ter parcerias com Estados e municípios, olhar o País como um todo, para deixar de dependermos de cases de sucesso", afirma o secretário de educa- →

TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO–11/4/2022

Escola em São Paulo reagrupa turmas para recuperar aprendizagens

DISTORÇÃO

Números da OCDE mostram aumento do valor investido no Brasil por aluno, por ano, na educação básica, mas ainda longe da média entre os países desenvolvidos

ção do Recife, Fred Amâncio, que foi o titular da pasta em Pernambuco e impulsionou a política de escolas em tempo integral. O programa é hoje modelo no País e atinge 75% do Estado.

No Brasil, são só 20% das escolas de ensino médio em um formato com mais horas e não apenas as cinco habituais – países desenvolvidos têm até oito horas diárias. O MEC deixou de enviar novos recursos para ajudar Estados em programas de tempo integral, cujo custo com aluno no início dobra. "Não é só mais tempo. É uma escola integral que precisa de tempo porque tem um currículo diferenciado", explica David Saad, diretor presidente do Instituto Natura. A entidade apoia a política em 20 Estados, com melhoria do desempenho e menor evasão. O currículo é voltado para o protagonismo do jovem, tem orientação de estudos, disciplinas eletivas e tutorias.

Para tudo isso, é preciso melhores professores, mais dinheiro. O salário médio do docente no Brasil é ainda a metade do que se ganha nos países da OCDE. Quase não há avaliação em serviço e muitos são formados em faculdades privadas sem qualidade ou focadas na teoria. Em países como Estônia e Cingapura, as escolas públicas têm autonomia para escolher seus professores e diretores por critérios técnicos e trocá-los se não forem bem avaliados.

"O investimento adicional precisa ser precedido de resultados de boa gestão, senão é jogar dinheiro de helicóptero", completa Priscila. Para Mizne, a educação deve estar no centro do debate eleitoral. "Se em 10 anos o Brasil investir na melhoria do seu sistema educacional, a gente vai mudar de patamar de crescimento, desenvolvimento e desigualdade."

NOVAS FONTES. A discussão sobre novas fontes de recursos para as universidades públicas brasileiras é antiga e reaparece sempre em períodos de crise econômica. Estudos mostram que só transferir parte do que o governo investe em ensino superior para a educação básica não resolveria o problema das escolas e prejudicaria mais ainda a pesquisa brasileira, feita essencialmente nas instituições estaduais e federais.

Entre as soluções estão mudanças para que as universidades possam captar recursos privados e cobrança dos alunos. Ambas, no entanto, enfrentam resistência de parte da sociedade. A tentativa de votação no Congresso, em maio, de um projeto que prevê pagamento de mensalidades causou fortes reações contrárias de estudantes, professores e até artistas.

A forma como o projeto foi apresentado, sem detalhamento sobre quem contribuiria e quanto poderia ser arrecadado, desagradou até economistas que defendem o tema, como Sergio Firpo, do Insper. "Há um serviço educacional prestado que pode ser cobrado. Mas é preciso ser bem estudado para não se criar uma estrutura caríssima de cobrança e não adiantar nada."

Crescimento econômico
Especialistas apontam que investir em educação fará País aproveitar melhor seu potencial de mão de obra

O pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Paulo Meyer acredita que a forma mais justa é a de uma espécie de devolução, cobrada por meio do Imposto de Renda, dos formandos que tiverem altos salários. O modelo funciona bem em países como Austrália e Inglaterra. "Não resolveria todos os problemas de financiamento, mas ajuda. Não podemos ficar só na discussão sobre mensalidade."

A mudança no perfil dos universitários após anos de políticas de inclusão ajuda nessa defesa. Hoje, 70% dos alunos de federais têm renda familiar per capita até 1,5 salário mínimo. Na USP, mais da metade dos calouros vem da rede pública. Um estudo feito pela reitoria, simulando uma mensalidade de valor factível, mostrou que o total arrecadado corresponderia a menos de 10% do orçamento atual, de R$ 7,5 bilhões.

As universidades federais ainda enfrentam redução orçamentária que chegou a 37% em dez anos. Mas, entre 2005 e 2019, o número de alunos subiu de 550 mil para 1 milhão; o de docentes, de 52 mil para 100 mil. "Não dá para fazer pesquisa de alto nível se o orçamento está comprometido com professores e aposentados", afirma Firpo. Ele acredita que é possível mudar a estrutura, hoje engessada, para atrair o setor privado. Áreas de humanidades, em que o investimento privado é mais difícil, poderiam continuar com o financiamento público, segundo ele.

A pesquisadora de políticas públicas da Fundação Getulio Vargas (FGV) Claudia Costin diz que reduzir investimentos em universidades afastaria jovens pobres. O Brasil tem só 17% da população com 25 anos ou mais com curso superior, índice bem abaixo dos países desenvolvidos. "Em tempo de revolução digital, ter uma formação só básica faz com que o jovem seja candidato a trabalhos precários e subempregos." ●

Eleições 2022

J. R. Guzzo

Paraíso perdido

Uma das ideias fixas que o ex-presidente Lula exibe em sua campanha para a Presidência da República, junto com a volta do imposto sindical e a entrega de uma posição de "importância" para o MST no futuro governo petista, é "recuperar" a Petrobras. Na verdade, ele anuncia que vai "recuperar" todas as empresas estatais – que, segundo diz a cada cinco minutos, foram "destruídas" na presente administração. Como assim "recuperar"? À primeira vista não faz nexo. No seu tempo, Lula e a sua sucessora conseguiram um feito inédito na história mundial da indústria de combustíveis: quase quebraram uma empresa de petróleo e, pior ainda, uma empresa que tem o monopólio do setor no Brasil. Só não quebraram porque você e os demais pagadores de impostos deste país tiraram dinheiro do bolso para pagar os prejuízos e impedir a falência. À segunda vista, porém, é perfeitamente compreensível o projeto de fazer a Petrobras voltar "a ser o que era".

A Petrobras de hoje dá lucro; em 2021, aliás, teve mais de R$ 100 bilhões de lucro, o maior dos seus quase 70 anos de história. Neste ano de 2022, só no primeiro semestre, já teve um lucro de quase outros R$ 100 bilhões – mais do que o dobro do que foi obtido no mesmo período do ano passado. O desagradável desta história, para quem quer voltar à Petrobras

> ***Lula e o PT preferem a Petrobras que comprava micos como a refinaria de Pasadena***

de antigamente, é que os lucros vão para os acionistas – a começar pelo Tesouro Nacional, que é o maior acionista de todos. Qual é a graça disso? Lula, o PT e o "campo progressista" não estão interessados em estatal que dá dinheiro ao erário. Preferem, e estão dizendo isso em voz alta, a Petrobras que comprava micos de categoria mundial, como o monte de ferro-velho da refinaria americana de Pasadena. Querem voltar aos tempos da refinaria Abreu e Lima, que deveria ser construída por R$ 2 bilhões, já está custando mais de 20 e até hoje só opera parcialmente. Ou, ainda, estão com saudades de fornecedores como a empresa de sondas que recebia o preço das sondas, não entregava sonda nenhuma e acabou pedindo falência. Essa Petrobras era um desastre para o público pagante, mas uma bênção do céu para os amigos da diretoria, os amigos dos amigos e quem mais tirava proveito do prejuízo que ela tinha. É claro que essa gente está desesperada para recuperar o paraíso que perdeu.

As estatais da era petista deixaram um prejuízo de R$ 40 bilhões. Hoje é o contrário: só em 2021 o lucro ficou perto dos 190 bi, uma das razões pelas quais foi possível aumentar os gastos sociais, reduzir impostos e conseguir superávit das contas públicas. A vontade de voltar ao passado é uma questão de aritmética. ●

JORNALISTA

SEG. Carlos Pereira e Felipe Moura Brasil (quinzenalmente) ● TER. Eliane Cantanhêde ● QUA. Vera Rosa e Marcelo Godoy (quinzenalmente) ● QUI. William Waack ● SEX. Eliane Cantanhêde ● SÁB. João Gabriel de Lima ● DOM. Eliane Cantanhêde e J.R. Guzzo

Internet

Deputados tentam tirar dados negativos de próprios verbetes na Wikipédia

Tentativas foram identificadas e alterações, desfeitas; plataforma é autorregulada e tem baixa desinformação

LEVY TELES

Incomodados com informações apresentadas em suas biografias na Wikipédia, deputados federais e assessores tentam, a dois meses das eleições, remover conteúdos negativos e inserir material favorável. Em alguns casos, ameaçam judicialmente a plataforma para mudar o verbete. A Wikipédia é uma enciclopédia online de livre edição, onde qualquer pessoa pode alterar os verbetes, contanto que siga as regras de bom uso da plataforma.

Ao menos três parlamentares – Luis Miranda (Republicanos-DF), Loester Trutis (PL-MS) e Bia Kicis (PL-DF) – receberam notificações de tentativas de mudar conteúdos. Em maio, a deputada Carla Zambelli processou o Wikimedia, empresa que gere a Wikipédia, para suprimir informações de sua página, limitar as edições das informações e identificar quem alterou indevidamente os dados.

No processo, a deputada pede à Justiça a retirada da afirmação de que ela fez parte do movimento Femen Brazil e que fez uma "vaquinha" online para pagar uma indenização por danos morais de um processo movido pelo ex-deputado Jean Wyllys. Entre junho e julho deste ano, o verbete de Carla passou por 14 alterações.

Entre as 18h21 e às 18h39 do dia 4 de julho, houve nove tentativas de alterar informações da página de Luis Miranda. As mudanças foram revertidas em menos de cinco minutos, e o perfil foi removido e notificado. A página foi trancada e apenas usuários autoconfirmados estendidos, isto é, com ao menos 30 dias de registro e 500 edições podem editar.

Procurado, Miranda disse que o gabinete identificou informações falsas. "Eu sofri um ataque de desconstrução de imagem comprovado pela Justiça. As pessoas foram indiciadas criminalmente", disse. Segundo ele, o gabinete e a Procuradoria da Câmara procuraram a Wikipédia para tentar responsabilizar a edição. Ele afirmou também que uma representação foi encaminhada ao Ministério Público para apurar se há crime em a Wikipédia em não se adaptar à legislação eleitoral.

Em abril, uma usuária com o mesmo nome de uma assessora do deputado Loester Trutis adicionou informações biográficas sobre o parlamentar, revertidas depois sob alegação de que o texto era publicitário. Quase três meses depois, a mesma usuária reinseriu o conteúdo e removeu a informação de que Trutis foi acusado pela Procuradoria-Geral da República (PGR) de forjar o próprio assassinato. As novas alterações foram revertidas seis minutos depois.

Em abril, um usuário com o mesmo nome de um assessor de Bia Kicis fez alterações "a pedido da própria deputada". Uma delas foi a mudança de "extrema-direita" para "direita" na definição do espectro político da parlamentar. No mesmo dia, o mesmo usuário tentou inserir o trecho que dizia que Kicis teve "uma das gestões mais produtivas da história da Comissão de Constituição e Justiça" e tentou excluir informações sobre supostas divulgações de informações falsas nas redes da deputada. Todas as mudanças foram revertidas pelos editores do site.

Procurados, Carla, Trutis e Bia não responderam.

O Wikimedia não firmou memorando de entendimento com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para o combate às fake news, como fizeram outras plataformas. Ao **Estadão**, a Corte informou que não houve, até o momento, contato entre o TSE e a Wikipédia para discutir estratégias de combate da desinformação sobre o processo eleitoral brasileiro. "No caso da Wikipédia, o TSE ainda não recebeu nenhuma denúncia de prática desinformativa em circulação na página", disse o tribunal.

REGULAÇÃO. Para Chico Venâncio, vice-presidente do Wiki Movimento Brasil, o processo de criação de conteúdo da Wikipédia faz com que a desinformação seja muito inferior a outras plataformas, como o Facebook e o YouTube. "É um processo com muitos voluntários e edições não construtivas são corrigidas ou retiradas relativamente rápido".

> **Enciclopédia online**
> **Wikimedia não firmou memorando com o TSE; Corte diz não ter recebido nenhuma denúncia**

Fabrício Polido, especialista na área de Direito Digital, Inovação e Tecnologia, lembra que, na França, o Wikimedia ganhou uma batalha judicial sobre a responsabilidade de conteúdos divulgados. A Justiça francesa concluiu que a empresa não pode ser considerada culpada e responsável pelos conteúdos, já que se trata de uma enciclopédia que armazena artigos.

O **Estadão** detectou 23 termos relativos à política brasileira sob algum tipo de restrição para a edição. Três presidenciáveis estão na lista: Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Bolsonaro (PL) e Simone Tebet (MDB-MS). ●

Na plataforma

Parlamentares tentaram modificar biografias

● **Carla Zambelli**
Processou o Wikimedia para suprimir informações de sua página, limitar as edições das informações e identificar quem alterou indevidamente os dados. Entre junho e julho deste ano, o verbete da deputada teve 14 alterações.

● **Luis Miranda**
Entre às 18h21 e às 18h39 do dia 4 de julho, tentou alterar informações em seu verbete na página nove vezes, após identificar informações falsas. As mudanças foram todas revertidas e o perfil foi removido. Gabinete e a Procuradoria da Câmara procuraram a Wikipédia para tentar responsabilizar a edição. Ele acionou o Ministério Público para apurar se há crime em a plataforma não se adaptar à legislação eleitoral.

● **Bia Kicis**
Um usuário com o mesmo nome de um assessor fez alterações no verbete da deputada, na parte que descreve o espectro político. Mudou de "extrema-direita" para "direita". Todas as mudanças foram revertidas pelos editores do site.

● **Loester Trutis**
Usuária com o mesmo nome de uma assessora de gabinete tentou adicionar dados e remover a informação de que o Trutis foi acusado pela Procuradoria-Geral da República de forjar o próprio assassinato. As alterações foram revertidas.

América Latina • Cenário

'Estadão' começa a publicar série de reportagens sobre a esquerda na região, que cresce no pós-pandemia e ameaça a economia e a democracia

Quais são os riscos do avanço da esquerda na América Latina

JOSÉ FUCS

Quando tomar posse hoje como presidente da Colômbia, Gustavo Petro, de 62 anos, um ex-integrante do grupo guerrilheiro M-19, estará escrevendo um capítulo inédito na história do país, ao se tornar o primeiro político de esquerda a ocupar a Casa de Nariño, sede do governo colombiano.

Com sua eleição, em junho, Petro engrossou a chamada "maré rosa" – uma expressão criada pela própria esquerda para "romantizar" a ascensão em série de seus líderes na América Latina nos últimos anos.

Em outubro, se o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva confirmar as previsões das pesquisas e vencer as eleições no Brasil, o grupo ganhará o reforço de um esquerdista da velha guarda, que ainda é visto como um "guia" pelas esquerdas latino-americanas, apesar dos processos por corrupção que enfrenta na Justiça.

Se Lula realmente voltar ao Palácio do Planalto, a esquerda controlará 13 dos 20 países da região, incluindo as 6 maiores economias, estendendo seus tentáculos de Tijuana, no México, à Terra do Fogo, no Chile e na Argentina (*veja os mapas abaixo*).

REGIME DE TERROR. Com o objetivo de contribuir para a compreensão do fenômeno, o **Estadão** publicará nas próximas semanas uma série de reportagens especiais sobre o crescimento da esquerda na América Latina. Iniciada com esta reportagem, a série vai dar um mergulho em experiências do grupo no governo em diferentes países. Além das reportagens especiais, o **Estadão** deverá publicar uma série de entrevistas exclusivas com analistas, escritores e acadêmicos, do País e do exterior, que acompanham com lupa os acontecimentos na América Latina.

Eufóricos com a conquista e a reconquista de novas e velhas trincheiras, políticos, intelectuais e militantes da esquerda espalhados pela região e pelo mundo apressaram-se em atribuir a ascensão do grupo a um suposto apoio às suas bandeiras e à rejeição das políticas pró-mercado implementadas por governos de direita e centro-direita que estavam no poder. Mas, na verdade, a ascensão da esquerda teve pouco ou nada a ver, de acordo com os analistas ouvidos pelo **Estadão**, com uma guinada ideológica dos eleitores.

"As pessoas falam de uma 'maré rosa', mas o que está acontecendo é uma maré contra os incumbentes. Elas estão votando contra os governos anteriores, independentemente de serem de direita ou esquerda", afirma o cientista político Nicolás Saldías, analista para a América Latina e o Caribe da Economist Intelligence Unit (EIU), ligada ao grupo que publica a revista britânica *The Economist*.

> ***Resumo da ópera***
> ***Os governos de esquerda fizeram da Venezuela um Haiti, da Argentina uma Venezuela e, se bobear, farão do Chile, uma Argentina***

"A esquerda está ganhando as eleições porque mais governos de direita ou de centro estavam no poder", diz o também cientista político Christopher Garman, diretor executivo para as Américas da Eurasia, uma consultoria internacional de avaliação de riscos.

De acordo com Garman, a região está dominada por um profundo sentimento de desencanto, com baixíssimos índices de confiança em relação ao sistema – aí incluídos os partidos, as lideranças políticas e o Judiciário. Apesar de isso ser uma tendência mundial, ele afirma que a América Latina aparece no topo dos rankings globais de desencanto. "A geologia da opinião pública está podre. É esse caldeirão que está elegendo a esquerda."

COMMODITIES. O processo de deterioração começou em meados da década passada, com o fim do ciclo de alta dos preços das commodities, que beneficiou tremendamente a primeira onda de governos de esquerda na região, a partir dos anos 2000.

A economia dos países latino-americanos, altamente dependentes da exportação de commodities, perdeu força. A classe média emergente deu marcha à ré na escala social. Milhões de pessoas voltaram para a pobreza. A insatisfação cresceu de forma considerável.

Houve manifestações contra a baixa qualidade dos serviços públicos, como as que ocorreram no Brasil, em 2013, que de-

RETRATO LATINO-AMERICANO

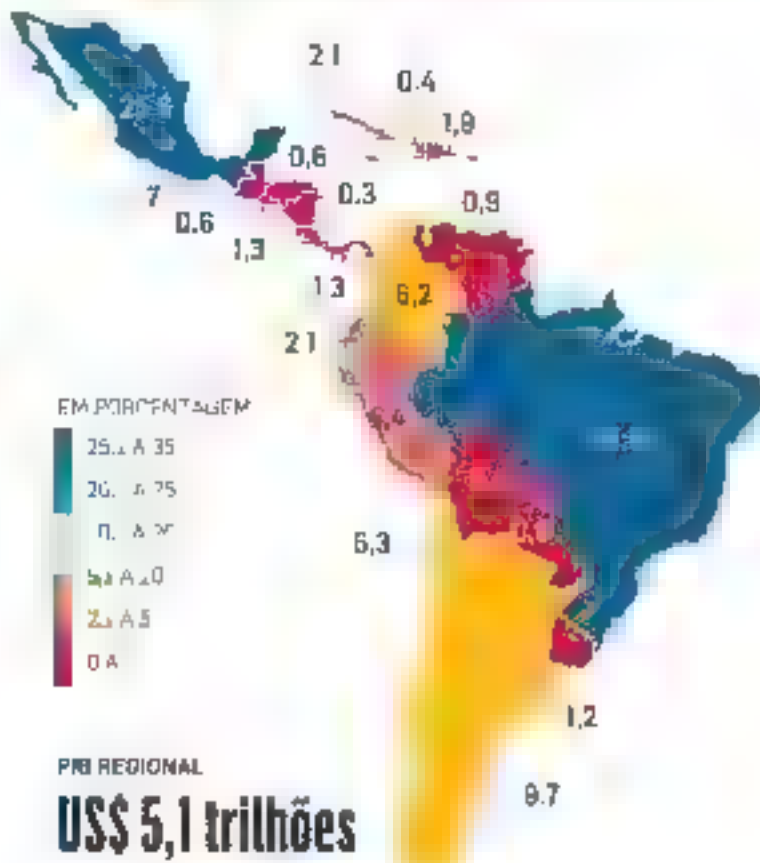
Com governos de esquerda e centro-esquerda em 12 países, que representam 60% do PIB da região, a América Latina é marcada pelo intervencionismo estatal na economia, pelo baixo nível de renda da população e pelo alto grau de corrupção no setor público

Ideologia
Orientação política do atual governo

PIB
Participação no PIB total da região em 2021

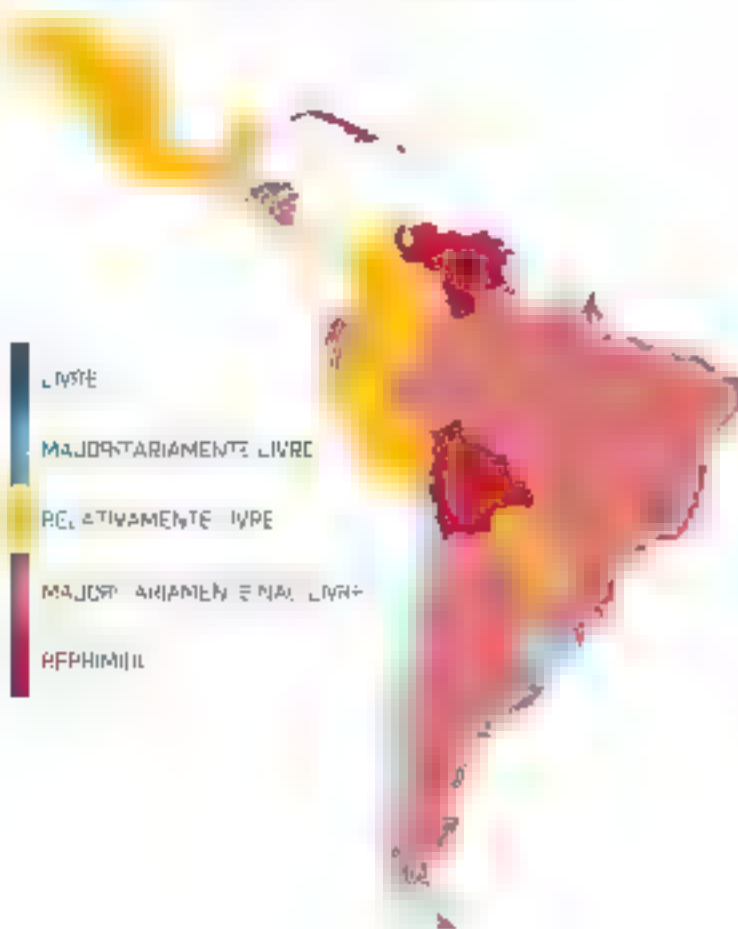
2,1
0,4
1,8
0,6
7
0,3
0,9
0,6
1,3
1,3
6,2
2,1
6,3
1,2
9,7

EM PORCENTAGEM
25,1 A 35
20,1 A 25
10,1 A 20
5,1 A 10
2,1 A 5
0 A 2

PIB REGIONAL
US$ 5,1 trilhões

Liberdade econômica
Nível de abertura da economia em 2022

LIVRE
MAJORITARIAMENTE LIVRE
RELATIVAMENTE LIVRE
MAJORITARIAMENTE NÃO LIVRE
REPRIMIDA

PARA O PIB: PARIDADE DE PODER DE COMPRA

FERNANDO VERGARA/ASSOCIATED PRESS - 19/6/2022

O colombiano Petro, na festa da vitória eleitoral, em junho: braço levantado e punho fechado, em gesto tradicional da esquerda

pois acabaram levando ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016. Sua queda, em meio a escândalos bilionários de corrupção, colocou um ponto final nos quase 14 anos de governo do PT e abriu espaço para seu vice Michel Temer assumir o posto e para a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018.

FRUSTRAÇÃO. Um pouco antes ou um pouco depois, conforme o caso, outros líderes de esquerda que estavam no poder – na Argentina, no Chile, no Uruguai, no Equador, na Bolívia – também perderam seus cargos para opositores de direita e de centro-direita.

De repente, parecia que a onda da esquerda latino-americana tinha ficado para trás. No entanto, como os preços das commodities continuaram baixos, a situação anterior não se alterou significativamente. Pior: foi agravada pela pandemia, que atingiu justamente a baixa classe média e os mais vulneráveis, reforçando a insatisfação já existente nestes segmentos. Resultado: a direita está sofrendo hoje os efeitos do mesmo quadro econômico tóxico que contribuiu para a derrota da esquerda na região alguns anos atrás.

"Esses líderes de direita e centro-direita podem ter sido beneficiados pelo fim do primeiro boom de commodities, substituindo governos de esquerda. Mas, como o fim desse ciclo teve um efeito prolongado, eles também foram vítimas do sentimento de frustração e se tornaram extremamente impopulares", diz o escritor Alvaro Vargas Llosa (filho do Prêmio Nobel de Literatura de 2010, Mario Vargas Llosa), coautor dos livros *Manual do Perfeito Idiota Latino-americano* e *A Volta do Idiota*.

Mesmo que os preços das commodities tenham voltado a subir após o surgimento do coronavírus, no fim de 2019, o cenário econômico ficou bem mais hostil do que no boom anterior. A inflação e os juros estão em alta. A economia global desacelerou. Países desenvolvidos, como os Estados Unidos, estão no limiar de uma recessão. "A sensação de bem-estar não está acompanhando este ciclo de alta das commodities. Então, os ganhos políticos não são os mesmos", afirma Garman (*leia a reportagem na próxima página*).

Além de tudo disso, a esquerda está se beneficiando, em alguns países, da reação dos eleitores de centro contra candidatos da direita radical, como aconteceu no Chile, com José Antonio Kast, e como poderá acontecer no Brasil, de acordo com as pesquisas, com o presidente Jair Bolsonaro, que disputa a reeleição. "Os eleitores de centro estão com medo de ser identificados com os líderes e as forças populistas de extrema direita", diz Vargas Llosa.

SOCIALIZAR A POBREZA. O problema, independentemente das razões que estejam levando as esquerdas ao poder, são os riscos, muitas vezes negligenciados, que isso envolve. Na primeira onda de governos de esquerda na região, que incluía, além de Lula e Dilma, Hugo Chávez (1954-2013), da Venezuela, Néstor e Cristina Kirchner, da Argentina, Michelle Bachelet, do Chile, Rafael Correa, do Equador, e Evo Morales, da Bolívia, o estrago foi grande.

Os governos de esquerda fizeram da Venezuela um Haiti, da Argentina uma Venezuela e, se bobear, farão do Chile, uma Argentina. Em nome do combate à desigualdade, acabaram por socializar a pobreza ainda que, durante o percurso, tenha havido uma sensação de melhora, em razão do boom das commodities, do gasto sem lastro de recursos públicos e do uso de anabolizantes para turbinar a economia.

Hoje, muitos analistas têm procurado realçar as diferenças existentes entre os líderes da nova onda de esquerda e entre eles e os integrantes da primeira onda. Ok. Mas, ainda que elas existam mesmo nos dois casos, a receita para a economia costuma ser a mesma, geralmente temperada por um discurso nacionalista e anti-imperialista. A medida pode até variar. Os ingredientes não se alteram: irresponsabilidade fiscal, aumento de tributos, intervencionismo do Estado, protecionismo, "demonização" do lucro e da livre iniciativa e concessões indiscriminadas de subsídios e de benefícios.

"Se, em vez de melhorar o ambiente de negócios, o governo aumentar impostos e dificultar investimentos, você terá baixo crescimento e uma população desapontada, porque ele não conseguirá entregar o que prometeu, como aumento da renda e expansão massiva dos serviços sociais", afirma Nicolás Saldías.

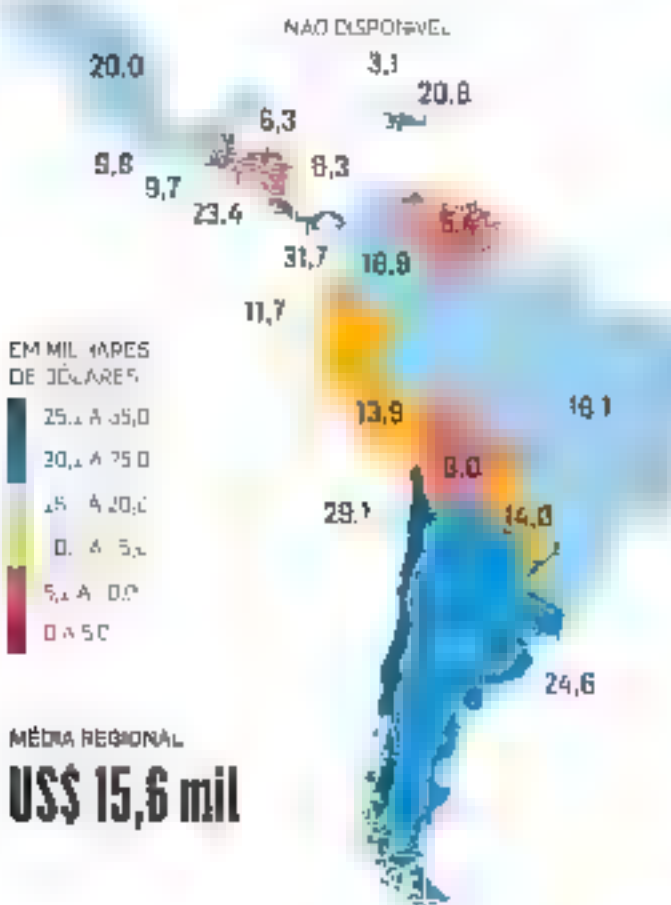
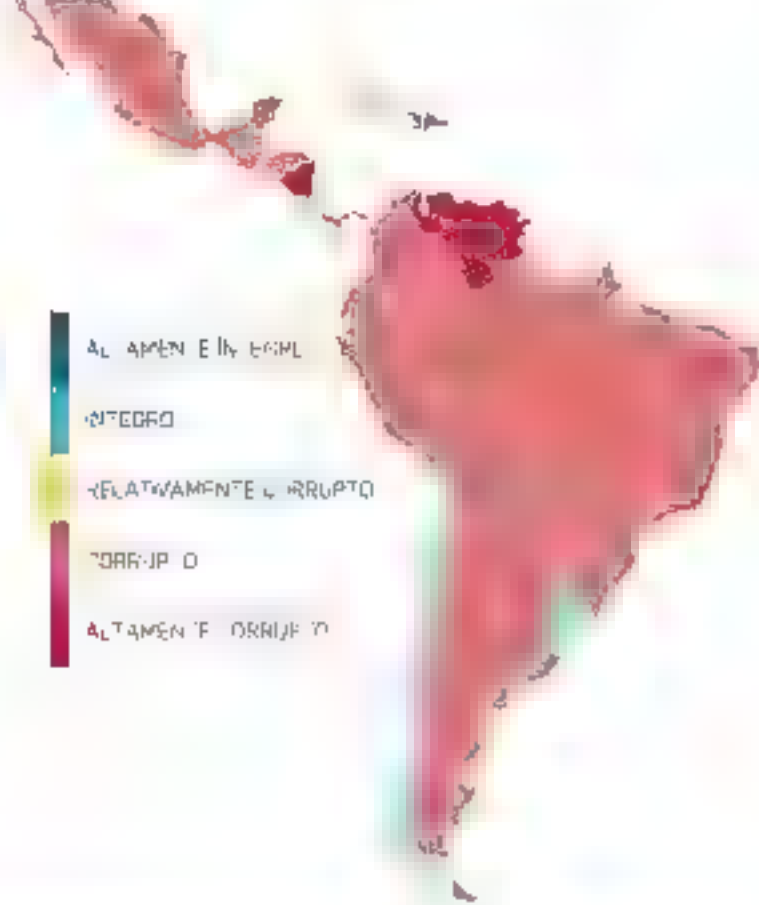
Na área externa, apesar de o novo presidente do Chile, Gabriel Boric, se mostrar um crítico da política de direitos humanos de Cuba, da Venezuela e da Nicarágua, ele é uma voz quase isolada neste campo. Os presidentes Andrés Manuel López Obrador, do México, Alberto Fernández, da Argentina, e Luis Arce, da Bolívia, entre outros líderes latino-americanos, continuam a "passar pano" para as três ditaduras.

Lula, por sua vez, mantém a posição complacente que sempre teve nesta questão. "Por que a (ex-chanceler da Alemanha) Angela Merkel pode ficar 16 anos no poder e o (presidente da Nicarágua) Daniel Ortega não? Por que o (ex-presidente da Espanha) Felipe González pode ficar 14 anos no poder? Qual a lógica?", afirmou, "esquecendo-se" de que os dois líderes europeus foram eleitos democraticamente, enquanto Ortega garantiu seu quarto mandato num pleito manchado por suspeitas de fraude, realizado depois que ele mandou prender seus adversários.

Denominador comum
Apesar das diferenças entre eles, os líderes de esquerda latino-americanos em geral seguem a mesma receita na economia

Do ponto de vista político e institucional, já estão ocorrendo tentativas de aumento de poder e de restrições às liberdades, trazendo de volta o fantasma de Chávez, que mudou as regras eleitorais e "aparelhou" o Judiciário para se perpetuar no comando.

No México, o discurso belicoso de López Obrador contra a imprensa levou a um aumento recorde dos assassinatos de jornalistas, que já chegam a 31 desde o início de seu governo. Também há iniciativas, por meio de correligionários, para restringir a privacidade e a liberdade de expressão no meio digital.

Como se vê, quando a esquerda chega ao poder na América Latina, os riscos de a coisa descambar, gerando retrocessos para a democracia e condenando os países da região ao atraso, não podem ser desprezados. ■

● América Latina ● Economia

Com 'estagflação' no radar, 'lua de mel' da esquerda deve durar pouco

Incertezas em relação à economia global reduzem espaço para cumprir promessas de campanha e já afetam popularidade de governantes

JOSE FUCS

Com a ascensão em série de líderes de esquerda na América Latina, um sentimento de euforia tomou conta de políticos, intelectuais e militantes do grupo espalhados pela região e pelo mundo.

Não apenas pelas derrotas impostas às forças de direita e de centro-direita que estavam no poder em vários países, como Colômbia, Chile, Peru, Bolívia e Honduras. Mas pela expectativa de que um novo tempo, supostamente mais favorável, estaria se anunciando.

Na miragem da turma, os mandatários de esquerda conseguirão tirar a economia regional do marasmo e reduzir a desigualdade e a pobreza. No limite, acredita-se que os "ungidos" conseguirão promover o desenvolvimento econômico em ritmo chinês e garantir uma qualidade de vida sueca aos cidadãos.

Aqui no Brasil, onde a esquerda permaneceu no poder sob o comando do PT por quase 14 anos, entre 2003 e 2016, a esperança do pessoal é de que, nas eleições de outubro, com uma eventual vitória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, será possível reviver os "anos dourados" que ele teria proporcionado aos brasileiros em seus dois mandatos (2003-2010).

BATE-ESTACA. A realidade, porém, impõe outra narrativa, que contrasta com a que prospera no imaginário da esquerda latino-americana e se propaga por aí em ritmo de bate-estaca. No mundo real, nem o passado da esquerda foi róseo como eles dizem nem o presente sugere que o futuro será.

"Os fatores que estão levando a esquerda a ganhar as eleições são os mesmos que vão dificultar a capacidade de governar, restringindo o que eles podem entregar", diz o cientista político Christopher Garman, diretor executivo para as Américas da Eurasia, uma consultoria internacional especializada em avaliação de riscos.

No início dos anos 2000, a situação era muito mais favorável. Sobrava dinheiro no mundo. As taxas de juro nos países desenvolvidos estavam em queda. A China crescia na faixa de 10% ao ano, alavancando a economia mundial. Com isso, a demanda por commodities como petróleo, minérios, soja e carnes explodiu, levando os preços à estratosfera. Uma enxurrada de dólares inundou os países latino-americanos, que estão entre os maiores exportadores de commodities do planeta.

CLASSE MÉDIA. Foi isso e não a ideologia que viabilizou os tempos de bonança, marcados pela expansão da classe média emergente, pelo crescimento da economia e pela redução do desemprego. "É claro que os governantes ganharam muito com isso", afirma Garman.

Hoje, o cenário está bem mais complicado. Embora os preços das commodities estejam em alta, turbinados pelos desarranjos causados na cadeia produtiva global pela pandemia e pela guerra na Ucrânia, nuvens carregadas pairam sobre a economia.

A inflação deu um salto em todo o mundo – e a América Latina não é uma exceção. Na Argentina, governada pelo peronista Alberto Fernández, as taxas estão na faixa de 65% ao ano, trazendo de volta o fantasma da hiperinflação, que assombrou o país no passado recente. No Chile, agora governado pelo esquerdista Gabriel Boric, a taxa anual, estimada pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) em 7,5% para 2022, já bateu em 12,5%, o maior índice desde 1994 (*veja o quadro*).

Além da alta generalizada de preços, a economia global desacelerou. A Europa e os Estados Unidos estão no limiar de uma recessão. Os juros estão em alta na maioria dos países. Trata-se de um quadro típico do que os economistas costumam chamar de "estagflação", a combinação perversa de inflação alta com estagnação econômica.

"É um cenário que não se vê desde os anos 1970", diz o escritor e historiador Alvaro Vargas Llosa. "Não há muita margem para fazer política social, política econômica no sentido amplo", afirma Pedro Mendes Loureiro, professor associado de estudos latino-americanos da Universidade Cambridge, na Inglaterra.

POPULARIDADE. Mesmo que a alta das commodities continue, isso deve apenas atenuar os problemas. "É claro que a alta dos preços das commodities pode ajudar, mas a inflação vai levar ao aumento dos juros e isso obviamente vai machucar a região", diz Vargas Llosa.

Há também dificuldades políticas pela frente. Vários governantes de esquerda, como Boric, no Chile, e agora Gustavo Petro, na Colômbia, não têm maioria parlamentar para aprovar medidas de seu interesse. Ao mesmo tempo, com o elevado grau de descontentamento existente na América Latina, conforme as pesquisas, a tolerância está baixa, o que deve afetar a popularidade do grupo. A taxa de aprovação de Boric, há cinco meses no cargo, já caiu para cerca de 35%, uma das mais baixas da região. "A lua de mel dos governantes com a população vai ser curta", diz Garman.

Neste cenário, as ideias tradicionais da esquerda para a economia acabam atrapalhando ainda mais. Num primeiro momento, podem até dar a ilusão de que as coisas estão melhorando, mas depois a situação fica pior do que era antes.

BRUXARIAS. O exemplo mais emblemático dos efeitos causados pelo receituário da esquerda é o da Argentina, sob o comando de Fernández. O país está mergulhado no caos. Para tentar conter a disparada da inflação, que também está acima da previsão do FMI para o ano, o governo recorreu a velhas bruxarias heterodoxas, como o congelamento de preços de produtos essenciais. A medida, porém, em vez de ajudar os consumidores, levou ao desabastecimento.

O rombo nas contas públicas, abastadas pelos gastos sem fim do governo, não para de crescer. "A Argentina é incapaz de parar de gastar", diz o cientista político Nicolás Saldías, analista para a América Latina e o Caribe da Economist Intelligence Unit (EIU).

Do jeito que a coisa vai, a Argentina logo, logo, vai se transformar numa Venezuela, ao menos na economia. Desde que o "socialismo bolivariano" chegou ao poder, em 1999, o PIB (Produto Interno Bruto) venezuelano caiu cerca de 80%, para US$ 46 bilhões. Hoje, a renda per capita da Venezuela, medida pela paridade do poder de compra (PPP), é de apenas US$ 5,4 mil. Só é maior na América Latina que a do Haiti, o país mais pobre da região. Seria um triste fim para a Argentina, que já foi um dos países mais ricos do mundo em meados do século passado. ●

CENÁRIO SINISTRO

Com crescimento acanhado, inflação alta e desemprego significativo, os governantes da América Latina enfrentam um quadro econômico difícil para cumprir promessas eleitorais

	Crescimento – Taxa real estimada em 2022 (em porcentagem)	Inflação – Taxa estimada para 2022 (em porcentagem)	Desemprego – Taxa em dezembro/2021 (em porcentagem)
MÉDIA REGIONAL	2,3	10,6[2]	8,5
ARGENTINA	4,0	51,7	8,7
BOLÍVIA	3,8	3,2	7,9
BRASIL	1,7[1]	7,3[1]	9,3[5]
CHILE	1,5	7,5	13,9
COLÔMBIA	5,8	7,7	15,
COSTA RICA	3,3	5,4	1,7
CUBA	3,4[3]	26,2[4]	4,5
EQUADOR	2,9	3,2	5,0
EL SALVADOR	3,0	5,2	2,2
GUATEMALA	4,0	4,4	15,7
HAITI	0,3	25,5	0,7
HONDURAS	3,8	6,0	4,1
MÉXICO	2,4	6,8	5,2
NICARAGUA	3,8	8,7	10,3
PANAMÁ	7,5	3,1	7,3
PARAGUAI	0,3	9,4	6,1
PERU	3,0	5,5	6,1
REP. DOMINICANA	5,5	8,4	10,3
URUGUAI	3,9	7,0	7,5[6]
VENEZUELA	1,5	500,0	

FONTES: FMI, BANCO MUNDIAL | INFOGRÁFICO ESTADÃO

AGUSTIN MARCARIAN/REUTERS-29/7/2022

Mercado em Buenos Aires: fantasma da hiperinflação ressurge na Argentina e produtos somem das gôndolas

Lourival Sant'Anna contato@lourivalsantanna.com

A viagem de Pelosi

A presidente da Câmara dos Deputados dos EUA, Nancy Pelosi, recebeu um raro apoio de 26 dos 50 senadores republicanos, incluindo o líder da bancada, Mitch McConnell.

Em comunicado, o grupo lembra que, "por décadas, membros do Congresso, incluindo ex-presidentes da Câmara, viajaram para Taiwan" referindo-se à visita do então líder republicano Newt Gingrich, em 1997.

Pelosi declarou que a China impede Taiwan de ir a fóruns internacionais, como a Organização Mundial de Saúde, durante a pandemia, quando os taiwaneses poderiam ter compartilhado sua bem-sucedida contenção do vírus. "Mas não vai isolar Taiwan nos impedindo de viajar para lá. E não vai ditar a agenda das autoridades americanas."

Numa análise momentânea, a viagem foi um sucesso. Em meio a especulações, na imprensa chinesa, de que o avião de Pelosi poderia ser impedido de pousar em Taipei, ela seguiu seu trajeto sem atropelos.

ESTRATÉGIA. Como escrevi na coluna de domingo passado, o presidente Xi Jinping não tem condições políticas de escalar esse conflito agora. Ele vai assegurar mais um mandato no Congresso do Partido Comunista, entre outubro e novembro. Já há um descontentamento com os transtornos e a desaceleração econômica causados pela política de covid zero, e com os danos à imagem da China resultantes da "parceria sem limites" com a Rússia.

> *O que é percebido na China como afronta deve energizar os preparativos para a tomada da ilha*

Saindo da política e indo para a geopolítica, há dois movimentos com efeitos contrários. A resposta chinesa, na forma de exercícios militares que resultaram num bloqueio de Taiwan, e disparos de 11 mísseis, 5 dos quais caíram na zona econômica exclusiva (ZEE) do Japão, potencializam a coesão da região contra a China.

China e Taiwan estão separadas por 160 km. Entre a China e a ZEE, são no mínimo 2.630 km. Foi um ataque premeditado, horas antes da visita de Pelosi ao Japão. A Coreia do Norte, cliente da China, também deve retaliar contra a presença dela na zona desmilitarizada que a separa da Coreia do Sul.

Tudo isso confirma a necessidade de Taiwan, Japão, Coreia do Sul, Índia, Austrália, Nova Zelândia, Malásia e Vietnã de estreitar a cooperação de segurança. Não só entre si, mas também com a Otan. No novo conceito estratégico elaborado na última cúpula da aliança, em junho, pela primeira vez a China é citada como ameaça.

Japão e Coreia do Sul participaram como observadores, também pela primeira vez. Os EUA lideram arranjos de segurança na região, como o Quad, com Índia, Japão e Austrália, que já se desdobrou em Quad Plus, acrescentando Coreia do Sul, Nova Zelândia e Vietnã. Em contrapartida, o que é percebido na China como afronta deve energizar os preparativos para a tomada da ilha. ●

É COLUNISTA DO ESTADÃO E ANALISTA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

Tensão no Pacífico

Jatos sobrevoam Taiwan, que acusa China de simular invasão

Navios de guerra e 14 caças entram em território taiwanês no terceiro dia seguido de exercícios militares chineses

LIN JIAN/XINHUA VIA AP

Soldado chinês observa passagem de fragata taiwanesa; exercícios militares ampliam risco de conflito

TAIPÉ

Taiwan acusou ontem a China de simular a invasão da ilha, depois que 14 caças e vários navios de guerra cruzaram a linha mediana do estreito que separa os dois territórios. Os movimentos ocorreram no terceiro dia seguido de exercícios militares chineses, que cercaram Taiwan e vem disparando munição real, em resposta à visita a Taipei da presidente da Câmara de Deputados dos EUA, Nancy Pelosi.

A Força Aérea taiwanesa mandou para os céus da ilha vários caças para deter os aviões chineses. Analistas temem que as manobras da China, que devem ser concluídas hoje, visam o bloqueio naval e aéreo de Taiwan.

As Forças Armadas taiwanesas emitiram um alerta, enviaram patrulhas aéreas e navais ao redor da ilha e ativaram sistemas de mísseis terrestres em resposta aos exercícios chineses. Segundo o Ministério da Defesa de Taiwan, os radares espalhados pela ilha detectaram vários aviões e navios realizando atividades na região. Os exercícios foram considerados um "ataque simulado", de acordo com o governo taiwanês.

O Ministério da Defesa da China disse que os exercícios militares estão sendo realizados, no mar e no ar, "conforme planejado, a norte, sudoeste e leste de Taiwan", com foco em "testar as capacidades" de seu sistemas de ataque terrestre e marítimo.

VISITA. A crise no Estreito de Taiwan foi desencadeada pela viagem a Taipei da presidente da Câmara dos Deputados dos EUA, Nancy Pelosi, mesmo a contragosto da China, que não reconhece a soberania de Taiwan.

Na quarta-feira, Pelosi se tornou a representante de mais alto escalão do governo americano a visitar Taiwan desde 1997, quando o republicano Newt Gingrich, que ocupava o mesmo cargo de Pelosi na época, também esteve em Taipei.

Ontem, os chineses divulgaram o vídeo de um piloto gravando imagens da costa e das montanhas da ilha, mostrando como os caças da China chegaram perto de Taiwan. O Comando Leste do Exército chinês também compartilhou uma foto tirada de um navio de guerra patrulhando o litoral da ilha.

A emissora estatal chinesa CCTV informou que, nos últimos dias, mísseis chineses sobrevoaram pela primeira vez o território taiwanês – cinco deles caíram em águas territoriais japonesas, o que foi visto como uma mensagem de Pequim para que o Japão não se envolva no conflito.

> Exercícios militares
> **Origem da crise foi a visita a Taiwan da presidente da Câmara dos Deputados dos EUA, Nancy Pelosi**

Hua Chunying, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, acusou ontem os EUA de interferir nos assuntos internos de Pequim. Chunying afirmou que o governo americano deveria ter impedido a visita de Pelosi. Segundo ela, a Casa Branca deveria parar de minar a política de "Uma China" – uma referência ao acordo que remonta aos anos 70, que sustenta que os países podem manter relações diplomáticas formais com China ou Taiwan, mas não com ambos.

Observadores internacionais divergem sobre as intenções de Pequim. John Culver, ex-analista da CIA para a Ásia, acredita que o objetivo da China seja mudar o status quo. "Acho que este é o novo normal", disse ele, durante seminário organizado pelo Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais. "Os chineses querem mostrar que um limite foi ultrapassado com a visita de Pelosi."

INTIMIDAÇÃO. O Pentágono e a Casa Branca acreditam que a intenção da China seja intimidar os taiwaneses, mas não a ponto de desencadear um confronto direto. Muitos analistas, no entanto, temem que o jogo de provocação possa escalar a tensão, aumentando o risco de uma guerra.

"Este é um cenário difícil de lidar", disse Bonny Lin, analista do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, de Washington. "Quando um exercício militar pode ser considerado um bloqueio? Quem deve ser o primeiro a responder? Taiwan? Os EUA? Nada disso está claro", disse.

NACIONALISMO. Esta semana, muitos apontaram para o fato de Pequim estar usando a crise em Taiwan de olho na audiência interna, principalmente nos nacionalistas chineses, que vêm criticando nas redes sociais a resposta "branda" do governo.

O Partido Comunista da China usa o nacionalismo como ferramenta de governo desde os tempos de Mao Tsé-tung. Xi Jinping, atual líder, reivindicará um terceiro mandato como presidente no congresso do partido, em novembro, e não pode prescindir de apoio.

● AP, WP e NYT

Sociedade

Tiktokers, a nova opção para habilitado com medo de dirigir

PEDRO KIRILOS/ESTADÃO

Após pegar o carro e aplicar as dicas de forma gradativa, Nadia até já ajudou a filha a tirar a carteira

Perfis nas redes sociais oferecem dicas, rede de apoio e até cursos; para a Abramet, oito de cada dez pessoas com essa dificuldade já possuem CNH

ÍTALO LO RE

No lugar de tutoriais de maquiagem, orientações de como ajustar o retrovisor. Em vez das já famosas dancinhas, técnicas de baliza. Um novo nicho de produção de conteúdo tem ganhado força em redes como a plataforma de vídeos curtos TikTok: o de materiais que falam sobre medo de dirigir e reúnem conselhos de como driblar isso. As dicas tratam desde aspectos mais práticos a maneiras de tranquilizar motoristas que querem sair com o carro.

Em parte dos casos, mesmo quem já tirou carteira nacional de habilitação (CNH) se sente paralisado ao pegar no volante. A Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet) estima que oito a cada dez pessoas que sofrem com medo de dirigir já estão habilitadas e ao menos 2 milhões de pessoas têm essa condição no País – na maioria, mulheres.

PÓS-GRADUADA. A pedagoga e psicanalista Aline Rosario, de 32 anos, decidiu criar conteúdo nesse nicho quando percebeu que outras mulheres passam pela mesma situação vivenciada por ela anos atrás: a de ter medo de dirigir, mas, ao mesmo tempo, não encontrar ajuda para enfrentar isso. "Após superar meu medo, decidi fazer pós-graduação em Psicanálise e me dediquei aos estudos sobre o tema 'medo de dirigir' em 2018. Não parei mais", explica. Hoje, ela produz conteúdo rotineiramente e reúne mais de 75 mil seguidores em um perfil criado para abordar o tema no TikTok. No Instagram, são 67 mil.

Os conteúdos avançaram tanto que Aline, moradora de Balneário Camboriú (SC), lançou dois cursos online focados no assunto. "Como já são mais de 2 mil alunas nos meus cursos, precisei abrir mão da minha profissão como pedagoga para me dedicar 100% às alunas e à criação de conteúdo."

Há cerca de um ano, a estudante de Psicologia Tayse Alves, de 34 anos, adotou caminho parecido e lançou um perfil focado em medo de dirigir no TikTok, agora com mais de 100 mil seguidores. Com o sucesso das publicações, ela também vende um curso online. "O público maior são mulheres que já tiraram a CNH há muitos anos e não conseguem dirigir sozinhas. Grande parte só dirigiu na autoescola porque tinha o instrutor ao lado. Em casa, na realidade delas, paralisam e não dirigem mais."

Diversos perfis seguem a mesma fórmula: produzem conteúdos dando dicas sobre medo de dirigir para atingir uma quantidade grande de pessoas e também oferecem cursos mais específicos – a partir deles, são criados grupos de apoio para compartilhamento de experiências, em redes como Facebook, WhatsApp e Telegram. O que muda um pouco são os enfoques. Enquanto alguns são mais voltados para a questão psicológica, outros dão mais espaço para dicas práticas – por vezes, o que falta para ter mais confiança.

Moradora de São Pedro da Aldeia (RJ), Izabella Souza, de 40 anos, se formou como instrutora em 2015. Em autoescolas, porém, só trabalhou por dois anos. "Logo percebi que eu poderia ser muito mais útil ajudando as diversas mulheres que voltavam na autoescola e falavam que não estavam dirigindo por causa do medo."

Observando ali uma oportunidade, abriu a empresa Bellas no Trânsito, focada em dar aulas para mulheres com medo de dirigir. "Comecei, então, a gravar as aulas e a explicar tudo o que fazia nas presenciais."

Mapeamento
Ao menos 2 milhões de pessoas têm essa condição de dificuldade no País – na maioria, mulheres

ALUNA. Com presença ainda tímida no TikTok, o perfil da instrutora no Instagram, principal rede usada por ela, reúne quase 150 mil seguidores. No Facebook, há ainda um grupo privado onde alunos e ex-alunos trocam experiências e se ajudam. Mais de 5 mil pessoas já foram atendidas por Izabella no curso online. Uma delas é a dona de casa Nadia Almeida, de 52 anos. Embora tenha tirado a CNH em 2004, sempre teve medo de dirigir. Ela associa a situação ao trauma motivado pela morte do irmão mais velho em um acidente de carro quando ainda era pequena – ela tinha apenas 6 anos. "Apesar de trabalhar como motorista, meu pai não me incentivou a dirigir depois daquilo", disse a dona de casa, que mora na Ilha do Governador (RJ).

Persistente, Nadia conta que conseguiu tirar a carteira ainda assim, mas diz que só depois sentiu o peso de conduzir um carro. "Uma das falas que me deixou traumatizada foi, na aula do Detran, o professor falar que carro era uma arma."

Nos últimos anos, quando já pensava em desistir, Nadia passou a consumir conteúdos para pessoas como ela e focou nas dicas de pessoas como Izabella. "Chamou a atenção primeiro por ser uma mulher, algo que eu não via." Após pegar o carro e aplicar as dicas de forma gradativa, hoje se considera motorista funcional e conta que até já ajudou a filha a tirar a CNH. "Foi uma vitória." ●

Especialista sugere cuidado e defende olhar profissional

A venda de cursos online por profissionais não especializados em instrução de trânsito ou mesmo em Psicologia ou Medicina exige cuidados, apontam especialistas. Professor de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Enzo Bissoli diz que não há uma regulamentação que impossibilite a uma pessoa dar um curso sobre um aprendizado da vida dela. O que se tem são limitações quanto ao exercício ilegal de uma profissão.

Ainda assim, ele destaca que, sobretudo no caso de práticas relacionadas a sofrimentos adquiridos, a recomendação é para que a abordagem seja feita por um profissional da saúde e/ou que esteja capacitado e orientado para olhar para essas questões. "Quando tenho uma pessoa que superou o medo, por exemplo, ela tem mérito por ter superado o medo dela, certamente se esforçou e descobriu jeitos de construir uma vida diferente", disse. Por outro lado, alerta que uma experiência individual pode não ser suficiente para pautar escolhas de interferência na vida de outras pessoas.

Para a médica de tráfego Juliana de Barros Guimarães, da Comissão de Saúde Mental da Abramet, os materiais vendidos na internet requerem maior cuidado, sobretudo se miram travas psicológicas. "Nesse caso, você (*aluno*) não sabe com quem está mexendo. Pode ser alguém que não tenha preparo científico, capacitação e formação para identificar se a pessoa é insegura apenas ou se há componente emocional nisso", explica.

AMAXOFOBIA. Juliana reforça que, em casos mais graves, é importante haver o encaminhamento para profissionais qualificados em tratar questões mais complexas, como transtornos de ansiedade. "É o psicólogo ou o psiquiatra que vai poder identificar e diagnosticar (*um transtorno*)."

Risco e preocupação
Psicólogo ou psiquiatra é quem vai poder identificar e diagnosticar transtorno, afirma médica de tráfego

Um ponto importante, explicam os especialistas, é entender que o medo de dirigir não é em todos os casos uma fobia, que, neste caso, tem até um nome específico: amaxofobia.

Enquanto o medo de dirigir, diz Juliana, é uma reação inerente do ser humano, que pode gerar instintos de defesa e que, em casos mais graves, pode até ser paralisante, a fobia é algo mais sério, que requer tratamento de profissionais capacitados. "Muitas vezes, o medo começa paulatinamente e vai crescendo, quando não tem o devido olhar, o devido tratamento." ● I.L.R.

NOTAS E INFORMAÇÕES

O futuro dos transplantes

Quando uma sociedade decide eleger investimento em educação e pesquisa como prioridade, o céu é o limite

O desenvolvimento de qualquer sociedade passa, necessariamente, pela decisão coletiva de eleger a educação e a pesquisa científica como prioridades absolutas, um consenso acima de quaisquer outras divergências que possam cindir os cidadãos. Quando isso acontece, o céu é o limite. Até a morte pode ser driblada de alguma forma.

Literalmente, foi o que aconteceu nos laboratórios da Escola de Medicina da Universidade Yale (EUA). Cientistas conseguiram restaurar a atividade celular de órgãos vitais de porcos – coração, cérebro, fígado e rins – uma hora após a morte dos animais. Com esse feito extraordinário, os pesquisadores americanos comprovaram que a morte não é um momento, mas um processo – o que impõe uma profunda reflexão ética e filosófica sobre o fim da vida –, e, do ponto de vista prático, encurtaram o caminho que, um dia, poderá levar ao fim da fila de espera por transplantes de órgãos. Os resultados da pesquisa foram publicados na revista *Nature* no dia 3 passado.

Os resultados da pesquisa não autorizam, de forma alguma, afirmar que os porcos foram ressuscitados em laboratório, sobretudo porque não houve retomada da atividade elétrica do cérebro dos suínos. Mas não resta dúvida de que um grande passo foi dado. "Fizemos as células realizarem algo que não eram capazes de fazer quando os animais estavam mortos", disse à *Nature* o neurocientista Zvonimir Vrselja, um dos membros da equipe de pesquisa. "Não estamos dizendo que é clinicamente relevante (*essa retomada de algum grau de atividade celular pós-morte*), mas estamos na direção certa", disse o pesquisador.

O avanço dessa pesquisa com suínos representa inúmeras possibilidades de melhoria da qualidade de vida dos seres humanos no futuro. Hoje, por exemplo, é consenso na comunidade médica de que a morte do músculo cardíaco, decorrente da parada de circulação corpórea e da oxigenação do tecido, é irreversível. Mas, como disse à *Nature* o líder da pesquisa, Nenad Sestan, "se podemos recuperar alguma função do cérebro de um porco morto, também podemos fazê-lo com outros órgãos". Portanto, não é mais uma loucura antever um cenário, sabe-se lá quando, em que um coração dado como morto possa voltar a bater. No mínimo, danos graves ao coração, após um infarto, ou ao cérebro, após um derrame, podem ser prevenidos empregando a nova técnica desenvolvida pelos pesquisadores de Yale.

Outro ganho substancial decorrente dessa pesquisa, talvez mais próximo do que outros benefícios, será o aprimoramento das técnicas de transplante de órgãos, reduzindo drasticamente, ou mesmo eliminando, uma fila de espera que, só no Brasil, angustia cerca de 60 mil pessoas. O xenotransplante (transplante de órgãos entre espécies diferentes) já tem sido pesquisado há anos. Inclusive, cirurgias já foram realizadas utilizando coração e rins de porcos em humanos desenganados. Os médicos, porém, jamais conseguiram evitar a rejeição. Agora, com outras pesquisas no campo da engenharia genética, há uma nova esperança de vencer essa limitação. ●

Astronomia

Terra passa a girar mais rápido e encurta os dias

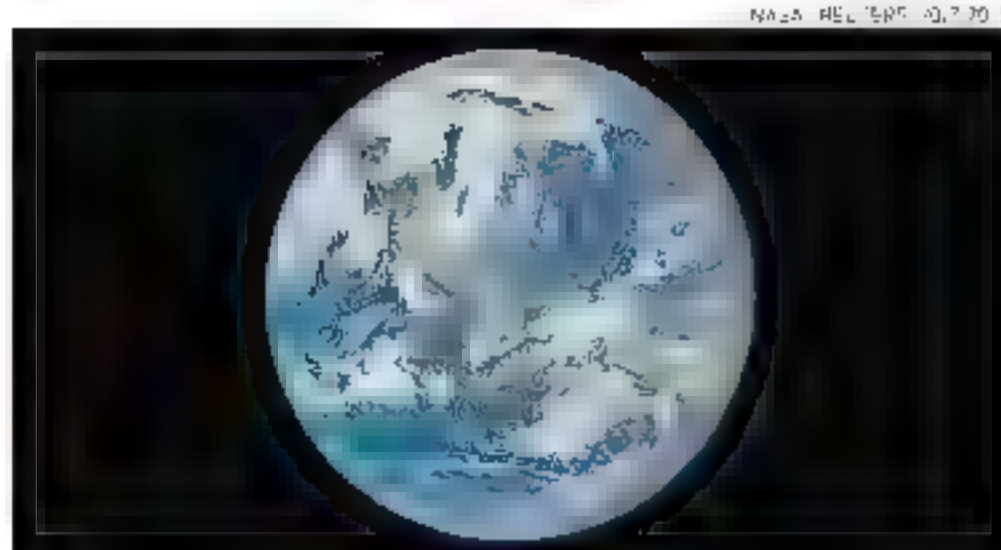
ROBERTA JANSEN
RIO

A Terra registrou seu dia mais curto desde 1960, quando os cientistas começaram a usar relógios atômicos de alta precisão para medir a velocidade de rotação do nosso planeta. Em 29 de junho, o planeta completou uma volta em torno do seu próprio eixo em menos de 24 horas. Aquele dia foi 1,59 milissegundo (um segundo dividido por mil) mais curto. E o recorde quase foi batido novamente em 26 de julho, quando girou 1,5 milissegundo mais rápido.

O planeta leva 24 horas para fazer uma volta completa em torno do próprio eixo. O movimento de rotação marca um dia completo e os ciclos de dia e noite. Nos últimos anos, cientistas vêm registrando dias mais curtos com cada vez mais frequência. Em 2020, foram apontados 28 dos mais curtos nos últimos 50 anos. "A Terra não é uma esfera perfeita e sua massa não está distribuída uniformemente", explica a astrônoma Josina Oliveira do Nascimento, do Observatório Nacional. "Quando começamos a trabalhar com uma precisão de milissegundos, passamos a constatar essas pequeníssimas diferenças."

De acordo com a Nasa, os ventos fortes registrados nos anos de El Niño podem desacelerar a rotação terrestre, estendendo a duração de um dia. Já terremotos podem ter o efeito oposto, encurtando a duração dos períodos diários.

TENDÊNCIA. Os dias mais curtos, no entanto, são uma tendência de curto prazo. A longo prazo, a rotação da Terra está mais lenta. Há 1,4 bilhão de anos, a rotação completa do planeta era feita em menos de 19 horas. Em média, os dias da Terra estão se tornando mais longos, não mais curtos. A principal causa deste fenômeno seria o impacto gravitacional da Lua sobre o planeta, que retarda a rotação.

NASA/REUTERS

Pesquisadores investigam movimento irregular registrado nos polos

Para manter os relógios alinhados com o giro planetário, a União Internacional de Telecomunicações, ligada às Nações Unidas, já adicionou segundos extras a seus relógios para compensar a diferença toda vez que ela alcança um segundo completo. A última vez foi em 2016.

Cientistas não sabem explicar por que, nos últimos anos, a Terra teria começado a acelerar o seu giro, revertendo subitamente a tendência. Mas já apresentaram algumas hipóteses. Elas estão relacionadas a processos internos e externos do planeta, envolvendo oceanos, marés e o clima. Um grupo de pesquisadores acredita que a redução dos dias possa estar relacionada a um movimento irregular registrado nos polos geográficos da Terra e seu eixo de rotação, chamado de Oscilação de Chandler. "A amplitude normal dessa oscilação é de três a quatro metros. Mas de 2017 a 2020 ela simplesmente desapareceu", afirmou o pesquisador Leonid Zotov, da Universidade HSE, em Moscou. ●

Rosely Sayão

Pedidos e desejos para os pais

Muitos são os homens que têm filhos, mas nem todos conseguem se tornar pais, mesmo que o exercício da paternidade seja muito diverso. E que o significado de ser pai e o seu exercício está em plena transformação, já que o mundo muda muito, e esse papel é uma construção social. Quem são os homens que têm filhos, mas não são pais? São aqueles que abandonam o filho – às vezes, até mesmo antes do nascimento dele – e nunca mais procuraram ter notícias.

Em pleno século 21, com muitos estudos que apontam a importância da presença física e afetiva do pai na vida dos filhos, eles ainda existem. E vamos lembrar que não são casos isolados. Não desejaram ter filhos? Pode ser, mas se ocorreu, é necessário honrar a consequência de uma escolha feita. A esses homens, só podemos pedir, em nome dos filhos, que considerem que nunca é tarde demais para se tornarem pai.

Há homens que exercem seu papel de pai mais como ajudante da mãe de seus filhos. Estão quase sempre dispostos a ajudar, mas a imagem predominante de pai dos anos 1960, de menor responsabilidade como provedor, prevalece. A esses homens podemos pedir, em nome dos filhos, que invistam e tratem com carinho a delicadeza que é o vínculo entre pai e filhos.

Há homens que se separaram da mãe de seus filhos e que vivem em constante tensão entre o anseio de acompanhar o desenvolvimento dos filhos, ter afetividade no relacionamento com eles e se tornar um pai melhor e a dificuldade de alcançar suas metas por conta do monopólio exercido pela mãe deles. A esses pais podemos pedir, em nome dos filhos, que nunca renunciem aos seus anseios, que superem frustrações, que busquem agir com diplomacia, e que negociem com a mãe de seus filhos, se necessário com a colaboração de terceiros. E a essas mães: permitam que seus filhos tenham um pai próximo, pois esse fato é e será importante na vida deles.

> *O significado de ser pai está mudando, pois esse papel é uma construção social*

Apesar de haver muitos outros estilos de ser pai, há homens que dão um novo sentido à paternidade. São efetivamente participativos na vida dos filhos mesmo no uso de autoridade, comunicam nas atitudes a importância que dão em sua vida à presença deles, partilham todas as responsabilidades do cotidiano que filhos e casa exigem e sempre estão verdadeiramente interessados no que os filhos pensam, falam, questionam. A esses pais podemos, em nome dos filhos, agradecer a coragem, o empenho, as lutas travadas.

Que o Dia dos Pais possa ser celebrado com presença e amorosidade, é o meu desejo. ●

É PSICÓLOGA, CONSULTORA EDUCACIONAL E AUTORA DO LIVRO EDUCAÇÃO SEM BLÁ-BLÁ-BLÁ

SAB. Fernando Reinach e DOM. Renata Cafardo (a cada 15 dias) e Rosely Sayão (a cada 15 dias)

Telma Pantano, fonoaudióloga e psicopedagoga

Como estimular crianças para que aprendam mais?

Tempo prolongado de telas é desafio; professora pede atenção às habilidades socioemocionais

TABA BENEDICTO/ESTADÃO

Para ela, problema é que cérebro ficou 'destreinado' na pandemia

ENTREVISTA

Integrante do corpo clínico do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP

RAPHAEL PRETO PEREIRA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Estimular a aprendizagem das crianças é um desafio para as famílias e os educadores, sobretudo diante da hiperconexão desde o berço. Para a fonoaudióloga e psicopedagoga Telma Pantano, os pais precisam ficar atentos ao estímulo de smartphones, computadores e videogames. Telma integra o corpo clínico do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). A seguir, veja entrevista ao Estadão.

Como estimular a aprendizagem das crianças?

Precisamos pensar em como queremos que elas aprendam. Se quisermos que seja naquele contexto escolar mais tradicional, vai ser necessário estimular nas crianças processos cognitivos que envolvam treinos de atenção, memória, autonomia e flexibilidade mental, consideradas funções cognitivas maiores. Por exemplo: uma criança que consiga controlar a atenção por mais tempo vai conseguir prestar atenção por mais tempo. E uma criança com uma boa memória operacional vai conseguir dar significado para os aprendizados por mais tempo. E como a gente pode preparar as crianças para aprender melhor? Dando estímulos que sejam cada vez mais complicados, mais complexos, e que exijam mais função cognitiva. É sempre importante definir qual é o foco do aprendizado.

O que a criança deve aprender?

Essas habilidades cognitivas e socioemocionais são aquelas que são colocadas diariamente para as crianças e é importante que seja assim. Não adianta o cérebro desenvolver só as habilidades cognitivas ou só as socioemocionais ou vice-versa. Mas para dizer como conseguir estimular tudo isso será necessário analisar as particularidades do ambiente da criança, as características da família e o ambiente escolar.

Quais são os tipos de aprendizagem e conexões neuronais?

Para o cérebro, é tudo memória. Toda vez que eu tenho uma conexão neuronal, tenho uma memória. A diferença entre aprendizado e memória é quantitativa. O aprendizado tem a ver com a construção de redes neuronais. Quando pensamos em cérebro, pensamos em conexão. E quando a gente fala em aprendizagem não estamos falando obrigatoriamente dos aprendizados na escola. Porque para a neurociência não existe Português, Matemática, História ou Geografia. É tudo conexão. Quando ela se repete, o cérebro entende que é importante, e a gente forma aprendizagem.

> **Tempo e processo**
> **Cérebro leva 6 meses para automatizar e executar da forma mais eficiente um comportamento**

O que é plasticidade neuronal?

É a capacidade de adaptabilidade do nosso cérebro. Por isso que conseguimos transitar em ambientes com demandas sociais diferentes. As pessoas tendem a pensar nisso quando há uma lesão, considerando a capacidade do nosso cérebro de se regenerar. Mas não é só isso. Essa capacidade é posta à prova diariamente. O cérebro leva mais ou menos seis meses para automatizar um comportamento e executá-lo com o menor gasto de energia possível.

Seria correto comparar com exercícios: a gente se acostuma?

Exatamente isso. O cérebro é regido pelas mesmas leis de um corpo biológico. Quanto mais eu faço uma coisa, mais tranquilo fica realizá-la. Quem continuou exercitando a atenção, por exemplo, vai estar melhor depois da pandemia.

Quais os impactos da pandemia?

Não são os impactos no Português ou na Matemática, isso a gente recupera. O problema é que o cérebro está "destreinado". A gente está vendo casos de crianças estressadas. As memórias não foram "treinadas". O cérebro está despreparado no contexto escolar e social.

Como dar significado aos aprendizados?

A melhor forma é fazer a associação com aquilo que já se sabe. Quando pego coisas que já sei, ativo redes neuronais com conexões que já tenho.

Por isso é mais fácil aprender o que a gente gosta?

Exato. O gostar significa que você já tem redes neuronais preparadas para isso. ●

PREVISÃO DO TEMPO

4 MM
70 %

16° 23°
16° 22°
12° 18°
9° 19°

Estado de SP

● Pela manhã e tarde, sol com variação de nebulosidade. Previsão de chuva à noite.

Tábuas das marés

1,0m

Capitais

Mundo

Confira a previsão para os próximos dias: www.estadao.com.br/clima-e-tempo/sp-sao-paulo

CLIMATEMPO

SÃO PAULO

Zona leste

Após dois anos, Festa das Cerejeiras volta ao Parque do Carmo

Suspensa durante a pandemia, a Festa das Cerejeiras acontece até hoje, das 9h às 17h, no Parque do Carmo. O evento tem comidas típicas do Japão e apresentações culturais. O parque abriga cerca de 4 mil árvores rosadas, que florescem em agosto.

Cronograma da vacinação

SÃO PAULO
Está mantida a vacinação para crianças de 3 a 4 anos de idade com deficiência permanente, comorbidades e indígenas na capital paulista. As Unidades Básicas de Vacinação (UBSs funcionam de segunda a sexta, das 7h às 19h, para a imunização de crianças, adolescentes e adultos. Neste domingo, os Parques Buenos Aires, Severo Gomes, do Carmo e da Juventude realizam campanha de vacinação contra a covid-19 das 8h às 17h. Na Avenida Paulista, a imunização ocorrerá em uma tenda, no 1.313, das 8h às 16h.

CAMPINAS
A cidade continua aplicando a vacina sem a necessidade de agendamento prévio. Entre os elegíveis estão pessoas acima de 40 anos que podem receber a quarta dose. O foco na imunização geral continua a ser as pessoas que têm alguma dose do ciclo normal ou de reforço em atraso.

BELO HORIZONTE
Está mantida a repescagem para os grupos prioritários e para faixas etárias já convocadas anteriormente, incluindo o público infantil.

DISTRITO FEDERAL
Permanece a imunização infantil para a faixa etária entre 5 e 11 anos no Distrito Federal, conforme orientações do Ministério da Saúde.

RIO DE JANEIRO
Todas as pessoas com mais de 18 anos já podem receber a quarta dose na capital fluminense, desde que a aplicação da terceira dose tenha sido feita há pelo menos quatro meses. ●

NA WEB
Confira mais algumas cidades e o avanço da imunização
https://bit.ly/3.com/7JErsR

Números

A SITUAÇÃO NO PAÍS, COM DADOS DO CONSÓRCIO DA IMPRENSA E DO MINISTÉRIO DA SAÚDE (RECUPERADOS)

TOTAL DE MORTES	680.[illegible]
[illegible]	2[illegible]
[illegible]	[illegible]
TOTAL DE VACINADOS	[illegible]
TOTAL DE [illegible] POSITIVOS	[illegible]
[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]

[illegible]

SÃO PAULO RECLAMA

Problemas com atendimento de farmácia

Reclamação de Eliel Queiroz Barros: "Precisava fazer um teste de covid-19. Entrei em contato com a Drogasil da Avenida do Oratório, 5.683, no Jardim Ângela, na zona sul de São Paulo, por meio de ligações e do WhatsApp. Somente depois de mais de uma hora e meia me responderam pelo WhatsApp, quando eu já tinha feito o exame em outra unidade. É um absurdo a demora para atender ligações. Se faltam funcionários, deveriam contratar mais."

Resposta da Drogasil. "A Drogasil entrou em contato com o senhor Eliel por telefone e informou sobre os procedimentos para melhorar o fluxo de atendimento pelo WhatsApp e por telefone. Agradecemos os apontamentos do nosso cliente, que foram primordiais para a melhoria dos nossos processos internos."

Cuidado: O teste rápido pode ser usado como apoio para a avaliação do estado imunológico de pacientes que apresentem sintomas da covid-19. Mas não tem finalidade de confirmatória, sendo apenas auxiliar neste diagnóstico ●

Teve algum direito como cidadão ou consumidor desrespeitado? O blog Seus Direitos pode ajudar. Envie suas reclamações, com os devidos documentos, dados pessoais e contatos, além do nome dos envolvidos na questão, para o spreclama@estadao.com

HÁ UM SÉCULO

Festa da Independencia

Rio - Segundo informações que já recebeu a secretaria das Relações Exteriores, mais de trinta paizes enviarão embaixadores especiaes ao Rio de Janeiro para representar-os nas festas do Centenario da Independencia do Brasil, ou investirão em caracter especial suas missões diplomaticas acreditadas junto ao nosso governo. Todas as providencias para a hospedagem dessas missões especiaes, já estão tomadas, sabendo-se, por exemplo, que os aposentos principaes do Hotel Gloria, ainda não inaugurado, correrão por conta do governo. ●

CORREÇÕES

Este espaço se destina à correção de erros publicados na edição impressa do **ESTADÃO**. Você pode colaborar enviando e-mail para **correcoes@estadao.com**. As correções abrangem erros como: de informação, nome, cargo, dados numéricos, entre outros.

LOTERIA

Para ver os resultados aponte a câmera do seu celular para o QR Code ou acesse **https://loterias.estadao.com.br/mega-sena**.

FALECIMENTOS

Para publicar anúncio fúnebre: [illegible] ● Atendimento de 2ª a 6ª das 9h30 às 18h horas, sábado das 9h às 20h. Domingos [illegible] Inclusão [illegible] pelo e-mail **falecimentos@estadao.com** [illegible] telefone

Irene Manissadjian - Dia 4, aos 92 anos. Era viúva de Antranik Manissadjian. Deixa os filhos Marcia, Marisa, Cláudia, Marcos, parentes e amigos. O enterro foi realizado no Cemitério São Paulo.

Maurilio Castilho - Aos 86 anos. Era casado com Maria Aparecida Gaghet Castilho. Deixa os filhos Shirley, Sonia, Marco, parentes e amigos. O enterro foi realizado no Cemitério e Crematório Primaveras.

MISSAS

Nadyr Gibelli - Hoje, às 18h30, na Paróquia Assunção de Nossa Senhora, na Al. Lorena, 665A, Jd. Paulista (7º dia).

Luiz Carlos Camasmie Gabriel (Lalo) - Hoje, às 17 horas, na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na R. Honório Líbero, 90, Jardim Paulistano (7º dia).

Cézar Maurício Cossenza Júnior - Dia 9, às 10 horas, na Paróquia São José, na R. Dinamarca, 32, Jardim Europa (7º dia).

Cemitério Israelita do Butantã (Shloshim)

Noemia Davidovich Fryszman - Hoje, às 10 horas, no S.O - Q.340 - Sep. 173.

Jaime Szuster - Hoje, às 11h30, no S.R - Q.365 - Sep. 72.

(Matzeiva)

Tauba Sara Zelt - Hoje, às 10h30, no S.R - Q.366 - Sep. 86.

Daniel Taubkin - Hoje, às 11 horas, no S.R - Q.388 - Sep. 23.

Fajga Kuperman - Hoje, às 11 horas, no S.R - Q.402 - Sep. 89.

Sonia Slucki Gen - Hoje, às 11h30, no S.I - Q.106 - Sep. 86.

Zilda Botkowski - Hoje, às 11h30, no S.B - Q.186 - Sep. 157.

Roberto William Schleif - Hoje, às 12 horas, no S.O - Q.329 - Sep. 85.

Miriam Fiss Abram - Hoje, às 12h30, no S.R - Q.367 - Sep. 100.

Joseph Abram - Hoje, às 12h30, no S.R - Q.367 - Sep. 101.

A esposa Heloiza, e filhos Carolina e Francisco do amado

† **Sylvio Giordano**

Agradecem o carinho e o conforto recebidos e convidam para a missa de 7º dia que será celebrada amanhã, dia 08/08/2022, às 12:00 horas na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Rua Honório Líbero, 100 - Jardim Paulistano.

Campeonato Brasileiro

São Paulo não reage, perde mais uma em casa e terá que apostar nas Copas

Time de Rogério Ceni perde para o Flamengo no Morumbi e chega ao sexto jogo sem vitórias na competição; esperança de títulos fica para a Copa do Brasil e Sul-Americana

RICARDO MAGATTI

O São Paulo vai mesmo ter de apostar nas Copas, já que não consegue reagir no Campeonato Brasileiro. Com uma escalação mista, o time tricolor amargou o sexto jogo seguido sem vitória no torneio nacional ao ser derrotado por 2 a 0 pelo Flamengo na noite de ontem no Morumbi, o jovem Lázaro e Gabriel Barbosa, o Gabigol, marcaram e garantiram o quinto triunfo consecutivo do time carioca, que começou o duelo com uma equipe reserva.

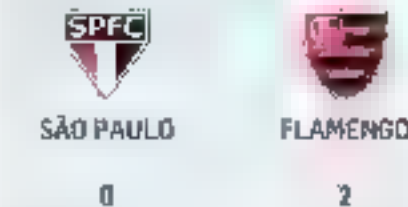
Foi uma estratégia acertada de Dorival Júnior, pois rodou o elenco, dando minutos para os suplentes e descansando os titulares para o duelo decisivo da próxima terça-feira, pelas quartas de final da Libertadores, contra o Corinthians. Já o São Paulo pensa na Sul-Americana. Na quarta, decide com o Ceará fora de casa uma vaga as semifinais. As Copas são a prioridade do Tricolor, que derrapa no Brasileirão, com apresentações e resultados ruins.

Enquanto o São Paulo se distancia dos líderes no Nacional, o Flamengo faz o movimento contrário. Com mais uma vitória, foi aos 36 pontos e passou a estar a seis do líder Palmeiras, que joga hoje. O Tricolor estagnou nos 26 e está mais perto da zona de rebaixamento do que dos primeiros colocados.

O Flamengo abriu o placar no Morumbi no primeiro lance de perigo e ficou confortável na partida. Logo aos seis minutos, Ayrton Lucas encontrou Victor Hugo dentro da área. O jovem desviou e a bola sobrou para Lázaro cabecear para as redes. O Tricolor, mesmo com alguns titulares, pouco fez diante dos reservas do rival carioca.

21ª RODADA			
ONTEM			
	Botafogo	x	Ceará
	Juventude	0 x	América-MG
	Avaí	x	Corinthians
	Atlético-GO	2 x	RB Bragantino
	São Paulo	0 x 2	Flamengo
HOJE			
16h	Palmeiras	x	Goiás
16h	Fluminense	x	Cuiabá
18h	Fortaleza	x	Internacional
19h	Atlético-MG	x	Athletico-PR
AMANHÃ			
20h	Coritiba	x	Santos

21ª RODADA DO BRASILEIRÃO

SÃO PAULO	FLAMENGO
0	2

Gols: Lázaro, aos 5 do 1º tempo; Gabriel, aos 49 do 2º tempo.
SÃO PAULO: Felipe Alves, Rafinha, Miranda (Diego), Léo e Reinaldo (Wellington); Pablo Maia, Igor Gomes (Rodriguinho), Galoppo, Nikão (Igor Vinícius), Patrick (Calleri) e Marcos Guilherme. **Técnico:** Rogério Ceni.
FLAMENGO: Santos, Matheuzinho (Rodinei?), Pablo e Ayrton Lucas; Diego (João Gomes), Vidal (T. Maia) e Victor Hugo (E. Ribeiro); Marinho (Gabriel), Lázaro e Cebolinha (Arrascaeta). **Técnico:** Dorival Júnior.
Juiz: Ramon Abatti Abel (SC).
Amarelos: Hugo Souza, Pablo Maia, Diego, Galoppo.
Público: 45.217 pagantes.
Renda: R$ 2.7[illegible]3,85,00.
Local: Morumbi, em São Paulo.

Reinaldo tentou em chute travado. Marcos Guilherme levou perigo de cabeça e Galoppo arriscou de fora da área. Foi apenas isso que os anfitriões produziram na primeira parte do jogo. Mais perigoso, o Flamengo quase ampliou com Everton Cebolinha e Marinho. Não o fez porque ambos pararam em Felipe Alves.

O segundo tempo foi muito melhor tecnicamente do que o primeiro. Mas a sorte do São Paulo, embora tenha melhorado da sua produção ofensiva, continuou a mesma. Rogério Ceni mandou a campo o atacante argentino Calleri, mas nem o artilheiro foi capaz de ajudar o São Paulo diante do Flamengo, que controlou parte da etapa final, quando alguns titulares, como Arrascaeta e Everton Ribeiro, entraram.

CLASSIFICAÇÃO

		PG	J	V	E	D	SG
1º	Palmeiras	42	20	12	6	2	19
2º	Corinthians	36	2[illegible]	[illegible]	6	4	6
3º	Flamengo	36	2[illegible]	[illegible]	3	7	13
4º	Fluminense	35	20	10	5	5	9
5º	Athletico-PR	34	20	10	4	6	5
6º	Internacional	33	20	8	9	3	10
7º	Atlético-MG	32	20	8	8	4	4
8º	RB Bragantino	30	2[illegible]	8	6	[illegible]	7
9º	América-MG	27	2[illegible]	8	3	10	6
10º	Santos	27	20	6	9	5	6
11º	São Paulo	26	2[illegible]	5	[illegible]	5	[illegible]
12º	Botafogo	25	2[illegible]	[illegible]	4	10	-6
13º	Goiás	25	20	6	7	7	3
14º	Ceará	25	2[illegible]	5	10	6	0
15º	Coritiba	22	20	6	4	10	-9
16º	Avaí	22	2[illegible]	6	4	[illegible]	-12
17º	Cuiabá	20	20	5	5	10	-7
18º	Atlético-GO	20	2[illegible]	5	5	[illegible]	-2
19º	Fortaleza	18	20	4	6	10	-7
20º	Juventude	16	21	3	7	[illegible]	-18

Libertadores   Sul-Americana   Rebaixamento

O São Paulo lutou muito e tentou de diferentes maneiras buscar o empate. Símbolo dessa luta foi o atacante Marcos Guilherme, que jogou no sacrifício, com cãibras, os minutos finais. O empate não veio e o Flamengo conseguiu ampliar no último lance da partida.

Nos acréscimos, o São Paulo se lançou todo ao ataque para a cobrança de escanteio, mas o time errou o passe. O Flamengo partiu em contra-ataque. Gabigol avançou com liberdade e bateu cruzado para definir a vitória no Morumbi.

"Só depende da gente. Depois de quarta-feira a gente pensa no Brasileirão de novo", disse o goleiro Felipe Alves após a partida, lamentando mais um revés e já pensando no duelo decisivo pela Sul-Americana contra o Ceará. ●

Corinthians mostra reação no 2º tempo, mas só empata

GLAUCO DE PIERRI

O Corinthians entrou em campo ontem, na Ressacada, para enfrentar o Avaí, tentando manter a competitividade no Campeonato Brasileiro. Com muita chuva, cada time dominou um tempo e o jogo terminou empatado por 1 a 1 – se o Palmeiras vencer o Goiás hoje, abre seis pontos na liderança.

O Avaí saiu na frente. Balbuena fez pênalti em Pottker e aos 35 minutos, Bissoli bateu com categoria e abriu o placar.

Na segunda etapa, Vítor Pereira voltou com o time mais ofensivo. O Corinthians empatou aos 32. Renato Augusto, que voltou ao time, cobrou escanteio na primeira trave e Balbuena testou para fazer o gol.

21ª RODADA DO BRASILEIRÃO

AVAÍ	CORINTHIANS
1	1

Gols: Bissoli, aos 35 do 1º tempo; Balbuena, aos 32 do 2º tempo.
AVAÍ: Vladimir; Kevin (Renato), Bressan, Rafael Vaz e Bruno Cortez; Raniele, Bruno Silva e Eduardo (Jean Pyerre); William Pottker, Bissoli (Guerrero) e Muriqui (Lucas Ventura). **Técnico:** Eduardo Barroca. **CORINTHIANS:** Cássio; Rafael Ramos, Gil, Balbuena e Fábio Santos (Yuri Alberto); Cantillo, Roni (Renato Augusto), Gustavo Mosquito (Ramiro), Giuliano (Fausto Vera) e Lucas Piton; Róger Guedes. **Técnico:** Vítor Pereira.
Juiz: Wilton Pereira Sampaio.
Amarelos: Muriqui, Vladimir, Fausto Vera. **Público:** 2.648 torcedores.
Renda: Não divulgada.
Local: Estádio da Ressacada, em Florianópolis (SC).

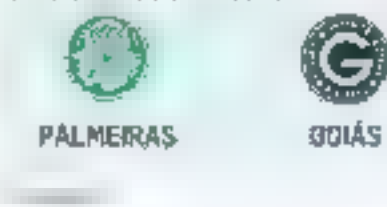
Aos 48, Renato Augusto bateu de esquerda e quase virou a partida. Agora, o Corinthians se concentra na partida de volta pelas quartas de final da Libertadores contra o Flamengo, terça, no Maracanã. ●

Palmeiras pega o Goiás para repetir espírito da Libertadores

Invicto há oito partidas na temporada, o Palmeiras joga hoje, às 16h, em sua casa, o Allianz Parque, com o propósito de ampliar essa sequência positiva e continuar com uma margem confortável na liderança do Brasileirão. O adversário da 21.ª rodada é o Goiás, que luta para se distanciar da zona de rebaixamento.

O Palmeiras lidera o campeonato com 42 pontos, decorrentes de 12 vitórias e seis empates e apenas duas derrotas – ambas no Allianz Parque.

"É manter essa parte mental, sabemos o quanto é difícil o Brasileiro. Não existe jogo fácil. O segundo turno é ainda mais, não dá para recuperar mais pontos", alertou o goleiro Weverton. "O Goiás vem crescendo na competição, não vai nos dar nada de graça."

21ª RODADA DO BRASILEIRÃO

PALMEIRAS   GOIÁS

PALMEIRAS: Weverton; Mayke, Gustavo Gómez, Luan e Vanderlan; Danilo, Gabriel Menino e Gustavo Scarpa; Dudu, Wesley e López.
Técnico: Abel Ferreira.
GOIÁS: Tadeu, Maguinho, Halter, Caetano e Juan Pablo; Auremir, Diego, Dadá Belmonte, Vinícius; Nicolas e Pedro Raul.
Técnico: Jair Ventura.
Juiz: Jean Pierre G. Lima (RS).
Horário: 16h.
Local: Allianz Parque.
TV: Globo e Premiere.

Abel deve preservar alguns atletas mais desgastados nesta tarde, de olho no jogo contra o Atlético-MG, quarta, pela Libertadores. É provável que jovens como o lateral Vanderlan, o meia Gabriel Menino e o atacante Wesley ganhem uma chance entre os titulares. ●

O MELHOR DA TV

CANOAGEM
● Mundial de velocidade
11h SporTV 2

FUTEBOL
● Campeonato Inglês
West Ham x Man. City
12h30 / ESPN
● Brasileirão Sub 20
Palmeiras x América-MG
15h / SporTV
● Troféu Joan Gamper
Barcelona x Pumas
15h ESPN
● Campeonato Francês
Olympique x Reims
15h45 ESPN 2
● Campeonato Brasileiro
Fluminense x Cuiabá
16h Premiere
Palmeiras x Goiás
16h Globo e Premiere
Fortaleza x Internacional
18h / Premiere
Atlético-MG x Athletico-PR
19h SporTV e Premiere

FÓRMULA INDY
● GP de Nashville
16h / Cultura e ESPN 4

Futebol

Dani Alves, Bale e Suárez usam rota alternativa como caminho para o Catar

Trio escolhe jogar em torneios nos EUA, México, Uruguai para manter a forma física e ficar em condições de ir ao Mundial

PEDRO RAMOS

Eles são jogadores famosos, vão disputar a Copa do Catar, mas neste meio de ano trocaram de equipe e se transferiram para uma liga fora dos principais palcos do futebol. Dani Alves, no México, Luis Suárez, de volta ao Uruguai, e Gareth Bale, nos Estados Unidos, buscaram vitrines alternativas para se manter em alta antes do Mundial, que pode ser o último do trio veterano, todos com mais de 30 anos.

Dos três, apenas o brasileiro precisa mostrar serviço para se garantir na Copa, pois tanto Suárez quanto Bale são dois dos principais jogadores de suas respectivas seleções, o Uruguai e o País de Gales. O técnico Tite já havia avisado o lateral de 39 anos que ele tem de estar na ativa para ser lembrado entre os 26 convocados.

Após um período de pouco mais de seis meses no Barcelona, Dani Alves se viu com poucas opções interessantes no mercado. O Athletico-PR foi um dos pretendentes e voltar ao futebol brasileiro poderia ser uma oportunidade interessante, mas o jogador optou pelo Pumas, do México. Em sua estreia, já contribuiu com uma assistência para gol. Sua passagem pelo São Paulo foi bastante complicada e questionada. O clube lhe deve dinheiro.

"Muito obrigado a todos pela recepção, pelo carinho e pelo respeito. O primeiro dia nunca é esquecido. Continuaremos trabalhando duro", escreveu o jogador brasileiro em suas redes sociais.

Pesa a favor do atleta a larga experiência e o currículo vitorioso, além da falta de grandes opções no setor da seleção brasileira. Das duas vagas de lateral-direito na Copa, Danilo, da Juventus, já assegurou a sua. E deve ser o titular.

O principal concorrente de Daniel Alves hoje é Emerson Royal, do Tottenham. O jogador de 23 anos atuou em sete partidas pela seleção brasileira, mas justamente na última delas, no empate por 2 a 2 com o Equador, em Quito, foi expulso precocemente e prejudicou suas chances com a comissão técnica. Mas, enquanto Royal disputará o Campeonato Inglês e a Liga dos Campeões, duas das principais competições do continente, Daniel Alves estará numa liga pouco assistida no Brasil e de menor apelo. O contrato com o Pumas é por uma temporada.

Na última Copa do Mundo, em 2018, a seleção brasileira contou com Renato Augusto, que à época atuava no chinês Beijing Sinobo Guoan. Quatro anos antes, o goleiro Júlio César vestia a camisa do Toronto quando foi chamado para defender o Brasil. O fenômeno não é novo na seleção.

Após deixar o Barcelona, o lateral-direito brasileiro Daniel Alves está atuando no Pumas, do México

BOM FILHO. O Uruguai passou semanas acompanhando o noticiário para saber se o grande ídolo da seleção, Luis Suárez, retornaria ao futebol do país. Parecia um sonho. Maior artilheiro da seleção uruguaia, Suárez havia vestido a camisa do Atlético de Madrid na última temporada e, com o fim do contrato, estava livre no mercado e com várias opções de destino mais vantajosas financeiramente.

Mas as propostas europeias não o atraíram. O Nacional bateu à porta e 16 anos depois o ídolo voltou para casa. "Em nenhum lugar eu seria tão feliz quanto sou aqui. Tenho três maravilhosos filhos, e o sonho deles era me ver jogar no Nacional", revelou o camisa 9. "Eu vim para cá porque quero ganhar. Tenho certeza de que fiz a escolha certa", disse.

Amor ao clube do coração à parte, o futebol uruguaio está muito distante do nível que será visto na Copa do Mundo. Será um desafio grande para Suárez chegar em alta para o Mundial. Nada que um jogador de talento e experiência não possa se ajustar. O Nacional lidera o Campeonato Uruguaio e tem Liverpool na vice-liderança, com apenas um ponto de diferença na tabela.

> ***Em nenhum lugar eu seria tão feliz quanto sou aqui. Tenho três maravilhosos filhos, e o sonho deles era me ver jogar no Nacional. Tenho certeza de que fiz a escolha certa"***
>
> **Luis Suárez**
>
> **Atacante da seleção uruguaia**

> ***"É liga em crescimento e foi uma oportunidade empolgante que senti"***
>
> **[illegible]**
>
> **Atacante do País de Gales**

Maior artilheiro do País de Gales, Gareth Bale já levou a seleção a disputar uma Eurocopa e, neste ano, colocou o seu país na Copa do Mundo, o que não acontecia desde 1958. Principal referência do time, dificilmente a liga que escolhesse para atuar no restante do ano faria diferença quanto à definição da sua vaga no Mundial do Catar. Ele escolheu os EUA e o Los Angeles FC.

"Eu acho que é uma liga em crescimento e foi uma oportunidade empolgante que senti que era correta para mim e para minha família. Quero vir aqui, jogar, deixar minha marca e fazer o melhor possível para ajudar o LAFC a conquistar um troféu", afirmou Bale.

Nas últimas temporadas, a Major League Soccer (MLS) passou a investir bastante dentro e fora de campo para elevar o nível do futebol local. E como Bale fez pouquíssimas partidas pelo Real Madrid na última temporada, a esperança é que no Los Angeles FC ganhe ritmo de jogo para estar mais bem preparado para a Copa. ■

Jogos Olímpicos

Ginastas contam como a pandemia afetou os ciclos de Tóquio e Paris

[illegible]
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Quase um ano depois de Tóquio-2020, os melhores esportistas do mundo já estão no que seria a metade do intervalo até a próxima Olimpíada com a proximidade de Paris-2024. Por causa da pandemia de covid-19, os últimos Jogos foram disputados somente em 2021, e isso mudou o chamado ciclo olímpico – que foi praticamente "emendado".

Além do peso que tantos cancelamentos de competições trouxeram às suas rotinas, o cronograma de treinos também foi afetado e o calendário, modificado. Como resultado, os atletas tiveram de adaptar seu dia a dia, elaborar uma preparação técnica sem campeonatos importantes – ou até descansar e aproveitar o desgaste menor com um ano a menos de atividades.

No começo de 2020, restavam apenas alguns meses para o começo dos Jogos de Tóquio. Muitos atletas estavam na fase final de preparação, mas a covid-19 rapidamente se espalhou e a OMS decretou pandemia, o que resultou no fechamento de ginásios, centros de treinamento e, não menos importante, no cancelamento de competições.

O ginasta Arthur Zanetti, que buscava sua terceira medalha consecutiva, se viu sem campeonatos para disputar. "A gente estava em Baku em 2020 (na Copa do Mundo). Eu, deitado na cama para dormir, recebi a notícia da competição ter sido cancelada. Foi mais ou menos em março de 2020 isso, e só voltou em uma Copa no Catar (em junho de 2021), onde nos adaptamos para o Japão", recorda.

Flávia Saraiva, ouro nas Olimpíadas da Juventude de 2014 e em etapas da Copa do Mundo, teve de dar um jeito de gastar a energia de uma atleta de um esporte tão movimentado e explosivo. "Eu treino 7 horas por dia. Não aguentava mais ficar em casa o tempo todo. Meu lar virou um ginásio: tinha bicicleta, mini trave... a gente foi se adaptando, mas nada comparado a um ginásio. A gente requer muito espaço, e em casa não tem", diz.

Para Paris, Flávia crê que a maneira como a FIG (Federação Internacional de Ginástica) lidou com o ciclo manterá o esporte estável e Zanetti enxerga ele e seus rivais na mesma condição, com uma ressalva: "Alguns países que treinam concentrados no próprio centro, como China e Rússia, podem ter vantagem", analisa. ■

Casa feita em taipa de mão e pau a pique é restaurada em Minas

Patrimônio

Ouro Preto restaura casas centenárias de baixa renda

Preservação começa em moradias do século 18 e beneficia famílias sem recursos para obras e manutenção

JOSÉ MARIA TOMAZELA

A histórica Ouro Preto, em Minas Gerais, com 75 mil habitantes, detém um dos mais importantes conjuntos arquitetônicos do País. São casas com mais de 200 anos, erguidas com técnicas construtivas do período colonial, que fazem parte de um tecido urbano complexo, onde se entrelaçam o barroco e o contemporâneo, o passado e o presente. Na maioria dos casos, os moradores não dispõem de condições financeiras para conservação, quanto mais para investir na restauração desse singular patrimônio.

Para preservar as características históricas e culturais das habitações, mantendo a segurança dos moradores, o Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto (IA) deu início ao Projeto Bomserá que, além de restaurar o casario, vai capacitar quem vive no local para a conservação do imóvel.

O projeto começa em três casas do século 18 com apoio do escritório técnico local do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) e têm ações educativas, que acontecem em paralelo às oficinas de restauro voltadas para a comunidade, professores e alunos do ensino médio de Ouro Preto e região.

As casas foram selecionadas entre 16 moradias consideradas relevantes para a arquitetura urbana e a cultura local. As ações levam em conta a urgência do restauro conservacionista. As obras tiveram início em 27 de junho. "O objetivo é restaurar as casas e capacitar os moradores para que possam eles mesmos realizar a manutenção preventiva. Além disso, o projeto contribui para formar mão de obra qualificada para futuramente atuar em obras de restauração", disse a diretora do IA, Bel Gurgel.

GERAÇÕES. A casa da cuidadora Jaqueline das Mercês Rodrigues, de 49 anos, já está sendo restaurada. As obras começaram pela retirada do reboco das paredes de taipa de mão (pau a pique). O sobrado de nove cômodos, no bairro Cabeças, tem quase 300 anos. "Muitas gerações da nossa família viveram nela. Minha avó Violeta recebia os irmãos, filhos, netos em reuniões familiares que foram mantidas pela minha mãe, Aparecida." Aparecida Rodrigues morreu em janeiro, aos 78 anos, um mês após saber que a casa tinha sido contemplada com o restauro gratuito.

"Cheguei em casa e a encontrei com os olhos inchados de tanto chorar, mas de alegria. Nossa casa estava quase caindo e reformar era um sonho dela. Não tínhamos condições, pois teria de ser uma restauração, que é muito cara", disse a filha.

As oficinas contam com aporte pedagógico de carpinteiros, pedreiros, pintores e instaladores que atuam na área dos ofícios tradicionais, além de tecnólogos, pesquisadores e professores – os dois últimos, por meio de parceria firmada com o curso de Conservação e Restauração de Bens Imóveis do IFMG - Câmpus Ouro Preto direcionada a alunos da instituição, profissionais da construção civil em busca de qualificação e outros interessados.

O projeto, apoiado também pelo Ministério do Turismo e Instituto Cultural Vale, tem duração prevista para seis meses e recebeu investimento de R$ 1,4 milhão. ●

Fraudes financeiras **Crescimento exponencial**

Golpes bancários disparam e devem gerar prejuízos de R$ 2,5 bi neste ano

De roubo de dados à 'engenharia social', brasileiro está com a vida financeira exposta: segundo pesquisa, problema é mais grave no Brasil do que no resto do mundo

O volume de golpes no sistema financeiro nacional deverá alcançar a expressiva marca de R$ 2,5 bilhões neste ano. E a estimativa é de que parte considerável desse montante (cerca de R$ 1,8 bilhão, ou mais de 70%) tenha a ver com o Pix, o sistema de pagamentos instantâneos do Banco Central (BC) que entrou em operação em 2020 e que rapidamente se popularizou. A estimativa dos bancos para o fechamento de 2022, obtida pelo **Estadão**, leva em conta os dados até junho – período em que as fraudes já somavam R$ 1,7 bilhão, sendo R$ 900 milhões por meio do Pix.

Fontes do sistema financeiro afirmam que esse número, no entanto, pode estar subestimado, uma vez que nem todos os golpes são reportados aos bancos pelos clientes. Oficialmente, não existe um número consolidado, mas, com o aumento da digitalização das operações durante a pandemia, a estimativa é de que as fraudes tenham triplicado em dois anos.

Um levantamento feito pela Serasa Experian mostrou que, em maio de 2021, um total de 331,2 mil brasileiros foram vítimas de algum tipo de fraude, sendo que mais de 176 mil ocorrências (53,3%) foram realizadas a partir de contas bancárias ou cartões de crédito. Dois meses antes, em março, esse número era de 79,9 mil. O estudo analisa números relacionados a crimes como utilização indevida de identidade e abertura de contas e emissão de cartões sem autorização.

Braço antifraude do serviço de monitoramento de crédito Boa Vista, a Konduto também identificou a gravidade do problema: apenas de janeiro a abril deste ano, foram cerca de 9 milhões de tentativas de fraude no comércio relacionadas à clonagem de cartões de crédito e a roubo de dados pessoais. Só em abril foram 2 milhões de ocorrências, alta de 117% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Além do roubo de dados por hackers, outro tipo de crime que tem crescido no País é a fraude classificada como "engenharia social", que consiste na manipulação psicológica do usuário para que ele forneça informações confidenciais, como senhas de cartões e de contas. Levantamento recente da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban) apontou uma alta de 165% nesse tipo de golpe desde o início da pandemia. Neste ano, 1 em cada 3 brasileiros sofreu uma tentativa de golpe desse tipo, aponta a associação.

As fraudes financeiras são um problema global que parece, comparativamente, mais grave no Brasil. Em um estudo de fevereiro de 2022, a IBM revelou que 31% dos brasileiros afirmaram ter sofrido algum tipo de golpe relacionado a cartões de crédito no ano anterior. Na Alemanha, por exemplo, esse número foi de 7% e, nos EUA, de 18%.

"O Brasil é um mercado hostil e que tem um problema de segurança pública", afirma Fabiana Saenz, especialista de segurança da Zetta, a associação que representa as fintechs (startups do setor financeiro) no Brasil. "Quando apresentamos casos brasileiros em fóruns internacionais de cibersegurança, os estrangeiros ficam bastante impressionados com a maneira de atuação dos criminosos daqui", conta José Luis Santana, líder de cibersegurança do C6 Bank.

GRUPO DE TRABALHO. Diretor de relações institucionais do Nubank, Bruno Magrani conta que foi formado um grupo para discutir melhorias em segurança com o Banco Central. Fazem parte desse grupo Zetta, Febraban, Abipag (Associação Brasileira de Instituições de Pagamentos), Abranet (Associação Brasileira de Internet) e ABBC (Associação Brasileira de Bancos).

Uma das ideias discutidas hoje é o bloqueio em cascata de contas em ataque. "Uma das características de criminosos é movimentar dinheiro de maneira muito rápida entre várias contas. O processo atual para bloquear uma conta vítima de golpe é muito demorado. A nossa ideia é poder bloquear de uma só vez contas que fazem o caminho do dinheiro por diferentes instituições financeiras", conta Magrani.

WASHINGTON ALVES/ESTADÃO

A aposentada Patrícia foi vítima de um golpe via celular que lhe causou um prejuízo de R$ 39 mil

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, já sinalizou preocupação sobre o tema das fraudes. Em audiência na Câmara dos Deputados, ele falou sobre o trabalho de coibir as "contas laranjas", abertas com documentos de outras pessoas, sem autorização. Trata-se de uma tentativa de melhorar o rastreamento do dinheiro roubado.

VÍTIMA. A aposentada Patrícia Leão, de 58 anos, foi vítima de uma série de golpes em questão de dias. No fim do ano passado, ela recebeu uma mensagem no WhatsApp de um homem que se passou por um de seus irmãos – inclusive, com nome e foto de perfil. O golpista dizia que havia adquirido um novo celular, com a justificativa de que o aparelho antigo seria usado apenas para contatos profissionais.

O roteiro não é novo, mas a situação pareceu pertinente naquele momento. "Coincidentemente, meu irmão iria fazer isso mesmo, porque ele tem uma microempresa de produtos mineiros e foi aconselhado a deixar um número só para trabalho", explica.

Em seguida, a aposentada foi perguntada se poderia pagar uma pessoa em nome do irmão. "Fiz o pagamento e criei uma história na minha cabeça. Pensei que era um pagamento de fornecedor, e que ele realmente estava com problema no banco", relembra.

Nos dias seguintes, Patrícia disse que voltou a ser acionada e efetuou, ao todo, cinco transferências. A aposentada conta que não lhe ocorreu mandar uma mensagem para o número que o irmão costumava usar, e que tampouco cogitou ir até a casa dele, a poucos quarteirões de onde ela mora, em Belo Horizonte.

"Parece história de novela, não sei explicar o que aconteceu. A gente cria uma história, passa a fazer parte dela e não raciocina", lamenta Patrícia. A descoberta de que se tratava de um golpe, explicou a aposentada, só veio na quinta-feira, quando ela contou a história para outro irmão, que tentou sem sucesso ligar para o número do golpista. Ao fim, Patrícia teve um prejuízo de R$ 39,7 mil.

A aposentada registrou um boletim de ocorrência na Polícia Civil e acionou os dois bancos nos quais era cliente. Ela conta que nenhum suspeito foi localizado até o momento e que o valor não foi ressarcido. A justificativa dada por uma das instituições financeiras foi de que o golpe precisaria ter sido identificado no mesmo dia das transações.

Patrícia ainda diz ter recebido outras abordagens de golpistas se passando por seu irmão nos meses seguintes. "Meu nome deve ter rodado por aí, alguém deve estar aproveitando os R$ 39 mil até hoje." ● BRUNA ARIMATHEA, BRUNO ROMANI, FERNANDA GUIMARÃES, GUILHERME GUERRA E ÍTALO LO RE

Disparada das fraudes

R$ 1,7 bilhão
é o valor estimado pelas instituições financeiras para a soma de golpes aplicados entre janeiro e junho deste ano; cerca de R$ 900 milhões só no Pix

31% **dos brasileiros afirmam ter sofrido algum tipo de golpe financeiro ao longo de 2021, segundo estudo realizado pela IBM**

9 milhões
de tentativas de fraude ocorreram no comércio entre janeiro e abril deste ano, segundo a Konduto, braço antifraude do serviço de monitoramento de crédito Boa Vista

Celso Ming

Gargalos do agronegócio

O agronegócio deve entregar nesta temporada safra recorde de mais de 260 milhões de toneladas de grãos. O horizonte dos 300 milhões de toneladas está logo à frente, mas há um sério gargalo que pode prejudicar essa meta. Trata-se da insuficiência de armazenamento.

O Brasil só consegue guardar pouco mais da metade de grãos que produz a cada ano.

Uma indicação da existência desse descompasso é o que vem acontecendo em Mato Grosso. Parte da atual safra de milho está sendo amontoada a céu aberto por falta de espaço em silos e armazéns. É verdade que as colheitas de grãos não acontecem todas ao mesmo tempo. Na Região Centro-Oeste, por exemplo, a soja e a primeira safra de milho são colhidas no início do ano, entre janeiro e março, e a chamada safrinha de milho acontece entre maio e agosto. Quando há escoamento lento demais ou antecipação da colheita, como ocorreu neste ano, os produtores ficam sem espaço e se sujeitam a prejuízos.

Este não é problema isolado. Neste ano, também foram relatados casos de armazenagem de milho ao relento no Paraná. Mas a falta de armazéns também é enfrentada por produtores nas novas fronteiras agrícolas, na Região do Matopiba e no Pará. "Ao contrário do que ocorreu com a produção de grãos, em que a interiorização do agro possibilitou o avanço da fronteira agrícola, a infraestrutura logística no Brasil manteve-se concentrada. Nada menos que 75% da capacidade de armazenamento está nas Regiões Sul e Centro-Oeste", explica Paulo Machado, superintendente da Conab.

O Brasil tem condições de guardar 178,3 milhões de toneladas (veja o gráfico), ou apenas dois terços da produção esperada para a safra em curso. Em 10 anos, só avançou pouco mais de 23% na capacidade de armazenamento. No mesmo período, a produção anual saltou 61%.

Wellington Andrade, diretor da Aprosoja-MT, observa que esse déficit deve ser tratado de forma estratégica, não só pelos prejuízos que gera ao produtor, como também por questão de segurança alimentar, seja pelo desperdício, seja pela perda de qualidade do produto.

A solução não se restringe a construir silos e armazéns, mas, também, exige a criação de pontos de conectividade entre os modais de transporte para dar mais eficácia ao escoamento, prover investimentos em tecnologia para aprimorar a estocagem e qualidade dos armazéns e monitorar a produção para melhorar as previsões e não pressionar os ciclos entre as safras.

São desafios que exigem desburocratização e criação de linhas de financiamentos a juros mais favoráveis para viabilizar o investimento do setor privado, como explica Felippe Serigati, da FGV. ● /COM PABLO SANTANA

COMENTARISTA DE ECONOMIA

Fraudes financeiras **O que diz o mercado**

Roubo de celulares vira 'porta de entrada' para invasão de contas

Especialistas cobram mais investimentos em segurança para apps; bancos apostam em inteligência artificial e biometria

DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO - 18/2021

Brasileiros concentram informações bancárias nos celulares

Os criminosos perceberam que o telefone celular é uma "janela" para a vida digital das pessoas: os dispositivos não apenas carregam os apps mais usados, como também são peça fundamental na linha para a confirmação de operações financeiras. É pelo celular que o consumidor recebe mensagens SMS, e-mails e avisos de confirmação que costumam dar acesso a serviços e transações. Fabiana Saenz, da Zetta (associação que reúne os bancos digitais nacionais), afirma que o roubo físico de aparelhos dificulta a ação das instituições financeiras.

Para especialistas ouvidos pelo **Estadão**, a falta de investimentos em segurança para os aplicativos de celular e a morosidade no registro de ocorrências têm colaborado para o aumento do número de casos e até na organização de novas formas de golpe.

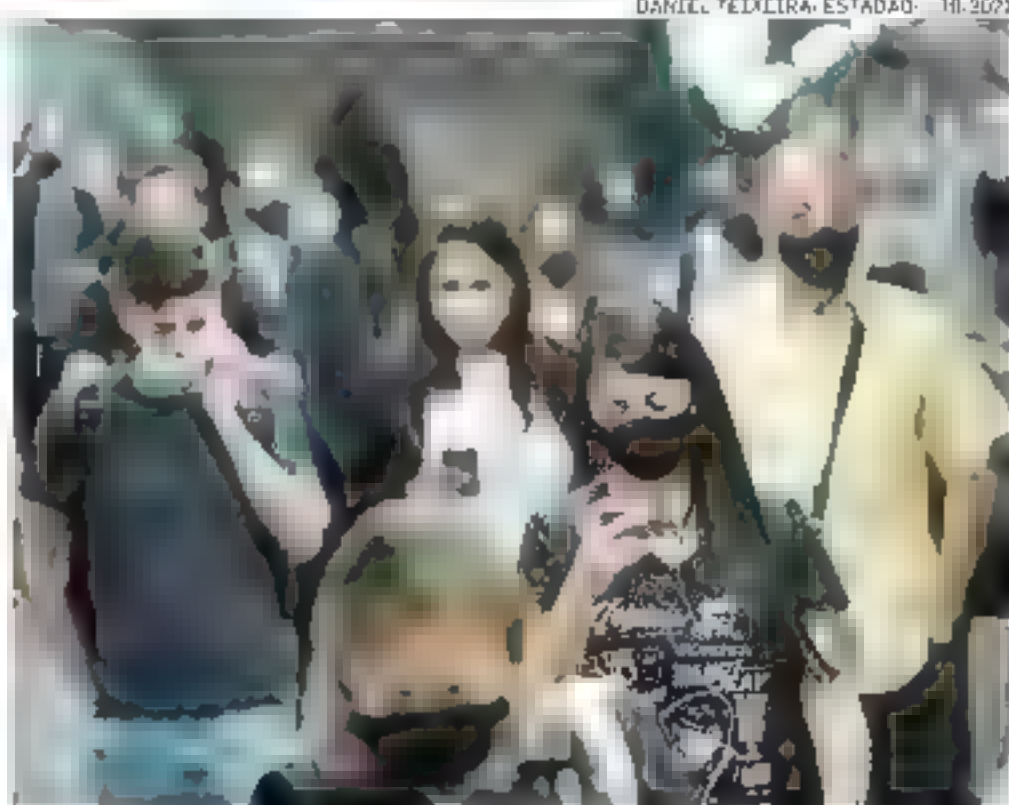
Para Álvaro Martins, da consultoria IT By Inside, apesar das atualizações feitas pelos bancos, as empresas estão sempre muito atrás do crime organizado. Martins afirma que, na maioria dos casos, os investimentos em segurança dos bancos visam a proteger as aplicações do próprio banco, e não o dinheiro dos correntistas. "O setor financeiro tem ferramentas para evitar esses casos, mas eles não têm foco nisso."

Já na avaliação de Jeferson Campos Nobre, professor do Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mesmo com uma divisão de responsabilidades e os cuidados por parte dos correntistas, as instituições precisam assumir o papel de protagonistas em segurança. "Os clientes podem colaborar com o processo de segurança, mas obviamente existe uma expectativa de investimentos em tecnologias que detectem e bloqueiem movimentações inesperadas."

Reação
Bancos rebatem afirmação de falta de investimentos em segurança

A questão das fraudes tem de ser priorizada, segundo Nobre, com mais opções de atendimento relacionadas a perda e roubo, como já é comum nos call centers de cartão de crédito. "Vão ser necessárias atualizações nesse serviço de atendimento para incluir opções de bloqueio de contas no futuro. Eu acredito que esse tema já esta na ordem do dia das empresas do setor financeiro", afirma.

INICIATIVAS. Embora digam que façam investimentos em áreas como biometria, inteligência artificial e análise comportamental, as instituições atribuem a explosão de fraudes a um "problema de segurança pública" e à baixa educação digital das pessoas, o que teria sido agravado com a expansão da base de usuários. "A maioria das fraudes ocorre por meio de engenharia social", diz Bruno Magrani, diretor de relações institucionais do Nubank, sobre o crime de manipulação psicológica do usuário para que ele forneça informações confidenciais.

As iniciativas das instituições são variadas. O banco digital C6 diz que faz uso de reconhecimento facial próprio para validar as operações. O Nubank afirma possuir biometria, para prova de vida, e inteligência artificial para fazer a validação dos riscos das transações, numa tentativa de predizer o comportamento dos usuários. Apesar disso, repercutiu nas redes sociais um caso de um cliente do Nubank que diz ter perdido R$ 140 mil após ter tido o celular roubado. Sobre o caso, a companhia diz: "Este caso foi resolvido e o cliente, ressarcido. Visando a melhoria contínua de serviços e processos, a empresa trabalha desde o dia 1.º no desenvolvimento de tecnologias que garantam a integridade e a segurança de clientes e ativos".

"O setor bancário brasileiro é referência mundial em cibersegurança. Até por isso, frequentemente os fraudadores focam seus esforços sobre os usuários finais, que, por desconhecimento dos riscos, são frequentemente o vetor mais vulnerável. Nesse contexto, a educação e conscientização dos clientes são extremamente importantes para mudar o cenário atual de fraudes", afirma Thiago Garnides, diretor de riscos do banco Inter.

O discurso se repete entre os bancos tradicionais. Em nota, o Santander afirmou que segue as normas de prevenção estabelecidas pelo Banco Central e que "investe constantemente em sistemas de proteção para preservar as transações de seus clientes". O Bradesco informou que conta com um "elevado grau de segurança" e que segue "as melhores práticas nacionais e internacionais".

Em nota, o Banco do Brasil afirmou que utiliza sistemas de inteligência analítica para acompanhar os padrões de comportamento dos correntistas em caso de transações por aplicativo. "A segurança nas transações financeiras é prioridade para o BB."

Já o Itaú declarou que investe continuamente no fortalecimento dos sistemas e processos de segurança no uso do seu aplicativo. "O banco submete todas as operações ao monitoramento de riscos, que analisa as transações para identificar eventuais suspeitas de tentativas de fraudes ou golpes."

Procurada, a Federação Brasileira dos Bancos (Febraban) disse que está "atenta aos problemas de segurança pública e seus reflexos nas transações bancárias e na segurança de seus clientes". Segundo a entidade, os bancos têm seguido instrução normativa do Banco Central sobre os limites transacionais de Pix via celular.

"A Febraban incentiva que os clientes utilizem essa funcionalidade em seus aplicativos para ajustar os limites de acordo com suas necessidades e segurança." Levantamento do C6 apontou que 72% dos usuários conhecem a funcionalidade que limita os valores de transações via Pix. Contudo, só 32% do público já configurou essa ferramenta nos serviços bancários. ● BRUNA ARIMATHEA, BRUNO ROMANI, GUILHERME GUERRA E WESLEY GONSALVES

Fraudes financeiras **A recomendação de especialistas**

Veja como proteger celulares e contas de ataques de criminosos

GUILHERME GUERRA

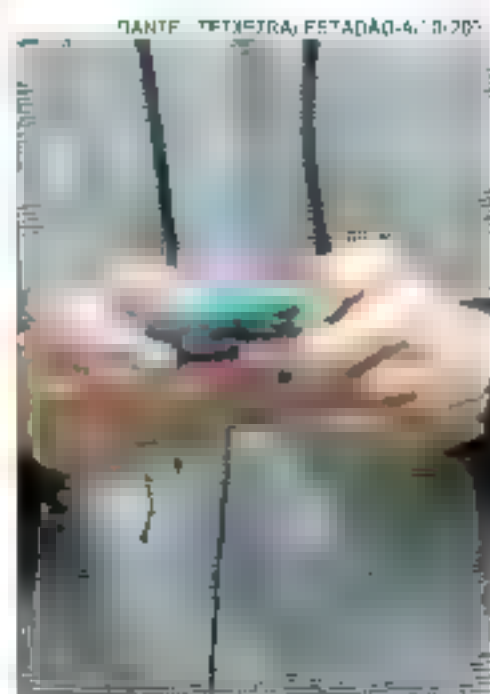
Os celulares têm hoje lugar de destaque na vida da maioria das pessoas, ao reunir em um único aparelho informações pessoais, de trabalho e também financeiras. Exatamente por isso, bandidos visam esses smartphones em furtos ou roubos. Proteger o aparelho para evitar que os criminosos tenham acesso a dados sensíveis, como e-mail ou contas bancárias, tornou-se primordial para garantir a segurança no mundo digital.

Por isso, no quadro abaixo, o **Estadão** reproduz algumas orientações de proteção, classificadas por complexidade, dadas por especialistas em cibersegurança.

O nível básico, por exemplo, é mais simples de realizar, mas também consegue ser contornado mais facilmente por bandidos. Já o nível avançado dá mais trabalho para executar, e também pode representar um custo extra, mas oferece barreiras bem maiores.

Independentemente do nível de dicas que o consumidor decidir adotar para garantir a integridade de seu smartphone, é sempre bom ter em mente que não existe solução mágica contra crimes digitais.

Além da camada de proteção, os especialistas afirmam que é importante demandar de autoridades públicas e instituições financeiras investimento no combate a fraudes no ambiente online. ●

DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO

A verificação em duas etapas é uma das dicas para os usuários

Como prevenir

As dicas vão do nível básico até o avançado

● **Nível básico**

1) Use senhas alfanuméricas (incluindo símbolos e combinando letras minúsculas e maiúsculas) diferentes para cada cadastro;
2) Use sequências numéricas aleatórias em instituições financeiras, como senhas de cartões ou credenciais em aplicativos bancários;
3) Ative a verificação em duas etapas por celular ou e-mail;
4) Coloque senha no chip (SIM) da operadora, o que irá impedir que ladrões insiram o cartão em outro aparelho e tenham acesso ao seu número;
5) Não clique em links duvidosos ou dê informações pessoais, mesmo que o pedido seja de um contato conhecido;
6) Ative todas as biometrias do seu aparelho, como leitores de digitais e de rosto, que criam camadas a mais de segurança.

● **Nível intermediário**

1) Tenha senhas aleatórias, complexas e impossíveis de decorar: use apps específicos (1Password, Last Password) ou ferramentas de navegadores (Google Chrome e Safari) que criam senhas e as colocam em um "cofre" na nuvem;
2) Ative senhas de uso único como outra etapa de verificação. São números aleatórios que funcionam como segundo código. São criadas por apps próprios (Google Authenticator, Microsoft Authenticator, Authy, 1Password);
3) Entre em contato com a instituição financeira e diminua limites diários de transferência (DOC, TED e Pix), saques e empréstimo pré-aprovado;
4) Considere incluir um contato de confiança em sua família (iCloud Apple), permitindo que familiares possam apagar o dispositivo a distância em caso de roubo. Android (Google) não tem o recurso.

● **Nível avançado**

1) Comprar uma chave de segurança física para recuperação de senha e logins, como Titan (do Google), Yubico e OnlyKey. Os preços, no entanto, podem ultrapassar a faixa dos R$ 800. Esses objetos são pequenos e podem ser guardados em chaveiros, por exemplo;
2) Gere e imprima códigos de backup alternativos, senhas criadas automaticamente pelo próprio cadastro dos serviços. Devem ser guardados em casa em local seguro;
3) Caso tenha adotado um app gerador de senhas, apague as senhas salvas dos navegadores para evitar brechas;
4) Crie um "e-mail secreto" a que só você tem acesso: essa conta não pode estar salva em nenhum dispositivo do cotidiano, deve ter senhas fortes e autenticação em dois fatores ativada. Por esse e-mail, você fará recuperação das contas mais importantes;
5) Deixe um dispositivo em casa (como um tablet ou celular velho), para ser o local por onde você acessa seu e-mail "secreto", apps próprios de senhas ou até de instituições financeiras menos utilizadas. ●

José Roberto Mendonça de Barros

É necessário preservar a democracia

No próximo dia 11, será lida na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, uma nova "Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do estado democrático de direito".

Nela está dito, entre outras coisas, que "estamos passando por um momento de imenso perigo para a normalidade democrática, risco às instituições da República e insinuações de desacato ao resultado das eleições".

"Ataques infundados e desacompanhados de provas questionam a lisura do processo eleitoral e o estado democrático de direito, tão duramente conquistado pela sociedade brasileira."

Mais ainda: "A solução dos imensos desafios da sociedade brasileira passa, necessariamente, pelo respeito ao resultado das eleições".

É preciso que todos assinem o documento. Não tenho dúvidas de que o momento é decisivo e que o futuro do País está em jogo.

* * * * * *

O que acontecerá após a elevação dos juros em muitos países?

Acredito que veremos algum tipo de recessão, após o que vai se iniciar um período de reconstrução, que partirá de duas grandes constatações:

> **Não tenho dúvidas de que o momento é decisivo e que o futuro do País está em jogo**

– Será necessário mudar as cadeias de suprimento, buscando, por meio de certa relocalização, elevar a segurança no fornecimento;

É urgente enfrentar o aquecimento global, embora isso pareça mais difícil do que se imaginava.

Veremos nesta fase alguns países conseguindo uma retomada firme do crescimento, e outros com problemas sérios.

Quero mencionar o exemplo de um perdedor, a Inglaterra – deixo para tratar da Rússia no próximo artigo.

O Brexit foi o erro de uma geração. Já se vê um claro enfraquecimento do crescimento após sua adoção, e não enxergo perspectiva de melhora. A inflação é maior do que a do continente, refletindo dificuldades peculiares no suprimento de bens e serviços, além do forte impacto da crise energética por lá.

Além disso, persiste a questão não resolvida das duas Irlandas. A Escócia vai tentar novo plebiscito. E a praça de Londres vai lentamente se enfraquecendo.

A desastrada gestão populista de Boris Johnson e sua complicada sucessão completam o quadro de difíceis condições para a retomada do crescimento sustentado.

É legítima a dúvida se o Reino Unido conseguirá se sustentar como tal. ●

ECONOMISTA E SÓCIO DA MB ASSOCIADOS

SEG. Luiz Carlos Trabuco Cappi e Henrique Meirelles (revezam quinzenalmente) ● TER. Pedro Fernando Nery e Denis Gatschen (quinzenalmente) ● QUA. Fabio Alves ● QUI. Adriano Fernandes ● SEX. Elena Landau e Laura Karpuska (revezam quinzenalmente) e Pedro Doria ● SAB. Adriana Fernandes ● DOM. José Roberto Mendonça de Barros (quinzenalmente) e Affonso Celso Pastore (quinzenalmente); Paulo Leme (1º domingo do mês); Roberto Rodrigues (2º domingo do mês); Albert Fishlow (3º domingo do mês) e Gustavo Franco (último domingo do mês)

Endividamento **Prejuízo no campo**

Custos e quebra de safra elevam a recuperação judicial no agro

Especialistas veem 'ponta de iceberg' no crescimento do número de pedidos de reestruturação em parte do setor

A combinação de eventos negativos tanto no cenário local quanto no global – como a falta ou o excesso de chuvas em certas regiões brasileiras e a guerra na Ucrânia – empurrou parte do agronegócio para uma situação que preocupa credores do setor. Parte dos produtores rurais tem recorrido à recuperação judicial.

Os números, por ora, ainda são discretos. De 2020 para cá, foram cerca de 50 pedidos de recuperação. Mas se trata apenas da ponta de um iceberg, segundo especialistas. Isso porque neste ano está sendo observado um grande crescimento da procura por reestruturação, algo que em breve deve se refletir no levantamento.

Uma mudança recente na lei permite que mesmo produtores rurais pessoas físicas, sem CNPJ, peçam proteção da Justiça para negociar débitos. "O setor do agronegócio estava indo bem e tem ajudado a economia nacional, mas a pandemia afetou todo mundo. Quando o setor acreditou que haveria uma recuperação, houve a questão da guerra da Ucrânia, afetando os fertilizantes. A questão climática foi a pá de cal", diz Eduardo Kawatami, advogado do escritório Dasa.

Sócio do escritório Lefosse, Roberto Zarour diz que a pressão dos custos segue elevada. Segundo o especialista, muitos credores estão pensando em executar dívidas dos produtores, o que deve acelerar os pedidos de recuperação judicial. Ele frisa ainda que, apesar de o novo Plano Safra ter um valor recorde, o seu custo é maior, mais uma pressão para os produtores.

A lista não para de crescer. O grupo mato-grossense Redenção teve recentemente sua recuperação judicial aprovada, com dívidas de R$ 270 milhões. Outro que entrou em recuperação judicial foi o conglomerado mineiro Machado e Cruvinel, com débitos de R$ 90 milhões. Os exemplos começam a se espalhar pelo Brasil.

Sócio do escritório NDN, especializado em recuperação judicial, Tiago Dalvia confirma a alta da procura. A sua visão é de que o produtor rural está estrangulado pelo vencimento das operações de crédito subsidiadas, lançadas pelo governo ainda na pandemia.

"Normalmente, as operações financeiras do setor do agro vencem entre agosto e outubro para conciliar com o ciclo produtivo. Com a queda da safra, com o vencimento das operações de crédito, houve um aumento das consultas nesse segmento", relata.

SOBREVIVÊNCIA. O produtor rural Adair Cristóvão da Rocha, de Campo Verde (MS), entrou com pedido de recuperação judicial após acumular R$ 31 milhões em dívidas com bancos, fornecedores de insumos e empregados. O pedido foi deferido (aceito) no mês passado. Rocha começou a trabalhar em uma área de 300 hectares, mas logo expandiu os cultivos e, em 2014, já plantava soja em cerca de mil hectares. No ano seguinte, uma seca severa levou à perda quase total da produção. Em lugar de recuar, Rocha decidiu investir mais na lavoura. A área de cultivo foi ampliada para 5 mil hectares, o que exigiu novos investimentos em máquinas e insumos para o solo. Nos anos seguintes, no entanto, sua situação financeira só se complicou.

No pedido, o produtor citou o impacto da pandemia no fornecimento de crédito pelas instituições financeiras e a alta do dólar, que encareceu os insumos. Rocha afirmou ter plena convicção quanto à sua capacidade e viabilidade operacional e financeira, com a recontratação de funcionários e, inclusive, com potencial de expansão futura de suas atividades. Um plano de pagamento já foi elaborado e ainda espera a homologação pelo Judiciário.

Ao **Estadão**, ele disse que a recuperação judicial abriu um caminho importante para seu negócio. "São várias famílias que dependem da nossa atividade, e manter esses postos de emprego realmente nos deixa com esperança e expectativa de dias melhores."

Segundo ele, a recuperação judicial garantiu fôlego para construir um plano de pagamento. "Queremos honrar nossos compromissos e honrar nosso nome. Vivemos em um país com uma situação econômica complexa, e nem sempre as condições são favoráveis, como ocorreu no nosso caso. A recuperação abriu caminho para sobrevivermos nesse cenário e continuarmos atuando no agronegócio."

O advogado Marco Aurélio Mestre Medeiros, sócio do escritório Mestre Medeiros Advogados Associados, que propôs a ação de Rocha, disse que houve aumento das demandas em seus escritórios. "O instituto de recuperação judicial começou a ser visto de fato como uma ferramenta de reestruturação pelo produtor rural." ● FERNANDA GUIMARÃES E JOSÉ MARIA TOMAZELA

'Fiquei quase sem patrimônio para pagar dívidas', diz produtor

Para o produtor rural Ari Baltazar Langer, de Gaúcha do Norte, em Mato Grosso, a possibilidade de pedir recuperação judicial chegou tarde. No ano passado, ele foi obrigado a se desfazer de máquinas, tratores e de mais da metade da área própria de plantio.

"Entreguei colhedeira, caminhão, caminhonete... E continuava endividado. Por fim, vendi 324 hectares de terra própria, e só assim consegui pagar as dívidas. Fiquei quase sem patrimônio, mas não posso parar de trabalhar para não perder o resto", disse. ● F. G. E J.M.T.

Paulo Leme

paulo.em.xxxxs.miami.edu

O centenário do professor Leme

Neste 4 de agosto, foi o centenário de nascimento do meu querido pai, professor Og Leme. Portanto, aproveito a oportunidade para homenageá-lo.

Há duas maneiras de fazê-lo: sintetizar as suas contribuições ao desenvolvimento do pensamento econômico e do liberalismo no Brasil ou dar um toque mais pessoal, falando sobre o meu aprendizado e a gratidão ao grande professor. Como eu não tenho o seu dom literário, optei pela segunda abordagem.

Economista da Escola de Chicago, sociólogo e advogado, o Og era uma pessoa muito especial: brilhante, culto, estudioso, ético e um grande orador. Um professor. O ensino era a sua vocação, não só lecionando, mas como mentor. Sempre foi muito generoso e dedicado aos seus alunos e amigos.

Tive o privilégio de ter sido seu "aluno-sombra": desde pequeno, ele me levava ao trabalho, palestras e reuniões informais entre os grandes economistas da sua e de futuras gerações do Brasil.

Portanto, não deveria causar nenhuma surpresa que, depois de me aposentar de Wall Street, o aluno tenha virado professor. Daqui a duas semanas, iniciarei com muito entusiasmo o meu quinto ano lecionando finanças na Universidade de Miami.

Vários amigos no mercado financeiro me perguntam o porquê de ter virado professor. A resposta é simples: compartilhar com as futuras gerações o conhecimento teórico e prático que recebi, ao longo da minha carreira, dos meus amigos e colegas na fronteira do conhecimento da economia e finanças.

> **_Como meu pai, virei professor, e minha tarefa é orientar os alunos a resolver os problemas reais_**

A minha tarefa é empoderar os alunos com a capacidade analítica e o ferramental teórico para resolver problemas financeiros do mundo real. Ajudo alunos e alunas a adquirir a confiança para filtrar o ruído ao redor da conjuntura macro e financeira mundial, construir hipóteses, traçar cenários, prever o comportamento das principais variáveis financeiras e destilar isto tudo na "visão do gestor" e nas decisões de investimento.

A minha segunda missão é ser mentor, explicando como funcionam as engrenagens do mercado financeiro; ajudando-os a encontrar o seu nicho na indústria; preparando-os para entrevistas e conectando-os com oportunidades concretas no mercado. Como aprendi com o Og, não há nada mais gratificante do que ajudá-los a encontrar o seu caminho no mercado financeiro e de ver como os seus olhos brilham com o conhecimento e ideias.

É um espetáculo voltar a estudar e poder enquadrar a vivência do mercado num arcabouço acadêmico rigoroso para debater estudos de casos reais com as nossas futuras gerações de líderes. ●

PROFESSOR DE FINANÇAS NA UNIVERSIDADE DE MIAMI E PRESIDENTE DO EXECUTIVO COMITÊ GLOBAL DE ALOCAÇÃO, XP PRIVATE

SEG. Luiz Carlos Trabuco Cappi e Henrique Meirelles (revezam quinzenalmente) • TER. Pedro Fernando Nery e Denis Gatschlin (quinzenalmente) • QUA. Fabio Alves • QUI. Adriana Fernandes • SEX. Elena Landau e Laura Karpuska (revezam quinzenalmente) e Pedro Doria • SAB. Adriana Fernandes • DOM. José Roberto Mendonça de Barros (quinzenalmente) e Affonso Celso Pastore (quinzenalmente); Paulo Leme (1º domingo do mês), Roberto Rodrigues (2º domingo do mês), Albert Fishlow (3º domingo do mês) e Gustavo Franco (último domingo do mês)

Atividade econômica **Longe de recessão**

Mercado de trabalho aquecido reforça apostas de juros mais altos nos EUA

Analistas temem superaquecimento da maior economia do mundo; projeções são de alta de 0,75 ponto da taxa em setembro

ALINE BRONZATI
CORRESPONDENTE EM NOVA YORK

O mercado de trabalho nos Estados Unidos desafiou todos os cenários traçados por Wall Street ao criar 528 mil novas vagas em julho. O consenso apontava para 250 mil, conforme o *Projeções Broadcast*. O retrato, com mais do que o dobro de novos postos previstos, dificulta ainda mais a vida do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) na tarefa de desacelerar o ritmo da maior economia do mundo para combater a inflação, enquanto os temores de que a potencial está perto de uma recessão deram uma trégua.

Em Wall Street, cresce a expectativa de que o tom do processo de aperto monetário nos EUA seguirá *hawkish*, ou seja, de mais subida de juros à frente. Levantamento da plataforma CME Group indica que as chances de mais uma alta de 0,75 ponto porcentual na reunião de setembro chegaram a passar dos 70%, ante 27,5% um dia antes da divulgação do resultado do mercado de mercado. Já as apostas de um aumento de 0,50 ponto porcentual, até então majoritárias, foram para 28% (ante 72% antes).

Para o economista-chefe do JPMorgan, Bruce Kasman, o *payroll* de julho foi uma "grande surpresa" e o banco vai ter de rever a sua projeção para os Fed Funds, que são os juros básicos nos EUA, de 3,5% ao fim deste ano. Além disso, alertou, os dados do mercado de trabalho atenuam preocupações de que o país esteja em recessão, mas apontam para outro risco, o de superaquecimento.

"O relatório sugere que, se não estivermos em recessão, teremos um problema realmente sério aqui com as pressões salariais continuando a aumentar. Então, estamos falando de um mundo onde os riscos de recessão diminuem, os riscos de superaquecimento aumentam", afirmou o economista-chefe do JPMorgan, em conversa com investidores, na sexta-feira.

EDUARDO MUNOZ/REUTERS-6/8-2022
Painel divulga vaga em Nova York; julho teve 528 mil novos postos

> ***"Mais pessoas estão trabalhando do que em qualquer ponto da história americana."***
> **Joe Biden**
> Presidente dos EUA

> ***"Estamos falando de um mundo onde os riscos de recessão diminuem e os de superaquecimento aumentam."***
> **Bruce Kasman**
> Economista do JPMorgan

SALÁRIOS. Em julho, os salários nos EUA acumulavam incremento de 5,22% ante um ano, também superando as projeções de Wall Street, que apontavam para avanço de 4,90%. O destaque ficou com as atividades financeiras, e ainda houve aceleração no comércio varejista, enquanto no segmento de lazer e hotelaria (que ainda se recupera da pandemia) os ganhos cresceram menos, mas seguem elevados, na opinião de analistas.

Depois de quatro meses estagnado em 3,6%, o índice de desemprego nos EUA caiu a 3,5%. Na Casa Branca, que tem usado o mercado de trabalho para rebater as preocupações de uma recessão, o *payroll* de julho foi motivo de comemoração. O presidente Joe Biden enfatizou que o indicador é o menor em mais de 50 anos.

Sem citar a alta da inflação, que corrói os orçamentos das famílias americanas, atrelou o *payroll* de julho como resultado do seu plano econômico. "Mais pessoas estão trabalhando do que em qualquer ponto da história americana", disse Biden.

Agora, Wall Street aguarda novos dados da inflação nos EUA, entre eles, a publicação do índice de preços ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) referente a julho. Crucial na política monetária do Fed, o indicador deve sustentar, após o *payroll*, uma rodada de previsões para a próxima reunião do BC americano, em setembro, com o mercado batendo martelo sobre um novo aumento de 0,75 ponto porcentual. ●

Novo projeto Do varejo para os cursos na internet

Fundador da Ricardo Eletro vira 'coach' após deixar negócio à beira da falência

Ricardo Nunes, que chegou a ser preso por suspeita de sonegação, não atua mais na varejista; agora, vende lições de empreendedorismo no YouTube por até R$ 10 mil

FERNANDA GUIMARÃES
LUCAS AGRELA

REPRODUÇÃO YOUTUBE/AGOSTO

Ricardo Nunes durante uma de suas aulas no YouTube; comentários negativos são apagados da rede

Operação

R$ 600 mil é o faturamento mensal da companhia hoje; no auge, a varejista chegou a faturar R$ 10 bilhões ao ano

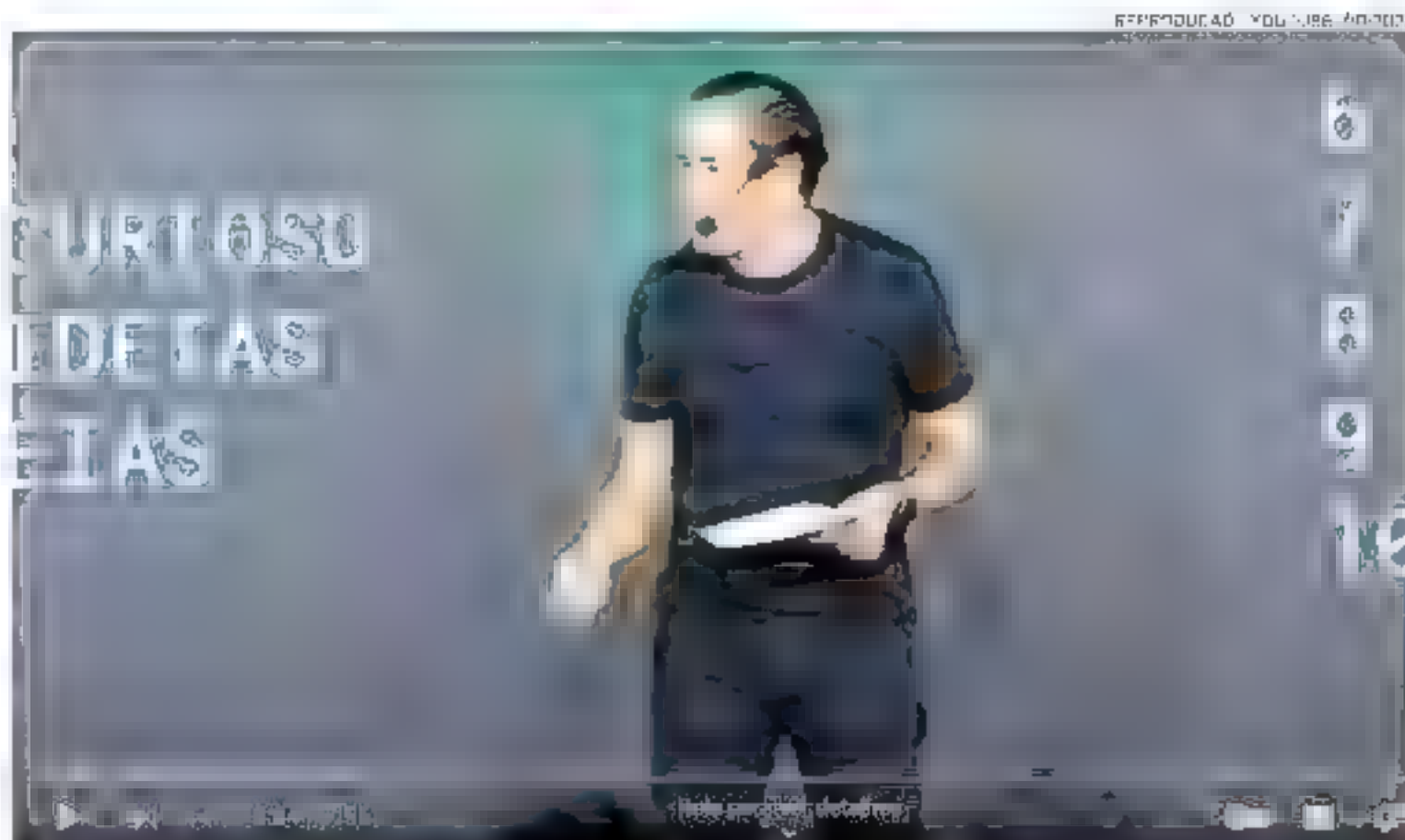
1,2 mil lojas chegou a ter a Ricardo Eletro, que hoje atua apenas no varejo online

R$ 6 bilhões era a dívida da Ricardo Eletro em 2020, ano em que Nunes, fundador da varejista, transferiu o comando da empresa a Pedro Bianchi, atual dono

No mês passado, mais de 6 mil pessoas aguardavam o início do evento "Explosão de Vendas", que seria conduzido no YouTube por Ricardo Nunes, 52 anos, fundador da Máquina de Vendas, a dona da Ricardo Eletro – varejista que dribla hoje repetidos pedidos de falência. Com um público inflamado no chat, o curso, de três dias em modelo híbrido, começou com ele dizendo que seu objetivo era passar o melhor de sua experiência em 30 anos de trabalho para "construir a segunda maior empresa de varejo desse País". Segundo fontes, o novo negócio de cursos e mentoria vem garantindo um bom dinheiro ao empresário. Procurado várias vezes pela reportagem, Nunes não deu entrevista.

Com 182 mil seguidores no Instagram, rede social que ele também usa para vender seus cursos, o empresário foi denunciado, em junho, por suspeita de sonegação da ordem de R$ 86 milhões. Nunes também já foi alvo de denúncias de lavagem de dinheiro e chegou a ser preso. "Ele mora nos Jardins, leva uma vida luxuosa e fica postando fotos em avião particular. Enquanto isso, mente sobre o que fez na empresa. Se ele hoje é bilionário, tirou esse dinheiro de algum lugar", diz outra fonte ligada à Ricardo Eletro.

No curso, o empresário enaltece a varejista que construiu, e que chegou a empregar 40 mil pessoas e a faturar mais de R$ 10 bilhões ao ano, brigando com as grandes do setor, como Magazine Luiza e Casas Bahia. Em recuperação judicial desde 2020, a rede tenta hoje driblar uma série de pedidos de falência, puxados pelos bancos Itaú, Bradesco e Santander. Todas as lojas físicas da companhia foram fechadas. Com um novo dono, o negócio tenta se reinventar como um e-commerce.

FRASES DE EFEITO. O Estadão acompanhou a "live" de Nunes no dia 18 de julho, que teve a participação especialmente de pequenos varejistas do interior do País. Logo de início, ele disse que queria ensinar os ouvintes a enfrentar a concorrência e a fazer caixa. As mensagens negativas que eram publicadas na caixa de comentários do YouTube, incluindo as de ex-funcionários, eram deletadas em segundos. "Paga meus direitos, nem seguro-desemprego consegui, por irregularidades suas", escreveu um espectador, que não se identificou.

Tombo

A Ricardo Eletro, que chegou a empregar 40 mil pessoas, tem hoje um time de apenas 30 funcionários

"Ele é carismático, messiânico. Ele chora, transpira. Tem dom de vender, muita capacidade de envolver as pessoas", diz um executivo que teve contato próximo com Nunes na época da Máquina de Vendas. O executivo lembra que a empresa cresceu muito rapidamente, com aquisições, mas pondera que faltou planejamento. "Em menos de dez anos, ele foi do zero ao topo, e voltou ao zero", diz o executivo, que pediu anonimato.

As dívidas cresceram rapidamente e, apesar de auditorias apontarem irregularidades nas finanças, Nunes teria omitido até o último minuto a dimensão das dívidas fiscais e trabalhistas, segundo fontes com acesso ao processo de sucessão do fundador. A necessidade de capital intensivo é uma das características do setor de eletroeletrônicos no varejo. O ciclo de venda é longo e precisa de crédito. Aos poucos, dizem as fontes, o empresário deixou de pagar os credores.

Sempre muito preocupado com o marketing, produtos e estratégia de vendas, Nunes costumava se levantar da mesa se o assunto era contas e governança corporativa.

ESTILO DE VIDA. Em um dos processos movidos contra a Máquina de Vendas, os bancos destacaram uma viagem dele com a família em que teria se hospedado em um hotel de luxo, com diária de R$ 5,1 mil, por seis dias. Porém, os credores não encontram bens de Nunes passíveis de arresto.

Sem lojas físicas e com um time de 30 pessoas, o e-commerce aposta hoje na venda de produtos de terceiros e sustenta um faturamento mensal estimado em R$ 600 mil. Nunes vendeu a empresa em 2019, quando ela já afundava em dívidas.

Agora, como "coach" (treinador, em tradução livre), em vez de convencer os consumidores a comprar eletrônicos, ele dedica seu tempo a compartilhar lições que aprendeu na carreira, a um custo de até R$ 10 mil pelos ensinamentos, embora ofereça parte do conteúdo gratuitamente na internet. Nunes adota uma estratégia agressiva de engajamento, com grupos de WhatsApp, ligação via robôs e muitos SMS.

HISTÓRICO. A história de Nunes como empreendedor começou cedo, em Divinópolis (MG). No início dos anos 1980, ele vendia mexericas do sítio da família na porta de uma faculdade para complementar a renda de casa. O pai morrera dois anos antes, em 1979, deixando uma joalheria como herança. Mas, após um assalto que deixou familiares feridos, sua mãe vendeu o negócio.

O empreendimento de mexericas evoluiu para uma banca na frente da faculdade e, pouco depois, Nunes começou a ir até a Rua 25 de Março, em São Paulo, para comprar produtos de moda e revendê-los em sua cidade. Foi aí que nasceu a Ricardo Eletro, quando ele tinha 18 anos. Oficialmente, a fundação da empresa data de dois anos mais tarde, de 1989, quando começou a ganhar escala.

Rede social

Além do YouTube, Nunes usa o Instagram, onde tem 182 mil seguidores, para vender seus cursos

O crescimento foi forte na década de 2000, quando a rede patrocinava programas na TV aberta para se tornar conhecida nacionalmente. Em 1999, a varejista começou a sua expansão em Belo Horizonte e, em 2002, chegou ao Espírito Santo. Outro marco importante foi a chegada ao e-commerce, em 2009, com 80 mil produtos à venda.

No ano seguinte, a empresa se uniu à concorrente Insinuante, negócio que deu origem à Máquina de Vendas. O grupo tornou-se o segundo maior do varejo de eletromóveis, atrás do Grupo Pão de Açúcar, que tinha Casas Bahia, Ponto Frio e Extra (o GPA, posteriormente, saiu do segmento). No auge, em 2014, a Ricardo Eletro chegou a ter 1,2 mil lojas. A maré virou em 2015, com Nunes enfrentando as primeiras acusações de sonegação. Três anos depois, a varejista iniciou um processo de recuperação extrajudicial.

Em 2020, Nunes foi preso, acusado de sonegar R$ 387 milhões, e todas as lojas físicas foram fechadas, em parte por causa da pandemia. O negócio entrou em recuperação judicial e o empresário ficou apenas um dia na cadeia.

Foi nessa época que o empresário Pedro Bianchi – vindo da Starboard, empresa que investe em negócios em dificuldades e que tentava ajudar a varejista – assumiu o comando da Ricardo Eletro e uma dívida de R$ 6 bilhões. Ao mesmo tempo, Nunes partiu para sua nova vida de coach de vendas.

Hoje, a Máquina de Vendas segue em apuros: depois de um vaivém de liminares, a Justiça ainda não autorizou a empresa a sair do status de falência – o que a impede até mesmo de pagar os salários dos atuais funcionários. ●

Tecnologia Time do coração no celular

Operadora virtual vai oferecer serviços a torcedores do Flamengo

A Surf Telecom e o Flamengo firmaram parceria para lançar a primeira operadora virtual voltada para os torcedores do time de futebol em todo o País, utilizando a rede da TIM.

A nova operadora oferecerá planos de internet e ligações locais e interurbanas ilimitadas para fixo e celular de qualquer operadora.

Os planos voltados para os flamenguistas terão ainda o uso gratuito e ilimitado de determinados aplicativos, como a FlaTV+, e navegação na recém-lançada tecnologia 5G nas cidades onde a nova rede já estiver disponível.

A Surf Telecom é uma operadora virtual, ou MVNO (*mobile virtual network operation*, na sigla em inglês), empresa que presta serviço de telefonia e internet a partir da locação de redes de outras operadoras – no caso, da TIM.

Ela é contratada por outras empresas para ofertar planos de internet com benefícios para um nicho de consumidores finais. A lista de clientes inclui desde corporações como Uber, Carrefour e Correios até outros times de futebol, como Palmeiras, Fluminense e Vasco.

Por sua vez, a TIM é a maior fornecedora de rede de acesso e infraestrutura para MVNOs no País. A tele afirma que abriga 67% das operadoras móveis. Isso corresponde a 87,6% da base de todos os clientes de operadoras móveis virtuais no Brasil.

Curiosamente, o anúncio do acordo entre as partes acontece em um momento em que a TIM, bem como as rivais Claro e Vivo, estão contestando as diretrizes estabelecidas pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) para oferta de roaming no atacado. ●

ALTAMIRO SILVA JUNIOR, CYNTHIA DECLOEDT, CIRCE BONATELLI, ARAMIS MERKI II, BRUNA CAMARGO E KARLA SPOTORNO/CRISTIANE BARBIERI (EDIÇÃO)

TWITTER: @COLUNADOBROAD

Coluna do Broadcast

Empresas podem ficar sem crédito, caso tendência de juro alto se confirme

Caso se confirme que os juros ficarão acima de dois dígitos por mais tempo, como prevê o mercado em relação às taxas de longo prazo, as empresas começarão a sofrer de maneira mais séria. Se até agora os grandes grupos estão bem estruturados, caso essa realidade se estenda, eles serão obrigados a vender ativos e a cancelar projetos de expansão. A taxa DI para 2028, por exemplo, que mostra como o mercado vê os juros para aquele ano, está sendo negociada acima de 12%. Seriam sete anos de juros em dois dígitos. Sem a opção de captarem recursos na Bolsa ou no exterior, a renda fixa é um dos poucos caminhos abertos às empresas para levantar dinheiro.

Companhias estão mais capitalizadas

As boas companhias têm surfado relativamente bem, mesmo com o salto da Selic de 2% para perto de 14%. Entraram na crise com baixo endividamento e caixa. Mas quem está emitindo papéis no mercado de renda fixa já está pagando bem mais caro.

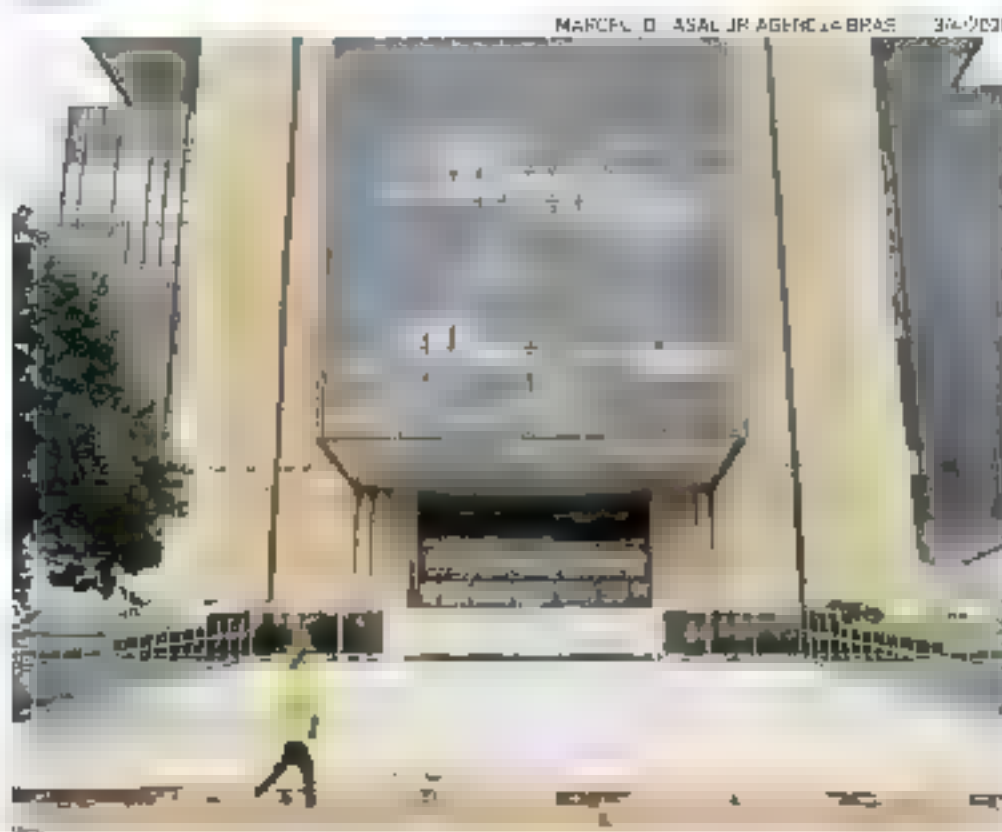
Custo de captação foi de 4,5% para 15%

Para se ter uma ideia do quanto as empresas estão pagando a mais após o avanço dos juros, basta olhar o índice da gestora JGP, que agrega quase 300 debêntures de cerca 153 emissores com rating médio AA e que atualmente mostra um custo de 15%, contra 4,5% em agosto do ano passado.

• **SEM CHANCE.** Os profissionais que trabalham no mercado de dívida dizem que essa equação não se sustentará indefinidamente se o custo de refinanciamento permanecer elevado por muito tempo. Isso quer dizer que até mesmo o mercado de renda fixa pode se fechar para as empresas que precisam captar recursos.

• **SECOU.** Entre outros motivos, o custo de endividamento elevado tende a comprometer os números de balanço de várias delas. Com juros em dois dígitos por muito tempo, será difícil o retorno de algum projeto compensar. Somada à perspectiva de que o mercado de ações seguirá restrito por mais alguns meses, o cenário de potencial fechamento também do mercado de renda fixa tem preocupado a Faria Lima.

APERTO MONETÁRIO

MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL - 3/4/2020

Avanço dos juros fez o custo de captação das empresas subir de 4,5% para 15% em um ano, segundo cálculos da gestora JGP

• **ÁGUA NO PESCOÇO.** As empresas fora do grupo das menos endividadas já estão sentindo na pele esse impacto. No cenário do juro, da crise global e das eleições presidenciais, os investidores já estão pedindo prêmio maior para comprar papéis dessas companhias.

• **MAIS EMBAIXO.** A Plano & Plano vai lançar nas próximas semanas o empreendimento com as unidades mais baratas de seu portfólio. O projeto em São Paulo terá 60% dos apartamentos com valores entre R$ 155 mil e R$ 170 mil, bem abaixo do preço médio das unidades vendidas pela companhia no segundo trimestre, que foi de R$ 194,6 mil.

• **CONTRACORRENTE.** A iniciativa vai na contramão da tendência do mercado. As incorporadoras têm subido os preços para repassar o aumento dos custos de materiais. O objetivo foi desenvolver um produto para caber no bolso dos consumidores que vêm perdendo renda.

• **ACIRRADO.** Apesar de a projeção de crescimento do PIB brasileiro ser inferior a 2% neste ano e seguir decaindo para 2023, escritórios de agentes autônomos têm planos de expansão grandes para os próximos anos. A Nexgen Capital pretende chegar a 10 novas localidades em 18 meses. Para dar um pontapé nesse plano, o escritório inaugura, em setembro, uma filial em Rio Verde (GO).

• **DISPUTA.** A Faros Private Investimentos conseguiu, em pouco mais de um ano e meio, triplicar o total sob assessoria na filial em Belo Horizonte. O escritório mineiro, que resultou da maior fusão na rede XP passou de R$ 1,5 bilhão no fim de 2020 para os atuais R$ 8 bilhões sob custódia.

SOBE

Auxílio à renda dá força à intenção de consumo

As medidas de auxílio à renda têm ajudado a impulsionar a intenção de consumo das famílias. O indicador medido pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) avançou 1,2% em julho e alcançou 80,7 pontos, patamar superior ao registrado no mesmo mês nos últimos dois anos.

DESCE

Setor de eletroeletrônicos fecha semestre com queda

NILTON FUKUDA/ESTADÃO - 28/1/2019

A produção industrial do setor de eletroeletrônicos acumulou queda de 8,7% no primeiro semestre. A entidade que representa o setor (Abinee) destacou a desaceleração no patamar da queda do primeiro (-14,2%) para o segundo trimestre (-4,2%). Apesar do cenário levemente mais positivo, o setor ainda sofre com a falta de semicondutores.

ALTO ESCALÃO

Luana Pavani **E-mail:** *luana.pavani@estadao.com*

RECKITT. Chega Leonardo Cortes (ex-BAT) como CFO para América Latina na divisão Hygiene Comercial, a mesma onde Bruno Alcova se torna head of Demand Planning.

CIELO. Renata Daltro fica como presidente interina após a saída de Gustavo Sousa.

FARFETCH. Chega Debora Capobianco (ex-Privalia) para diretora de marketing Latam.

ELASTIC. Anuncia Pedro Saenger (ex-Hitachi) como VP para América Latina, América Central e Caribe.

KIMBERLY-CLARK. Silvio Veloso vira diretor global de engajamento do consumidor e tecnologia e Luciano Sandoval fica como diretor de TI no Brasil.

AMANCO WAVIN. Sergio Costa (ex-Signify) assume como presidente, substituindo Daniel Neves.

SAP. Nomeou para VP da solução SAP Concur no Brasil Ana Paula Campoi.

CAPGEMINI. Na diretoria de relacionamento para varejo e bens de consumo está Gustavo Pipa (ex-Cognizant).

ENERGY HUB VENTURES. Anuncia Marco Vilela como CEO.

UNIGEL. Marcelo Uemeoka (ex-Basf) entra como diretor de logística.

MSD. Promoção de Filipe Diniz a líder de mercado e estratégia para a América Latina e Mercados Emergentes.

EMERGENT COLD LATAM. O novo CFO para o Cone Sul é Guilherme Moreno (ex-McCain, Pepsico).

OPAH IT. Anuncia Allan Oliveira (ex-Avon) como head de RH.

ARQUIVO PESSOAL

Juliana Carsoni
CEO da Juntos Somos Mais

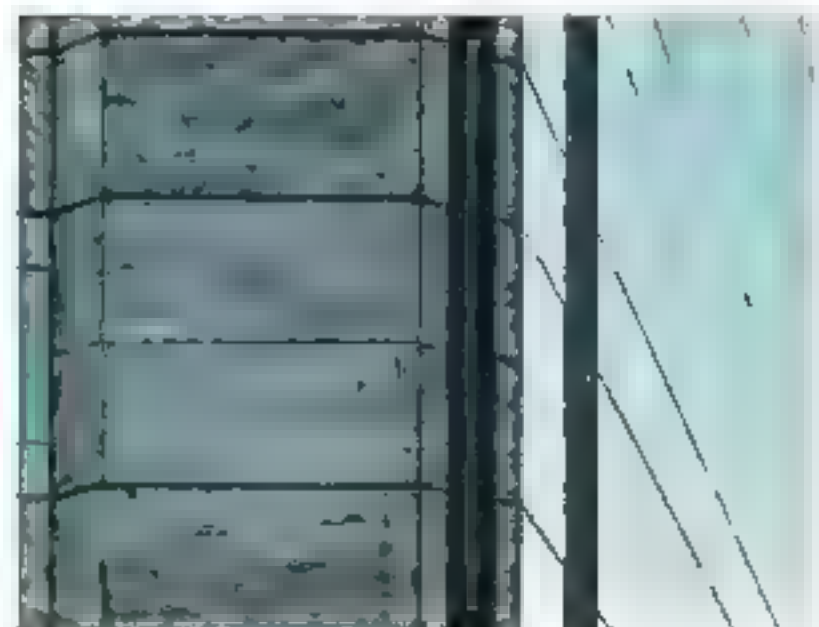
Ex-Unilever entra em setembro na joint venture de Votorantim Cimentos, Gerdau e Tigre

RICOH. Para diretor de comunicações gráficas chamou Alexandre Machado, e para a divisão Office Services, Janaina Prado.

AGROTOOLS. Anuncia CFO Luciano Rocha Saponto (ex-Atvos).

CONNECTFARM. Trouxe Rodrigo Alff (ex-Bayer) para diretor comercial.

DOCWAY. O médico Eduardo Cordioli é head de inovação.

THINKSEG CORPORATE. Alex Carvalho (ex-JNS) vai dirigir a área de linhas financeiras. ●

Mentoria **Tecnologia a serviço do equilíbrio**

Análise de dados indica limites para evitar burnout

Passar mais de 85% da jornada no computador e dedicar acima de 20% do tempo a reuniões são fatores de risco

LUDMILA GIMENATO

É sabido que a síndrome de burnout resulta de um estresse crônico no local de trabalho que não foi administrado com sucesso, como define a Organização Mundial da Saúde. Mas como medir esse dano à saúde mental? Quais atividades mais impactam nesse resultado? Questões aparentemente subjetivas encontram respostas nos dados, por meio de estudos e análises que apontam fatores e limites da jornada laboral, a fim de prevenir o adoecimento da mente.

A startup Flunck, por exemplo, que desenvolveu um software com foco em gestão do trabalho, notou que poderia extrair informações valiosas sobre excessos que comprometem a saúde dos profissionais. O recurso foi desenvolvido para rotinas de escritório, e coleta dados da interação das pessoas com o computador.

O CEO e cofundador da empresa, Paulo Castello, explica que, com base em estudos científicos sobre saúde mental no trabalho, a empresa busca traduzir fatores de risco em números. "Na questão do burnout, desenvolvemos um algoritmo para identificar variáveis que os estudos apontam."

E ele exemplifica: "Uma das últimas etapas de uma pessoa entrando em burnout é ficar isolada, ela se comunica menos. Quando a gente faz análise de rede de pessoas que se conectam no dia a dia, o algoritmo identifica se a pessoa fica isolada dos demais." O executivo ressalta que essa informação só acende o alerta de potencial burnout quando se repete ao longo do tempo e é associada a outras variáveis. Sozinha, ela não representa muito.

> *"Quando fazemos a análise de rede de pessoas que se conectam no dia a dia, o algoritmo identifica se a pessoa fica isolada dos demais."*

> *"Informação acende sinal de alerta, mas precisa estar associada a outras variáveis."*
> **Paulo Castello**
> CEO e cofundador da Flunck

Outras questões analisadas pela inteligência artificial são: jornada semanal superior a 60 horas, atividade digital acima de 85% da jornada semanal, tempo gasto com comunicação escrita maior que 20% e reuniões representando mais de 20% da jornada. Esses números-limites também são estabelecidos com base em estudos, como mostra um artigo da *Harvard Business Review*.

"Os dados criam uma pontuação que não significa que a pessoa está em burnout, mas separa entre 'isso é normal' e 'isso é anormal'. Quanto mais pontos vai ganhando, maior a tendência de entrar em burnout", observa Castello. Ele explica que os pontos só começam a ser contabilizados quando há um desvio do padrão estabelecido, que pode mudar ao longo do tempo conforme novos estudos são divulgados.

Nessa evolução, o software da Flunck também foi atualizado durante a pandemia. "Antes, o software ficava instalado na máquina do colaborador e, embora ele soubesse, não precisava ter interação. Durante a pandemia, transformamos o software em assistente virtual, que agora conversa com o colaborador", explica.

Conforme a inteligência artificial entende os padrões da jornada do trabalhador, consegue enviar mensagens de alerta, como sugerir pausa ou uma conversa com o gestor, caso identifique que a pessoa está há dois dias fazendo hora extra ou sem intervalo para almoço.

REUNIÕES De forma intensa, todas essas atividades provocam um acúmulo de estresse no cérebro, que pode levar a um esgotamento progressivo se não for gerenciado. Pesquisadores do Laboratório de Fatores Humanos da Microsoft já demonstraram que reuniões em sequência podem diminuir a capacidade de se concentrar e se engajar com o trabalho.

Levantamento feito pela Flunck entre junho de 2020 e maio de 2022, com base em dados de mais de 8 mil trabalhadores, mostrou acréscimo de 6,7% no tempo médio da jornada de trabalho semanal durante a pandemia. E desde fevereiro a jornada ainda se mantém 3,9% maior do que a média registrada em 2019.

"Se você sai de uma reunião para outra sem pausa, essa atividade digital mostra a intensidade que a pessoa está no computador", diz Paulo Castello. ■

Cenário Impacto inflacionário

Como lidar com a pressão da alta de custos

Para especialistas, reduzir preços em vez de aumentar pode ser uma saída para empreendedores

FELIPE SIQUEIRA

Períodos em que a inflação está em patamar elevado exigem de empreendedores capacidade de adaptação. Hoje, o IPCA acumulado dos últimos 12 meses está em 11,89% e, com isso, toda a cadeia de suprimentos sofre custos mais altos.

Com a retomada da economia e a intensificação da vacinação contra a covid-19, a pandemia deixou de ser o fator mais determinante no quesito dificuldade para PMEs. Agora, afirma o analista de serviços financeiros do Sebrae Giovanni Beviláqua, são os custos que afetam o empreendedor "por dois lados: o aumento dos preços e a redução de clientes, que têm queda na renda".

O quadro impõe o desafio de encontrar um equilíbrio entre aumento de custos – com fornecedores e contas básicas – e preço final ao consumidor. Uma das partes mais difíceis nessa equação é saber quanto poderá ser repassado, se e que isso poderá ser feito. Para entender como o mercado pode se comportar em relação aos valores praticados, é essencial conhecer alguns pontos-chave do próprio negócio.

A saída pode estar em baixar os preços em vez de aumentar, diz o economista e professor de MBAs da FGV Roberto Kanter. Segundo ele, o empreendedor pode realizar testes para ver se esse cenário pode ser aplicado. "Se o empreendedor tem conhecimento do próprio mercado e facilidade em vender o produto, pode trabalhar com preços menores. Dessa forma, vai avaliar o comportamento da demanda. Às vezes, com o preço mais baixo, a procura pode aumentar, o que compensaria."

Mas, para conseguir fazer isso ou qualquer alteração de preços, é necessário observação, estudo e estratégia. De acordo com Kanter, a melhor maneira de entender a complexidade do cenário é acompanhar a demanda, produto ou serviço e concorrentes.

Silvana decidiu não repassar custos para não afastar clientes

TIRO NO PÉ. "Muitas vezes, o pequeno e médio gestor acredita que a única forma de recuperar receita é aumentando o preço. Mas isso pode ser um tiro no pé. Produtos mais elásticos sofrem em demasia com aumentos e se beneficiam com quedas nos valores cobrados, já que podem ganhar mercado dos concorrentes", diz o professor da FGV.

Em mercados com muita concorrência, essa sensibilidade tende a ser sempre maior. Quanto maior a disputa por fatias de mercado, mais difícil fica o repasse de custos. "Às vezes, você aumenta o valor cobrado, mas o concorrente não segue o mesmo caminho. Isso pode levar à perda de mercado", explica o economista.

Beviláqua, analista do Sebrae, complementa que a principal orientação nesses casos é conhecer a estrutura financeira do negócio e ter controle da gestão para entender quais são os custos que impactam o empreendimento. "A partir daí, pode-se começar a saber o que é possível ter de repasse."

É esse tipo de desafio que Silvana Molinari, de 60 anos, dona do restaurante Aroma e Sabor, no centro de São Paulo, vem enfrentando desde antes da pandemia, mas com certo agravamento a partir da crise sanitária. Ela conta que o tíquete médio que as pessoas costumam gastar naquela região não é muito alto e a quantidade de clientes segue caindo há uns cinco anos.

Ela e o marido chegaram à conclusão de que o repasse ao cliente não poderia seguir o mesmo ritmo do aumento nos custos. Não adiantaria ter preços mais altos com menos vendas. "Temos clientes que estão conosco há três décadas. Sabemos que não conseguiriam pagar os preços que precisaríamos cobrar." ●

Aplicativo **Disputa por usuários**

TikTok ameaça reinado do Google em buscas com algoritmo afiado

Pela primeira vez desde que se consolidou como gigante da internet, empresa americana vê seu domínio ser colocado em xeque por um rival pouco provável

GUILHERME GUERRA

SHIHO FUKADA/BLOOMBERG 15/2/2019

TikTok se transformou em uma das principais ferramentas de busca para quem procura informações na internet sobre restaurantes

"Como limpar o vidro do box do banheiro", "receitas com sassami de frango" e "formas de dobrar roupas" são algumas das perguntas para as quais Amanda Alt, 3[illegible], já procurou respostas na internet. Até bem pouco tempo atrás, o lugar óbvio para fazer isso seria o Google, mas a gerente de projetos optou por um caminho inusitado: o TikTok.

Popular entre os mais jovens, já faz algum tempo que o app chinês deixou de ser um "aplicativo de dancinhas". Com vídeos curtos e espertos, o serviço passou a ser um repositório de conteúdo sobre praticamente qualquer assunto: de culinária e limpeza doméstica a autoajuda e conselhos amorosos. Em pouco tempo, a nova vocação do serviço passou a desafiar o Google naquilo que tornou a companhia uma gigante: buscas.

"Um dia, percebi que estava indo primeiro ao TikTok para fazer buscas. Funciona muito bem para dicas domésticas ou receitas", diz Amanda, que utiliza o app desde 2019. "O Google tem sido menos utilizado nesses casos, porque os primeiros resultados trazem informações repetidas ou são de conteúdos patrocinados que não me interessam."

AMEAÇA. É uma mudança de paradigma que pode estar tirando o sono dos executivos do Google. O novo hábito afeta diretamente o negócio da companhia, que se consolidou nos últimos 24 anos como o lugar favorito da internet para realizar qualquer pesquisa.

"Em nossos estudos, cerca de 40% dos jovens não vão ao mapa ou à ferramenta de busca do Google quando procuram onde almoçar. Eles vão ao TikTok ou ao Instagram", disse Prabhakar Raghavan, executivo da gigante da tecnologia na área de conhecimento e informação, em evento organizado pela revista *Fortune* em julho passado. Segundo ele, as gerações mais novas querem conteúdo imersivo, com formatos "ricos", como vídeos.

"Essa não é a primeira vez que uma companhia desafiou a ferramenta de buscas do Google", explica ao **Estadão** Nikhil Lai, analista da consultoria americana Forrester. "O Yahoo! e o Bing (da Microsoft) também estão na corrida, mas o líder permanece com mais de 85% do mercado há 10 anos. Mas eu não considero esses nomes como desafiantes, e sim o TikTok."

DISPARADA DO TIKTOK

Rede social chinesa ganhou usuários e turbinou ganhos com publicidade

FONTE: EMARKETER/INSIDER INTELLIGENCE; INFOGRÁFICO: ESTADÃO

TITÃS. Nascido há 6 anos, o TikTok já é um gigante, com 755 milhões de usuários ativos mensais, de acordo com a consultoria eMarketer – a firma exclui da contagem perfis falsos e de marcas, razão pela qual o número é inferior ao 1 bilhão de contas comemoradas pela ByteDance (proprietária do TikTok) em setembro de 2021. Em dezembro do ano passado, o aplicativo chinês foi o site de maior acesso no mundo naquele mês, superando o Google.

"O aumento do tráfego mostra como o TikTok continua se adaptando e fornecendo maneiras para os consumidores descobrirem produtos", diz à reportagem o analista Greg Carlucci, da consultoria americana Gartner.

Isso, porém, não significa que o Google não esteja se movimentando para conter os avanços do concorrente. Em julho de 2021, o YouTube lançou o Shorts, serviço de vídeos curtos, verticais e rápidos – a inspiração no rival é clara. A ideia é que youtubers tenham as duas possibilidades no momento da criação.

Amanda, no entanto, revela que isso tem sido insuficiente. "Vou ao YouTube quando preciso de mais detalhes, como uma aula mais complexa ou algo que possua um passo a passo mais longo", conta ela, que ainda não foi convertida ao Shorts.

Outra manobra do Google é a inclusão de vídeos de outras plataformas na ferramenta de buscas, e não só o YouTube. Agora, conteúdos do TikTok e Instagram começam a aparecer nos resultados de pesquisas da companhia.

"Em nossos estudos, cerca de 40% dos jovens não vão ao mapa ou a ferramenta de busca do Google quando procuram onde almoçar. Eles vão ao TikTok ou ao Instagram."
Prabhakar Raghavan
Executivo do Google em conhecimento e informação

A luta do Google para conter o rival se justifica. "Buscas são a propriedade mais lucrativa do Google, representando 58% do total da receita da Alphabet (*controladora da empresa*) no primeiro trimestre deste ano", aponta Lai, da Forrester. "O Google não pode se dar ao luxo de perder essa batalha", afirma. ●

Museu do Ipiranga finaliza as obras para a festa do 7 de Setembro

Paladar Ranking

As 10 melhores cartas de vinho de São Paulo

Critérios como harmonização, preço, presença de sommelier e rótulos brasileiros foram usados para avaliar 53 menus

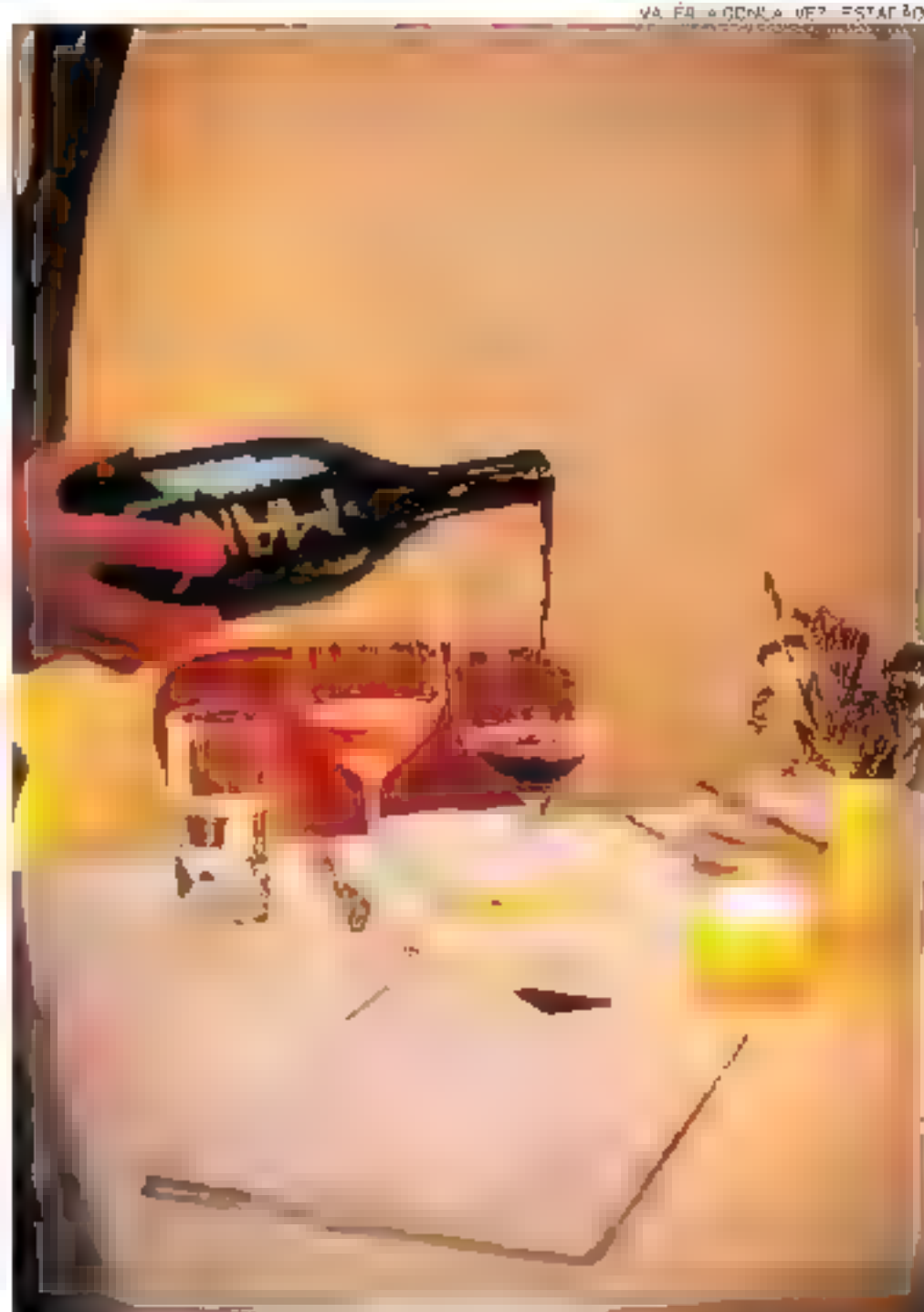
SUZANA BARELLI

A carta do restaurante Nelita tem vários rótulos de vinho laranja que casam com a cozinha autoral da chef Tassia Magalhães. As sommelières Cassia Campos e Daniela Bravin conseguem, na pequena carta do Huevo de Oro, trazer vinhos que valorizam o cardápio despretensioso. O Varanda trabalha uma ampla seleção de rótulos para combinar com os seus cortes de carne. A estes restaurantes somam-se a Casa do Porco, o Arturito, o Cais, a Enoteca Saint Vin-Saint, o Esther Rooftop, o Maní e o Temperani, como os donos das dez melhores cartas de vinho de São Paulo.

A lista é resultado da análise de 53 cartas e cardápios e mostra o cuidado crescente que os vinhos vêm ganhando na gastronomia. Não é à toa que o concurso The World 50 Best Restaurants decidiu premiar o melhor sommelier do mundo, a partir da edição deste ano.

Para chegar às melhores cartas, foi criada uma escala de pontos a partir de sete critérios: harmonização com a carta, preço, presença de sommelier, número de importadores, uso de adega climatizada, seleção de rótulos brasileiros e clareza. Em cada critério, a nota máxima era de cinco pontos, sendo que a harmonização e os preços tinham peso três, pela sua importância.

O tamanho da carta não foi levado em consideração, pensando que esta é uma decisão de cada estabelecimento e de seu fôlego financeiro para arcar com o necessário estoque de garrafas. Mas chama a atenção que os restaurantes, ao longo dos anos, têm reduzido a quantidade de vinhos que ofertam. ●

CONFIRA COMO FOI A AVALIAÇÃO E MAIS DETALHES SOBRE OS ELEITOS NA PÁG. C4

Carta do Maní se destacou por detalhar as informações dos vinhos

Direto da Fonte

Gilberto Amendola gilberto.amendola@estadao.com

MARCELA PAES MARCELA.PAES@ESTADAO.COM
PAULA BONELLI PAULA.BONELLI@ESTADAO.COM
SOFIA PATSCH SOFIA.PATSCH@ESTADAO.COM

FERNANDO YOUNG

O aniversariante do dia vai escolher artistas que irão regravar duas canções suas

'Oitentões' da MPB são homenageados

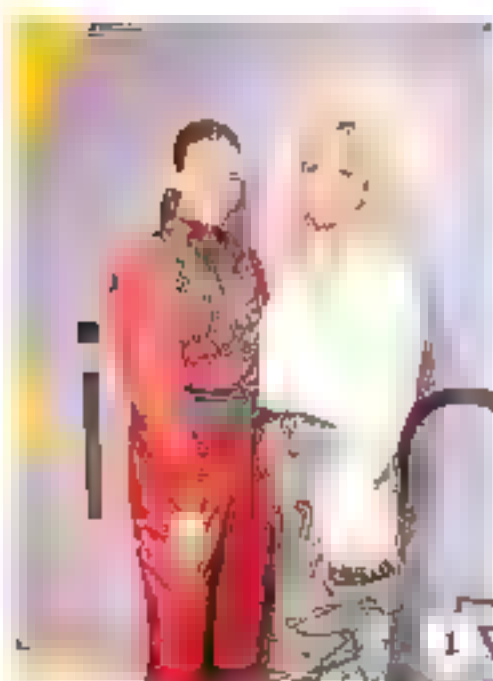
Aniversariante deste domingo, Caetano Veloso é um dos homenageados de um projeto inédito do Spotify, batizado de "Atemporais". Com lançamento previsto para o último trimestre deste ano, "Atemporais" será uma ode à obra de quatro grandes nomes da música popular brasileira que completam (ou já completaram) oitenta anos em 2022: Gilberto Gil, Milton Nascimento, Paulinho da Viola e o próprio Caetano. O projeto apresentará uma coletânea de oito singles dos artistas, com dois clássicos de cada homenageado, regravados por vozes da atualidade. A escolha dos artistas que regravarão as canções será feita pelos homenageados que vão decidir em conjunto quem poderá assinar uma versão das famosas faixas dos cantores octogenários.

São Paulo Digital

Escritório de arquitetura disponibiliza acervo virtual com croquis e plantas de prédios icônicos

Um acervo virtual com fotografias, croquis e plantas inéditas de alguns dos prédios mais icônicos do centro expandido paulistano e da Faria Lima será lançado amanhã pela aflalo/gasperini. O escritório de arquitetura completa 60 anos e segue em plena atividade, hoje liderado pelos sócios Roberto Aflalo Filho e Luiz Felipe Aflalo Herman, segunda geração à frente dos trabalhos, Grazziela Gomes e José Luiz Lemos. "É uma forma do escritório compartilhar sua trajetória com a sociedade. Será atualizado de forma recorrente, com a inclusão de outras obras históricas e projetos recentes de relevância", conta Herman. A plataforma reúne inicialmente 19 projetos do escritório, como da Galeria Metrópole, do Edifício Paulicéia, do Parque da Juventude e do Shopping Iguatemi. Entre os trabalhos recentes que serão inseridos no site, estão o futuro Fasano Itaim e o W Hotel Residences, da Vila Olímpia. Em acervoaflalogasperini.arq.br. ● PRISCILA MENGUE

ANA MELLO/DIVULGAÇÃO

FOTOS: JOÃO ALMEIDA

1 Nathalie Felsberg e Fernanda Ingletto Vidigal na abertura da exposição "Iluminarte Jardins". 2 Gabriella Garcia. 3 Leandro Mendes Vigas. No Shops Jardins.

Bloco de Notas

● **ALMOÇO COM FUX.** Na volta após dois anos da sua tradicional reunião-almoço, suspensa em razão da pandemia, o Instituto dos Advogados de São Paulo recebe amanhã o presidente do STF, Luiz Fux. No almoço, também será realizado o lançamento do Observatório Digital da Litigiosidade no Brasil, ferramenta que vai medir a litigiosidade e produtividade das justiças federal, estadual e do Trabalho.

● **DIVERSIDADE.** A marca de vodca Absolut acaba de lançar uma campanha de apoio à cultura Ballroom – movimento que celebra a diversidade de gênero, sexualidade e raça.

● **FESTA.** A chef Helena Rizzo (Maní) prepara amanhã um jantar exclusivo na comemoração de um ano do restaurante Cora. Na terça, a festa segue com o bartender Gabriel Santana.

Brioni
Shopping Cidade Jardim - Piso Térreo

Paladar Ranking

As 10 mais: o que oferecem as melhores cartas de vinho da cidade

Rótulos que casam com a comida, opções fora da caixa e preços dentro da realidade; confira os destaques de cada menu campeão

[illegible]

O maior desafio ao montar uma carta de vinhos é o casamento de comida e bebida. "O primeiro ponto é qual a relação entre comida e vinho. A carta deve harmonizar com a proposta gastronômica do restaurante", diz Felipe Campos, professor da escola de vinhos The Wine School, que participou da análise das cartas. De nada adianta um restaurante japonês ter disponível os melhores brunellos di Montalcino, tintos italianos complexos e com muitos taninos, e que dificilmente vão harmonizar com um menu à base de peixes e frutos do mar.

Ao sommelier, é preciso selecionar rótulos que valorizem o trabalho do chef, mas é também preciso deixar espaço para os clássicos. Não é fácil. Casafus Bautista, sommelier do Arturito, a casa da chef Paola Carosella, por exemplo, decidiu não colocar malbec na carta, até para instigar o consumidor que associa uma gastronomia argentina com tintos desta uva. Na mais recente atualização da carta, no entanto, ele cedeu e adicionou o Traslapiedra, um malbec bem fresco de Paraje Altamira mas já adiantou que vai retirá-lo. "Não gostei do resultado."

O segundo ponto importante é o preço, que afasta muitos comensais da garrafa nos restaurantes. Paulo Brammer, sócio da escola Enocultura, lembra que a margem de preço dos vinhos dos restaurantes é elevada não apenas no Brasil. Na Europa, não raro, o preço de cada rótulo é majorado entre 350% a 400% pelo restaurante. No Brasil, a maioria das casas consultadas para esta reportagem tem uma margem entre 120% e 250% só que aqui, os vinhos são mais caros quando comparados com os demais países.

E parece não haver lógica na definição de uma taxa de rolha o valor que o cliente paga ao levar a sua própria garrafa ao restaurante. A política de preços, aliás, tirou pontos de algumas cartas de excelência. Elas poderiam ocupar as primeiras posições neste ranking se o critério fosse apenas a seleção de rótulos que combinem com o cardápio e que possibilitem que a harmonização entre comida e bebida forme um par perfeito ●

FELIPE RAU/ESTADÃO

No Varanda, a carta é ampla e didática, o que facilita a escolha

Entenda os critérios

● **Harmonização:** é o básico: os vinhos selecionados devem combinar com o cardápio.

● **Preços:** há quem considere que a política de preços é uma decisão de cada lugar. Mas não há consumidor que não se sinta incomodado quando descobre quanto as casas pagaram pela garrafa e qual o preço que praticam.

● **Sommelier:** se a ideia é ter um bom serviço da bebida, desde a correta temperatura da garrafa, é necessária a presença de uma pessoa para explicar a proposta dos brancos e tintos aos comensais.

● **Número de importadoras:** quanto maior o número de fornecedores, maior a independência do restaurante na seleção de seus rótulos. Em casas que trabalham com uma ou duas importadoras, não raro, é a empresa que seleciona o vinho, e o critério é mais o interesse do importador do que a proposta do restaurante.

● **Rótulos brasileiros:** há quem possa discordar deste critério, mas com a qualidade crescente dos vinhos brasileiros, por que não valorizar os produtos nacionais? Nas cartas analisadas, salvo exceções, há o predomínio de alguns rótulos. O Cave Amadeu, da Cave Geisse, é um dos queridinhos dos sommeliers, assim como a própria Cave Geisse e a Chandon. Nos restaurantes que têm uma gastronomia mais contemporânea, os rótulos da Era dos Ventos têm presença garantida. Fatores como qualidade destes produtores e, provavelmente, melhor capacidade de atender os restaurantes em São Paulo podem explicar a escolha, porém, mais opções seriam bem-vindas.

● **Clareza:** a carta é o guia do consumidor e, em muitas delas, havia a falta de informações básicas, como a safra e o nome do produtor. Poucos indicavam quando o vinho era orgânico ou biodinâmico ou utilizavam este espaço para trazer informações de maneira mais didática sobre a bebida.

● **Armazenamento:** guardar o vinho na temperatura adequada é básico e, aqui, a maioria das casas afirma guardar as suas garrafas em adegas ou ambientes climatizados.

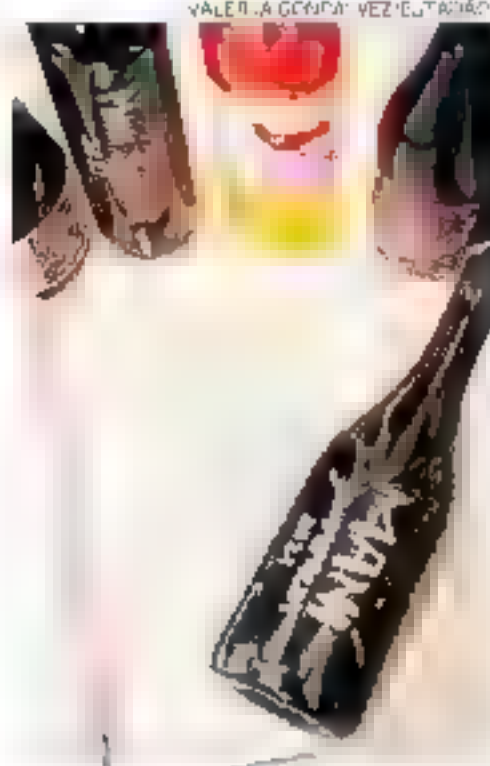
Os eleitos

Confira os restaurantes que receberam as maiores notas levando em conta harmonização, preço, presença de sommelier, número de importadores, climatização, rótulos brasileiros e clareza. Em cada critério, a nota máxima era de cinco pontos a harmonização e os preços tinham peso três. As casas estão listadas em ordem alfabética.

● **A Casa do Porco**
Em 7º lugar na lista dos melhores restaurantes do mundo, pelo 50 Best, o restaurante de Janaína e Jefferson Rueda tem um cuidado especial com as bebidas. A carta valoriza os produtos brasileiros, não apenas o vinho, mas também a cachaça, os licores e os drinques. O resultado é um menu harmonizado que pode ser considerado de bom custo-benefício, quando comparado às demais casas estreladas e na qual o vinho casa muito bem com a comida. Este menu sai por R$ 460 - R$ 230 pelo vinho e R$ 230 pela comida. Na carta, os vinhos são pensados para combinar com as receitas, só poderia ter mais opções com a uva riesling, que tão bem harmoniza com a carne de porco.

● **Arturito**
O sommelier Casafus Bautista gosta de garimpar rótulos que valorizem a gastronomia do restaurante e sabe ousar com variedades pouco conhecidas, como a romorantin, do Loire. A carta não é óbvia, daquelas que provoca o consumidor.

● **Cais**
A carta enxuta, preparada pelo sommelier Guilherme Giraldi, foi pensada para combinar com o menu de pratos para compartir do chef Adriano de Laurentus. Poderia ter mais de informações sobre os vinhos, já que há rótulos orgânicos ou biodinâmicos (o que a carta não indica).

● **Enoteca Saint VinSaint**
Na carta só vinhos orgânicos, naturais e afins, que reflete o trabalho de Lis Cereja e de Léo Reis. A apresentação dos vinhos tem informações claras para o consumidor, indicando até quando o vinho é de produção da casa. A carta pratica o mesmo preço da loja, que funciona no local.

VALERIA GONÇALVEZ/ESTADÃO

● **Esther Rooftop**
A carta de Benoit Mathurin mescla bem rótulos brasileiros com importados. Há boas opções na faixa dos R$ 100, R$ 150, o que é cada vez mais raro.

● **Huevo de Oro**
O trabalho da dupla Cassia Campos e Daniela Bravin logo conquista por uma carta exclusiva para o Jerez. Nos vinhos, apenas rótulos espanhóis para harmonizar com as receitas simples desta taverna espanhola. Entre os premiados, é o único sem rótulos brasileiros.

● **Maní**
Uma das cartas com mais informação sobre os rótulos, com indicações sobre os seus estilos, uvas, maneira de cultivo. Apresentada de maneira didática e com boas opções para o menu criativo do restaurante. Mas há rótulos demais em alguns estilos, o que pode confundir.

● **Nelita**
A carta conversa com a cozinha autoral e criativa da chef Tássia Magalhães. Tem preocupação com o preço, mas poderia trazer mais informações sobre os vinhos e citar quais são orgânicos, por exemplo.

● **Praça São Lourenço**
Carta diversificada, ampla para combinar com o menu variado do restaurante. Traz as informações básicas necessárias, como produtor, região e safra, com vários rótulos brasileiros mesclados com os importados. Poderia ser mais didática.

● **Tempero**
Carta assinada pelo sommelier Ricardo Santinho, responsável por todos os restaurantes da Vila Alpina, e que se divide entre as casas. Tem menos rótulos brasileiros do que poderia, não cita orgânicos e afins, mas os preços estão bem calibrados. A carta é dividida por estilos de vinhos (brancos aromáticos, tintos complexos, etc.), o que já ajuda o consumidor.

● **Varanda**
As casas de Sylvio Lazzarini se destacam pelas cartas amplas e didáticas. Preço, safra, características de cada garrafa e símbolo para os vinhos orgânicos, está tudo presente, o que facilita a escolha. Pela quantidade de rótulos, há até um índice, com uma legenda dos símbolos utilizados. É a carta premiada com maior número de garrafas para o consumidor escolher.

Série Personagem

‘É terapêutico interpretar gente cheia de falhas’

Herói de ‘Superfície’, Oliver Jackson-Cohen se diz ‘atraído pela dor das pessoas’ e espera que a história tenha nova temporada

ASSOCIATED PRESS

Ei, agentes de elenco, escutem uma coisa. Oliver Jackson-Cohen está interessado em papéis mais leves. Isso não significa que não tenha gostado dos personagens mais sombrios e até assustadores que ele fez nos últimos anos, mas sua mãe avisa que ele precisa de uma pausa.

O comentário de mãe veio no ano passado, quando Jackson-Cohen chegou a Vancouver para filmar a nova série *Superfície*, agora transmitida semanalmente na Apple TV+. “Ela disse: ‘Você não vai fazer um daqueles seus meninos tristes, vai?’ E eu falei: ‘Como é que é?’ E ela emendou: ‘Você está sempre triste (*palavrão*). Faça alguma coisa mais leve, que eu possa gostar de ver’”, contou o ator, rindo. “Então isso meio que ficou comigo...”

CORREIA. Os últimos anos foram bem corridos. Entre os destaques mais recentes da carreira de Jackson-Cohen estão a série *A Maldição da Residência Hill*, da Netflix, e sua continuação, *A Maldição da Mansão Bly*. Ele também aterrorizou Elisabeth Moss em *O Homem Invisível* e interpretou o marido controlador de Dakota Johnson em *A Filha Perdida*. Mas ele teve um descanso na comédia romântica deste verão *Mr. Malcom’s List*, uma experiência que descreveu como “uma brincadeira deliciosa”.

Carisma

Segundo a produtora, o ator tem uma intensidade que parece perigosa, mas também é carismática

Em *Superfície*, Jackson-Cohen estrela ao lado de Gugu Mbatha-Raw como James, um marido tentando desesperadamente manter as aparências de um casamento feliz depois que um acidente fez com que sua esposa, Sophie (Mbatha-Raw), perdesse a memória de longo prazo. Quanto mais James tenta disfarçar os problemas do passado, mais Sophie fica desconfiada e distante.

“É muito interessante quando alguém está guardando um monte de segredos”, disse ele. “Isso cria muita tensão e, se você não tem permissão para dizer certas coisas e está se segurando muito, as pessoas podem perceber isso de várias maneiras diferentes. Espero que tenha funcionado e pareça superprotetor ou controlador ou o que quer que seja – até mesmo sinistro. Mas espero que, conforme a série for continuando e descascando as camadas, as pessoas percebam o que está por baixo de tudo.”

APPLE TV/AP

A atriz Gugu Mbatha-Raw contracena com Oliver Jackson-Cohen na dramática série ‘Superfície’

Veronica West, criadora e showrunner de *Superfície*, diz que é o equilíbrio entre mística e proximidade que traz “algo superespecial para a performance de Olly” na série. “Ele tem uma intensidade que pode parecer perigosa, mas é também carismática e magnética. Eu me lembro da primeira vez que nos encontramos pessoalmente. Tinha uma música tocando e ele começou a fazer uma dancinha de ombros e eu fiquei tipo ‘Essa é a coisa mais pateta e charmosa da Terra’. E acabamos incorporando isso numa cena... ele parece um pouco ameaçador no subtexto, mas também tem esse imenso charme. Acho que essa é a dualidade do James.”

ATRAÍDO PELA DOR. Jackson-Cohen diz que acha que “é terapêutico” interpretar pessoas cheias de falhas. “Não sei o que isso diz sobre mim, mas me sinto atraído pela dor das pessoas. Acho a expressão dessa dor uma coisa reconfortante”. Por enquanto, Jackson-Cohen está de volta a Vancouver ao lado de Jenna Coleman, filmando uma série para o Prime Video chamada *Wilderness*, que ele descreve como “nem um pouco leve”.

Em seguida, ele espera que haja mais uma temporada de *Superfície*, da qual ele gosta, porque conhece Mbatha-Raw há anos. “Fiz um dos meus primeiros trabalhos com Gugu quando eu tinha 19 anos. Nós gostamos de um episódio de alguma coisa muito questionável da BBC, nos conhecemos desde então, e ela é um ser humano maravilhoso.” ● / TRADUÇÃO DE RENATO PRELORENTZOU

ENTREVISTA

Dulce Maria Cardoso
Escritora portuguesa, autora de 'Retorno' e 'Campo de Sangue'

GIOVANA PROENÇA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

MARCOS DE PAULA/ESTADÃO/06/07/2012

Em 'Eliete', a autora portuguesa Dulce Maria Cardoso (na foto, na 10ª. Flip, em 2012) explora traições reais e imaginárias da protagonista

Literatura

Vida ordinária

'Eliete' trata do hiato entre o real e mundo digital

A escritora Dulce Maria Cardoso analisa três gerações de mulheres portuguesas marcadas por Salazar

À moda de Flaubert, Dulce Maria Cardoso afirma: "Eliete sou eu". Mas, não só ela. A autora acredita ser todas as personagens que já escreveu. O mais curioso é que as leitoras também abraçam a identificação. Não faltam mensagens à Dulce: "Somos todas Eliete".

O primeiro volume da trilogia *Eliete: a Vida Normal* chega ao Brasil pela Todavia e poderia ser uma parábola moderna sobre a domesticidade. Mas o banal logo é desfeito. Em um fingimento que remete a Fernando Pessoa, Eliete cria uma persona que navega no Tinder. O catalisador da mudança é a doença da avó. Junto à mãe, as três gerações alimentam uma relação ímpar de amor e ressentimento.

O romance tem ainda outra camada, as cicatrizes do salazarismo. Ao todo, a ditadura portuguesa perdurou por quase cinco décadas. Dulce transfigura em sua trama o assunto, pouco tratado na literatura do país. "Quando há uma duração tão prolongada, as próprias vítimas deixam de ter consciência de que são vítimas e deixam de utilizar isso como ficção", afirma a autora, que respondeu por áudio às perguntas do *Aliás*.

Em 'Eliete', as personagens são confrontadas pelas consequências do regime salazarista. Por que você quis explorar a temática da ditadura portuguesa?

Agora é mais claro do que quando eu estava escrevendo o romance, publicado em 2018 em Portugal. Eu já pressentia que seria assim: nós estávamos passando por uma mudança ideológica. Eu quis investigar o que era esse normal que nós entendíamos e julgávamos como garantido. Não existia extrema direita no parlamento português. Em um curto período, agora ela é a terceira maior força política. Julgava-se que Portugal, por ter tido uma Revolução há tão pouco tempo, estava imune à extrema-direita, apesar de ela avançar em todo o mundo. Mas, quando eu escrevo, nunca tenho só uma intenção. Algo que eu possa dizer: "Quis fazer isso".

Eliete, sua protagonista, é também a narradora do romance. O uso da primeira pessoa pode ser arriscado, pois toda a história passa pela ótica da personagem. Qual foi a sua intenção com essa escolha?

Como diz Flaubert, Eliete sou eu. Ou melhor, Eliete também sou eu. Porque não sou só Eliete, sou todas as personagens que já criei. Escrever na primeira pessoa tem a ver com a maneira como a voz me aparece. Não há uma resposta racional. Acho que esse é um dos deslumbramentos da escrita: a possibilidade de experimentar ser outro, mantendo o eu. Eu poderia ter tido a vida da Eliete. Uma coisa que me agradou, depois que escrevi o romance, foi receber mensagens de mulheres dizendo: "Eu sou Eliete", "Eu poderia ser Eliete", "Somos todas Eliete".

Eliete: A Vida Normal
Dulce Maria Cardoso
Editora, Todavia
432 págs., R$ 69,90
R$ 44,90 (E-book)

Um dos grandes trunfos do romance é o modo como são tocados os laços familiares. Como foi construir esses afetos que ultrapassam diferentes gerações de uma família?

Flannery O' Connor, escritora norte-americana, disse que quem sobrevive à infância tem matéria para escrever para o resto da vida. Eu digo que é quem sobrevive à família. Quase tudo que é verdadeiramente importante se passa em família. Não apenas por ser a pequena célula constitutiva e uma espécie de laboratório da sociedade, mas também porque é no seio familiar que acontece a melhor demonstração de amor, mas também de ódio e de crueldade. Não há nada mais cruel do que o desamor em família. É uma condição de sangue: muitos de nós não escolheriam aquelas pessoas, mas estamos condicionados a amá-las profundamente. É natural que eu esteja sempre à volta da família e de suas tensões. Não há família que não passe por essa montanha-russa de sentimentos, de afetos que vão do amor ao ódio.

Para fugir da realidade, Eliete finge ser outra pessoa. Mas, seria a vida doméstica, que ela considera banal, também um papel a ser representado?

Todos nós representamos papéis em nossas vidas. Faz parte da convenção social. Aceitamos os papéis que os outros nos atribuem e os papéis que atribuímos aos outros, depois há uma espécie de teatrinho em funcionamento. A literatura espelha isso: a Eliete também representa um papel, que depois parece descarrilar. Penso que cada um de nós, em determinado momento da vida, também passa por isso, porque há sempre coisas que fazemos que são muito diferentes do papel que nos atribuíram. É bastante perturbador uma pessoa cumprir, por toda a vida, o que os outros esperam que ela faça. Penso que é um caso de sociopatia.

O subtítulo do livro ('A vida Normal') chama atenção por conter uma ironia. Nada é ordinário na vida de Eliete. É possível uma vida estar completamente dentro da normalidade?

Visto de perto, ninguém é normal. Cada vez menos se sabe o que é normalidade. O que é visto como normal por algum grupo não é o mesmo para o grupo ao lado, que tem hábitos muito diferentes. Cada vez mais, estamos desunidos, o esforço que temos não é para nos unirmos, mas sim para arranjar diferenças intransponíveis para nos separar. Por isso, o conceito de normalidade é cada vez mais estranho. ■

Sérgio Augusto *Escreve quinzenalmente no 'Aliás'*

Independência e mocotó

Daqui a um mês estaremos comemorando o Bicentenário da Independência e, se consumadas as ameaças do presidente, acompanhando ao vivo um golpe de Estado. No ano do Centenário da Independência, o máximo em agitação militar que tivemos, dois meses antes da festa, foi aquela marcha dos tenentes pela orla de Copacabana.

O patético ensaio para o golpe, no último 7 de Setembro, com aqueles tanques resfolegando e queimando óleo na Praça dos Três Poderes, teve ao menos um mérito: desacreditar, com um ano de antecedência, qualquer calhordice eventualmente programada para o próximo Dia da Pátria.

Ficaremos, quero crer, no trivial desfile, no "marcha soldado", tão do agrado das crianças de antigamente. Nunca me levaram a uma parada de 7 de Setembro. Nem eu pedi. Ao meu precoce desinteresse por patriotadas marciais agregou-se, mais tarde, uma implicância com a monarquia escravocrata aqui implantada e sua nobreza biônica, embrião e arrimo das oligarquias que se assenhorearam do País.

Talvez por isso, minha lembrança mais viva da efeméride não seja sequer o acadêmico Grito do Ipiranga, imaginado e pintado por Pedro Américo no final do século 19, mas o brado sacana que há 52 anos Ziraldo botou para o *Pasquim*, com D. Pedro 1.º não mais a bradar, de espada em riste, "Independência ou morte!", mas "Eu quero mocotó!". A zombaria irritou paca os generais no poder, que quase fecharam o jornal.

> *O 7 de Setembro pode se transformar numa manifestação distante de um ato cívico para anunciar um golpe*

Não obstante, o hino brasileiro que mais aprecio é justamente o da Independência. Também conhecido como "Brava Gente Brasileira" e "Japonês Tem Quatro Filhos", é o mais bonito de nosso repertório cívico e foi, outra grata lembrança, o que mais cantamos na histórica Passeata dos 100 Mil contra a ditadura militar, em 26 de junho de 1968.

O próprio D. Pedro fez a música e o poeta, jornalista e político Evaristo da Veiga pôs a letra. Reza a lenda que o imperador compôs o hino em São Paulo, às 4h da tarde do mesmo dia em que cortou os laços que nos uniam a Portugal. Como, se naquela hora ele estava soltando seu grito à beira do Ipiranga?

O primeiro hino marcial e patriótico cantado no Brasil veio da Holanda, na ponta da língua dos soldados de Maurício de Nassau, e ecoou por Recife, em 1644. D. João e a Família Real desembarcaram no Rio, como de praxe, ao som de cânticos religiosos e do Luso Hino da Graça.

As primeiras tentativas de um hino genuinamente brasileiro surgiram nos movimentos de libertação nordestinos. O malogro dos inconfidentes mineiros dificultou a popularização de todo e qualquer hosana libertário vindo de baixo ou da periferia. Nesse vazio, vindo de cima, entrou o imperador. Com o grito, a louvação musical, e a mão para ser beijada. Espectadores sempre. ●

SEG Pedro Venceslau **(quinzenal)** e Simão Castro **(quinzenal)** ● **TER** Patrícia Ferraz ● **QUA** Leandro Karnal, Roberto DaMatta e Maria Fernanda Rodrigues ● **QUI** Luciana Garbin **(quinzenal)**, Patrícia Ferraz ● **SEX** Marcelo Rubens Paiva **(quinzenal)** ● **SÁB** Sérgio Augusto **(quinzenal)**, Alice Ferraz, Suzana Barelli, Renata Simões **(quinzenal)** e Daniel Martins de Barros **(quinzenal)** ● **DOM** Leandro Karnal, Sérgio Augusto **(Aliás, quinzenal)**, Milton Hatoum **(mensal)** e Ignácio de Loyola Brandão **(quinzenal)**

ESTANTE *Antonio Gonçalves Filho*

Cinco lançamentos indicados pela equipe do 'Aliás'

UM ÁLBUM PARA LADY LAET (Alfaguara, R$ 54,90). O pernambucano José Luiz Passos conta a relação de Lucineide com a mãe, cantora da cena contracultural americana nos anos 1980, sobre a qual vai escrever a biografia.●

TEATRO COMPLETO DE GÓGOL (Editora 34, R$ 91). Místico no fim da vida, Gógol (1809-1852) mostra em sua obra teatral o gosto pela paródia, satirizando o modo de vida dos russos. No volume que reúne suas peças, os destaques são *O Inspetor Geral*, que critica a submissão voluntária dos russos aos poderosos, e *O Casamento*.●

A COR DA MODERNIDADE (Edusp, R$ 104) A americana Barbara Weinstein analisa o papel da "branquitude" na formação da identidade paulista após a Revolução de 1932, em que trata questões de gênero e raça na época.●

A Vida e as opiniões de Tristram Shandy

Autor: Laurence Sterne

Editora: Penguin/Companhia

632 páginas. R$ 72

Custa a crer que um clérigo anglicano tivesse uma verve satírica como a de Laurence Sterne (1713-1768), mas o fato é que seu *A Vida e as Opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy* é um exemplo de liberdade (e ironia) que tanto influenciou Machado com a vida de Shandy contada por ele mesmo (com autocensura). Hilário.●

Derrubar Árvores

Thomas Bernhard

Editora: Todavia

192 páginas. R$74,90 e R$ 54,90 (e-book)

O austríaco Thomas Bernhard detestava seu país, a ponto de proibir a encenação de suas peças na Áustria. Em *Derrubar Árvores*, o narrador é um alter ego do autor. Misantropo, ele é convidado para um jantar em homenagem a um ator e fica o tempo todo criticando e destilando seu ódio contra seus pares.●

Horóscopo Quiroga

oscarquiroga.net

Tudo é necessidade

Data estelar: Vênus e Netuno em trígono

Sonhos e pesadelos se entrelaçam e convivem na consciência, e seria melhor que tu não preferisses nenhum, mas te dedicasses a passear pela vida interior testemunhando com imparcialidade todas as nuances de luz e sombra que a compõem, em nome de compreender amorosamente que o bem não é tão puro, nem tampouco o mal é essa coisa horrenda que pintam.

Tudo é necessário, os procedimentos da Vida de todas as vidas se encontram na raiz de todas as manifestações e são sempre postos em marcha respondendo a alguma necessidade.

Tudo é necessidade, se encontras sonhos e pesadelos misturados em ti, é porque isso é fruto de alguma demanda que, apesar de tuas inseguranças e incertezas, tu és capaz de suprir e solucionar. Portanto, te ergue sobre teus pés e luta o bom combate. ●

ÁRIES 21-3 a 20-4

Para conquistar a certeza pretendida, o custo tende a ser muito alto, porque implica confiar em que certas pessoas se aterão à palavra empenhada e cumprirão o acordado. E nesse sentido, que garantia poderia haver?

TOURO 21-4 a 20-5

A proximidade do que você pretende conquistar acelera o coração, mas também provoca uma precipitação que seria melhor evitar, para que a aproximação não acabe tendo efeitos contraproducentes. É tudo uma questão de estratégia.

GÊMEOS 21-5 a 20-6

Forçar a realidade para que ela se encaixe na sua maneira de ver as coisas, essa é uma manobra que precisa ser posta em marcha com muito cuidado, porque na maior parte do tempo não é legítima, mas uma simulação.

CÂNCER 21-6 a 21-7

Ter de lidar com pessoas que sua alma preferiria ver pelas costas é algo que precisa ser avaliado com sabedoria, em nome de você não se meter em situações que, depois, não compensariam o sacrifício. Tudo com sabedoria.

LEÃO 22-7 a 22-8

É preciso ver se a satisfação de seus desejos não implicará a insatisfação de outras pessoas, ou pior, que esse movimento não provoque problemas ou distúrbios a elas. Essa equação só pode se resolver com sabedoria.

VIRGEM 23-8 a 22-9

Para garantir a satisfação do que sua alma deseja, as manobras necessárias seriam tão complicadas que, depois, quando vier a conta, talvez fique evidente que não teriam valido a pena. Tudo é uma decisão, sempre.

LIBRA 23-9 a 22-10

Calcular os custos do progresso que sua alma deseja é uma atitude sábia, porque em muitos casos você chegará à conclusão de que não valeria a pena seguir em frente, apesar de todos os sinais sedutores que se apresentam.

ESCORPIÃO 23-10 a 21-11

Mexer com algumas pessoas não seria sábio neste momento, porque elas podem reagir desproporcionalmente e criarem novos problemas a você, dentro de um cenário em que seria melhor não se complicar mais. Ou não?

SAGITÁRIO 22-11 a 21-12

Está tudo lindo, está tudo bem, mas as coisas andam pesando demais em sua alma, como se os sacrifícios assumidos não tivessem mais o sentido que tinham, quando você os assumiu. É hora de fazer algumas reflexões.

CAPRICÓRNIO 22-12 a 20-1

É importante meditar sobre se vale ou não a pena seguir em frente, porque, apesar dos ganhos pretendidos, há penas envolvidas também, sacrifícios que, depois, vão pesar bastante sobre suas costas. Reflexão.

AQUÁRIO 21-1 a 19-2

Há gradações de dificuldade em tudo que você anseia ver realizado, e essas precisariam ser determinadas com a maior consciência possível, para sua alma não se surpreender com o que acontecer no meio do caminho.

PEIXES 20-2 a 20-3

Alegria a todo custo não parece ser uma escolha sábia, porque no dia seguinte, quando a conta chegar, você jogará por terra o regozijo que esse momento, por ventura, tiver lhe proporcionado. É bom pensar nos custos.

Cinema **Mercado**

James Franco viverá Fidel Castro em filme sobre sua "filha rebelde"

'Alina de Cuba' será filmado na Colômbia e papel da heroína será vivido por Ana Villafañe; ator já foi acusado de assédio.

O ator americano James Franco viverá Fidel Castro em *Alina de Cuba*, filme independente que conta a história da "filha rebelde" do líder cubano, informou o produtor da obra.

"O diretor queria alguém que se parecesse fisicamente com Fidel Castro e que tivesse seu carisma", disse John Martinez O'Felan. O produtor contou que analisou perfis de atores latinos com ascendência ibérica, mas no fim das contas decidiu por Franco.

Trata-se do segundo trabalho do ator de 44 anos, desde que ele foi denunciado por assédio sexual e condutas impróprias em 2018.

Em uma entrevista em dezembro do ano passado, Franco rompeu o silêncio sobre o assunto e disse que reconhecia ter assediado alunas de sua escola de cinema.

Alina de Cuba será dirigido por Miguel Bardem, primo do conhecido ator espanhol Javier Bardem. Com produção prevista para iniciar em 15 de agosto e terminar até o fim do ano, o longa será filmado na Colômbia.

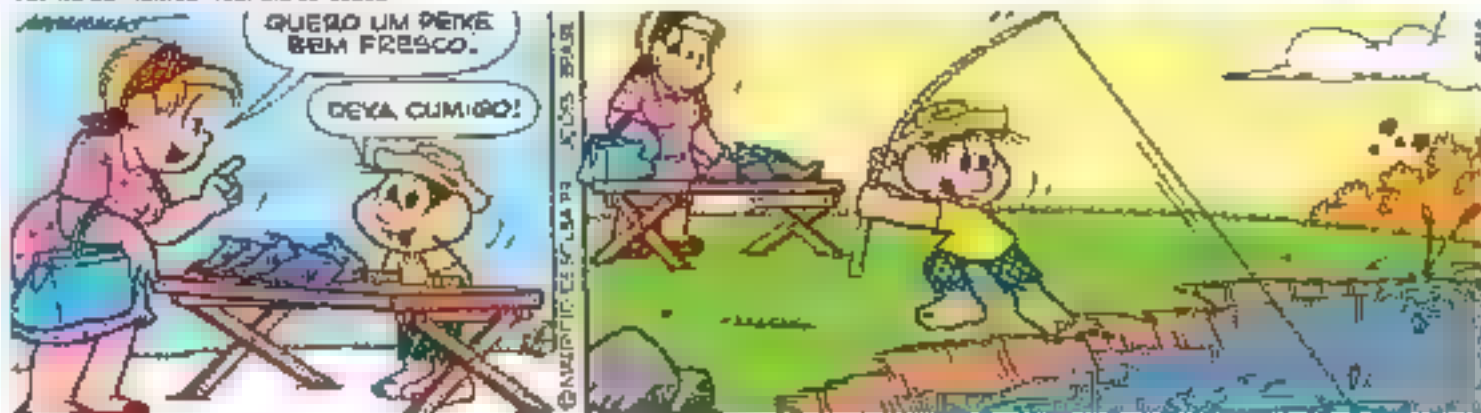
FILHA. Ana Villafañe, conhecida por interpretar Gloria Estefan no musical de teatro *On Your Feet!*, encarnará Alina Fernandez, a filha extraconjugal de Castro com a também cubana Natalia Revuelta Clews, que será vivida pela argentina Mia Maestro.

Hoje com 66 anos, Alina Fernandez vive em exílio desde a década de 1990, quando deixou a ilha de Cuba. Opositora da revolução cubana, ela está radicada em Miami e é autora do livro autobiográfico *Alina. Memória da Filha Rebelde de Fidel Castro*. ● AFP

O JACARINHOS

Minduim Charles M. Schulz

Recruta Zero Mort Walker

Turma da Mônica Mauricio de Sousa

O melhor de Calvin Bill Watterson

Frank & Ernest Bob Thaves

Drummond

Milton Hatoum milton.hatoum@estadao.com

Revelações contra a guerra e a morte

Alguns leitores recusam-se a ler obras de autores que escreveram textos racistas ou foram adeptos de uma ideologia extremista. Um desses leitores me disse que não conseguia ler romances de Louis-Ferdinand Céline, autor de panfletos racistas e antissemitas publicados um pouco antes da Segunda Guerra Mundial.

Mas romances não são panfletos. Nem sempre a dimensão ética de uma obra ficcional corresponde à visão de seu autor. Vários escritores e leitores judeus elogiaram os romances de Céline, um dos grandes narradores do século passado, como provam as obras-primas *Viagem ao Fim da Noite* e *Morte a Crédito*. Céline elaborou um tom de voz muito particular, ímpar. A oralidade, as gírias, as expressões populares e os neologismos são muito trabalhados. O escritor francês dizia que esse "musiquinha" era o seu estilo, sempre relacionado à emoção. Um certo lirismo, os traumas da guerra e o fantasma da morte atravessam seus romances.

Quando combateu na Primeira Guerra Mundial, foi gravemente ferido no braço; um baque na cabeça resultou numa enxaqueca para o resto da vida.

Vários manuscritos de Céline foram encontrados recentemente; um deles, o romance *Guerra* (*Guerre*, Gallimard, 2022), foi um acontecimento editorial na França. Nesse romance curto, ele evoca, uns 20 anos depois, suas memórias de 1914, quando foi ferido na Bélgica e transferido a um hospital de campanha. Mas não se trata de um mero inventário de lembranças. Com a passagem do tempo, a memória adquire ares romanescos, e a imaginação faz sua parte. Em meio aos horrores da guerra contra os alemães, o narrador aborda a relação com seus pais, com um amigo, uma prostituta, enfermeiras, médicos, soldados agonizantes. No fundo, o narrador expressa a repulsa, ou o horror à guerra e à morte. Quem esperaria de Céline um apelo ao amor? Ou esta frase: "Somos vítimas dos preconceitos".

> ***Nem sempre a dimensão ética de uma obra ficcional corresponde à visão de seu autor***

Neste e em outros livros do autor há um certo olhar compassivo, humanista, e uma crítica ácida à carnificina praticada nas guerras. Romances não têm força para evitar tragédias. Longe disso. Mas nos emocionam e nos levam a refletir sobre o "enlouquecido abatedouro internacional", que parece não ter fim.

No Brasil de hoje, a crescente aquisição de armas por adeptos do extremismo e os discursos incendiários do presidente podem resultar num enlouquecido abatedouro nacional. Felizmente a imensa maioria dos brasileiros repudia esses adoradores da morte e da violência. ●

É ESCRITOR E ARQUITETO, AUTOR DE 'DOIS IRMÃOS' E 'CINZAS DO NORTE'

SEG Pedro Venceslau **(quinzenal)** e Simião Castro **(quinzenal)** ■ **TER.** Patrícia Ferraz ■ **QUA.** Leandro Karnal, Roberto DaMatta e Maria Fernanda Rodrigues ■ **QUI.** Luciana Garbin **(quinzenal)**, Patrícia Ferraz ■ **SEX.** Marcelo Rubens Paiva **(quinzenal)** ■ **SÁB.** Sérgio Augusto **(quinzenal)**, Alice Ferraz, Suzana Barelli, Renata Simões **(quinzenal)** e Daniel Martins de Barros **(quinzenal)** ■ **DOM.** Leandro Karnal, Sérgio Augusto **(Aliás, quinzenal)**, Milton Hatoum **(mensal)** e Ignácio de Loyola Brandão **(quinzenal)**

CRUZADAS

NA WEB | Jogue as cruzadas estadao.com.br/e/cruzadas

Palco da modelo / Circunstância negativa que reforça a si própria

Dança e Pintura / Segunda (?): é feita por quem faltou na data da prova

Estádio de futebol da Ponte Preta, clube de Campinas (SP) / Solução (fig.)

Chorinho de Pixinguinha com letra de João de Barro / Muito bem!

Príncipe que raptou Helena de Troia (Mit.)

Loteria instantânea extinta em 2016

Colocar sob a alçada do IPHAN

O código no qual era enviado o SOS

Voto transgredido pelo protagonista de "O Crime do Padre Amaro" / Molusco terrestre desprovido de concha

"E o salário, (?)...", bordão (TV)

O 1º filme ganhador do Oscar (1927)

Imposto que recai sobre serviços

Letra equivalente ao lambda grego

Peixe de carne venenosa / Narras

Monte (?), ponto mais alto da Grécia

(?)-8: o motor com oito cilindros

Apegado ao dinheiro como o Tio Patinhas

A ação da chuva nos solos / Aflições

Caloria (abrev.) / Objetivo; propósito

C A L

(?) Grimaldi, atriz brasileira

Dígrafo de "ninharia" / Da + aí

Gamo, em inglês

(?) Escorial, mosteiro espanhol

A homenagem pós-morte / Cantora australiana / Município industrial paulista

Médico que humanizou a Psiquiatria

Palmeira usada na fabrico de piões

BANCO 2/bl. 3/irt — 4/seas — 6/deal, 5/avara. 15/[illegible]

www.coquetel.com.br

CRIPTOGRAMA e CAÇA-PALAVRAS *Nesta seção, todos os dias, um jogo diferente para você*

Para letras iguais, números iguais. Nas casas em destaque, um grande responsável pelas panes nos programas dos computadores.

Pista								
A cor das muralhas do Alhambra.	▢	1	2	3	1	4	5	6
Espalhar; disseminar.	7	▢	8	9	10	7	11	2
Feliz; alegre.	▢	6	7	11	6	10	12	1
Conceder prestígio (fig.).	6	▢	2	1	13	4	6	2
Chapéu, em espanhol.	▢	13	3	14	2	1	2	13
Que tem a voz muito forte.	▢	15	12	1	10	12	13	2
Magnífico; deslumbrante.	16	▢	13	2	11	13	16	13
Cheia de bolhas na superfície.	▢	15	17	9	3	6	7	6
Relativo; referente.	6	▢	11	10	1	10	12	1
Que usa da razão.	▢	6	18	11	13	10	6	4
Relativo ao estudo dos sons da fala.	8	▢	10	1	12	11	18	13
Macrobiótico (gíria).	▢	6	12	9	2	1	14	6
Certo jogo de carteado.	17	▢	8	1	-17	6	8	1
Vasilha apropriada para ferver a água do chá.	▢	5	6	4	1	11	2	6
Aquele que é um tanto obeso.	16	▢	2	7	9	18	5	13

© Revistas COQUETEL

SUDOKU

NA WEB | Jogue o sudoku estadao.com.br/e/sudoku

Nível Difícil

2								4
	4						9	
		6	1		2	3		
		9		8		2		
			5		9			
		8		6		7		
		2	3		8	9		
	5						7	
1								8

SOLUÇÕES

Renovado

Prédio passou por obras e acervo foi submetido a um restauro minucioso. Veja em detalhes como ficará o local, que corre para os últimos ajustes.

1. Funcionário trabalha em restauro de peça do acervo.

2. Espaço passará a contar com um mirante na cobertura com livre acesso do público.

3. Principal intervenção ocorreu no subsolo do prédio, que ganhou salas e auditórios para mostras

_Estrutura de quase 130 anos reabrirá no dia 7 de setembro

Por dentro do Museu do Ipiranga

EDISON VEIGA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO
LEON FERRARI

Quando reabrir as portas ao público, totalmente restaurado, com novos espaços e exposições feitas com roupagem contemporânea, o Museu do Ipiranga não estará apenas celebrando o bicentenário da Independência do Brasil. Porque se a data corre o risco de ser apropriada no contexto eleitoral, a instituição de quase 130 anos é sólida, permanente. Sua importância transcende o momento atual. E, modernizado, o museu deve atrair mais ainda do que os 300 mil visitantes que circulavam pelo seu interior antes do fechamento, ocorrido em 2013.

Ampliado, o Museu do Ipiranga vai retomar o lugar que ele conquistou ao longo do século 20: um símbolo da história brasileira, um espaço de entretenimento cultural que pertence não a uma instituição – no caso, a Universidade de São Paulo (USP) –, mas a todo o imaginário nacional.

A reportagem do **Estadão** esteve no interior do museu nas últimas semanas. Recuperação, modernização e ampliação foram palavras que não saíram da boca daqueles envolvidos nas obras. Pouco tempo antes da entrega, seja no Jardim Francês, no edifício-monumento ou na nova instalação, o cenário é de correria. Tudo em prol dos reparos estarem finalizados até a meia-noite do dia 6 de setembro, véspera do bicentenário.

Além do prazo curto, foi preciso enfrentar os desafios de lidar com uma construção de quase 130 anos e suas fragilidades. Fechado às pressas em 2013, o museu paulistano mais antigo está cada dia mais próximo de receber um público ansioso para visitá-lo novamente ou pela primeira vez. Por mais que a manutenção das características originais tenha sido o foco, o passeio não será mais o mesmo.

JARDIM. A visitação começa pelo glamouroso Jardim Francês, que precisou de restauro para retomar características de um século atrás – geometria e simetria –, além de recuperação da iluminação e do pavimento. Antes, a área era de responsabilidade da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, mas, agora, é administrada pela USP. Os reparos no local começaram há cerca de cinco meses. Entre as novidades, um restaurante que será instalado de frente para o verde.

O cartão-postal do Jardim Francês são suas fontes de água, que já não estavam operacionais. A que fica no centro é composta por sete tanques e mais de cem bicos d'água, conta o engenheiro responsável pela obra, Frederico Martinelli. O jato central alcança 30 metros e, quando ativo, emoldura o edifício-monumento ao fundo.

O visitante, então, sobe contemplando o jardim e dá de cara com a janela panorâmica – com cerca de 35 metros – do edifício de ampliação. A leste ou a oeste, há uma porta de entrada do local que dará acesso ao prédio antigo e suas exposições. Antigamente, a entrada se dava direto pela esplanada da construção.

A nova área de aproximadamente 7 mil metros quadrados fica, ao mesmo tempo, abaixo da terra e embaixo do edifício-monumento. "Foram mais de 2 mil caminhões de terra removidos. Trinta e cinco mil metros cúbicos de terra", explica Martinelli.

No edifício de ampliação ficarão salas administrativas, laboratórios de arte, um café, a bilheteria, um auditório com 200 assentos e uma sala para mostras temporárias de 900 metros quadrados. Deslocar a estrutura administrativa teve a intenção de deixar o edifício-monumento exclusivamente para as exposições.

Por ali, duas escadas rolantes e um elevador levam até o térreo do museu – são a porta de entrada. Inclusive, o túnel que leva ao ascensor, que proporciona acessibilidade, foi responsável, segundo Martinelli, por um dos momentos de maior tensão da obra. "Cavar por baixo da fundação que você não conhece, em solo sensível, foi realmente um grande estresse." Só foi possível avançar meio metro por dia e, para estabilizar o solo, foi necessário injetar natas de cimento. "O que nós escavamos não era mais ⊕

FOTOS: TABA BENEDICTO/ESTADÃO

2.

3.

EM DETALHES

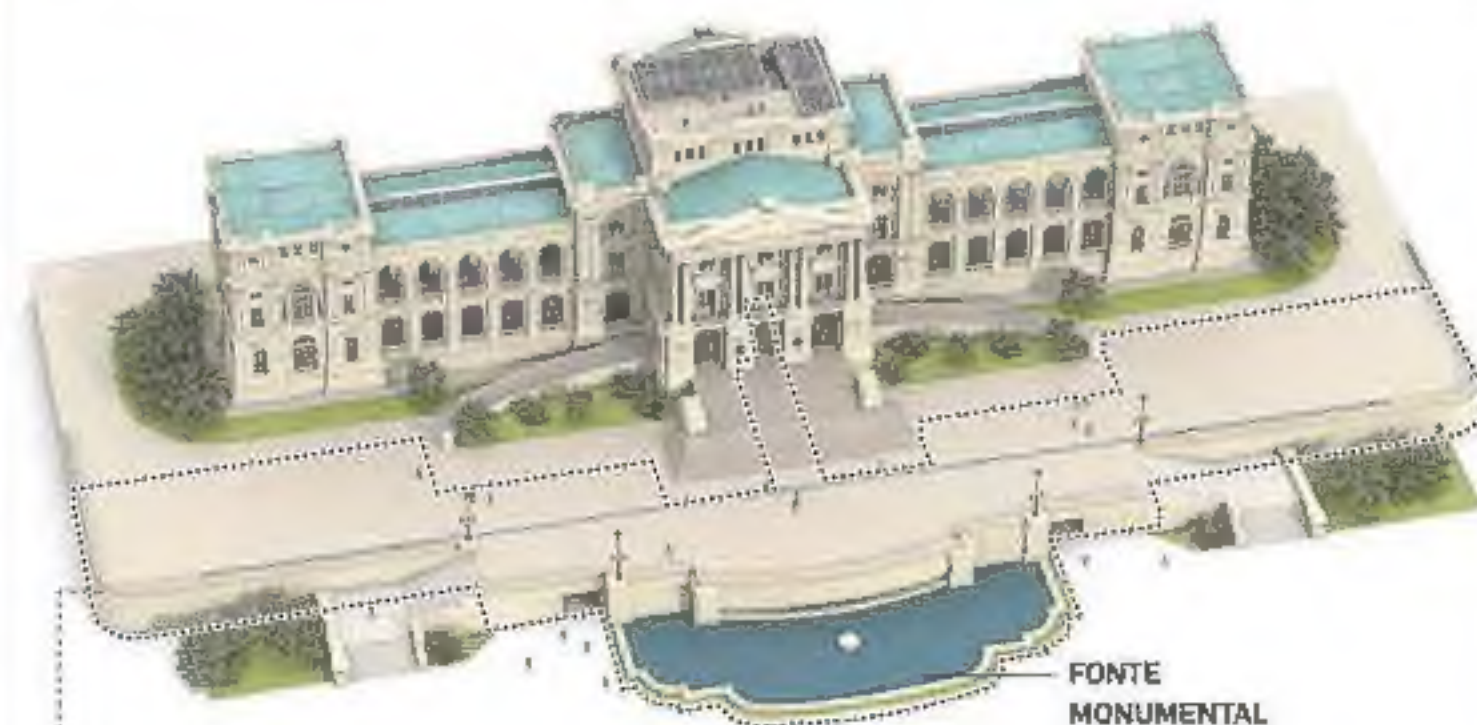
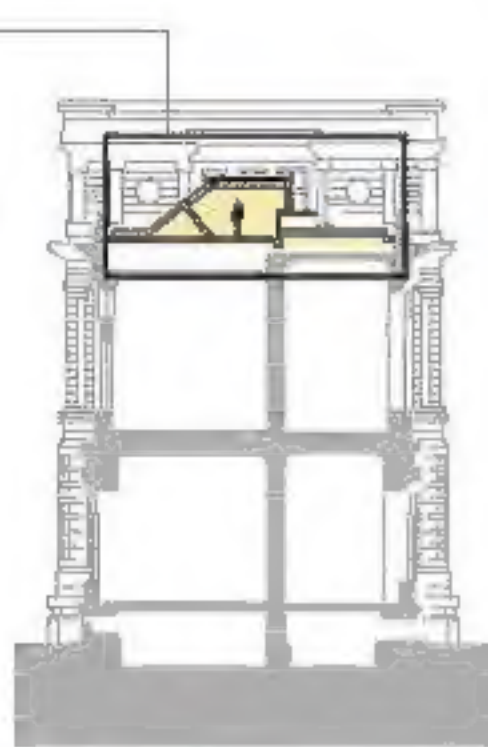
Novo museu terá como principal novidade as funcionalidades do subsolo

Problema-chave
A questão fundamental era retirar a reserva técnica da instituição do piso superior do edifício-monumento. Com o novo museu, esse material historiográfico não volta para lá — segue arquivado e mantido em endereços nas proximidades.

O projeto
O trabalho arquitetônico de ampliação e restauro do Museu do Ipiranga foi idealizado por uma equipe de 12 profissionais do escritório H+F Arquitetos, com consultoria de outros seis. A proposta venceu um certame em que eram 13 candidatos.

Público
A expectativa é que, com a reabertura, o novo museu receba de 900 mil a 1 milhão de pessoas por ano.

Cobertura
O público terá acesso aos pisos mais elevados do edifício-monumento, transformados em espaços expositivos. Dali também poderão aproveitar um mirante — sim, selfies obrigatórias!

Acervo monumental
O Museu Paulista tem 30.942 objetos, 80 mil imagens, 700 metros lineares de acervo textual, 114.763 livros e fascículos de periódicos.

Novo acesso
A entrada no Museu não mais será pelas escadarias antigas, mas sim pelo piso inferior, no mesmo nível do jardim. Um subsolo de 3 mil metros quadrados foi construído e ali estarão bilheterias, livraria, café, auditório e sala para uso educativo.

R$ 211 milhões
FOI O VALOR CONSUMIDO PARA A EXECUÇÃO DAS OBRAS E RESTAURO DO ACERVO

1 milhão
É O PÚBLICO ESPERADO POR ANO APÓS A REABERTURA DA NOVA ESTRUTURA

12 mostras
A REABERTURA CONTARÁ COM DIFERENTES EXPOSIÇÕES SIMULTÂNEAS, SENDO 11 DE LONGA DURAÇÃO

ILUSTRAÇÃO: JONATAN SARMENTO   INFOGRÁFICO: ESTADÃO

⊕ um solo virgem, o solo original, era um solo de cimento."

A estrutura de 7 mil metros quadrados é feita de concreto colorido e projetado. Segundo Martinelli, o uso de 3,5 mil metros cúbicos do material é um recorde nacional. A cor remete à terra. "Para dizer que esse prédio é enterrado", afirma o engenheiro. No teto, também foram posicionadas 3,5 mil plaquinhas de tratamento acústico. Afinal, trata-se de uma estrutura de concreto. "Reverbera muito o som", explica Martinelli.

EDIFÍCIO-MONUMENTO. Como as escadas rolantes ainda não estavam operando na visita da reportagem, foi preciso entrar no edifício histórico pela fachada sul, que dá para o Bosque do Ipiranga. Dali, é possível observar o restauro da área externa. Um trabalho quase cirúrgico, para retirar camadas de tinta e esculpir novamente os adornos. Também pôde-se analisar com mais cuidado o amarelo original da construção. Encontrar a coloração, conta Martinelli, exigiu um "trabalho de laboratório", fruto de múltiplas decapagens. A tinta é mineral, não de látex. "Para permitir a respiração da alvenaria."

No torreão central, foi construída uma torre de estrutura metálica para abrigar dois elevadores, assim como uma espécie de novo andar acima do edifício-monumento. Nele, também de estrutura metálica, fica localizado um mirante, que permite enxergar a cidade de São Paulo em 360°. Dali é possível ter uma visão aérea das formas geométricas do jardim.

Para construção do novo andar, assim como para reparar o telhado de capa de cobre – foco de problemas que exigiram o fechamento do museu –, foi preciso erguer um "telhado provisório" para proteger o prédio, lembra Martinelli. O engenheiro também mostra que foi feita uma espécie de cobertura nova sobre a claraboia original do prédio, que permite a entrada de luz na escadaria monumental.

Outra novidade fica no andar abaixo: duas galerias que ligam o torreão central às alas leste e oeste da construção. Antes era necessário descer e subir escadas para ir a salas localizadas em diferentes áreas. As novas passagens, além de facilitar a circulação, servirão para exposição. Dentro do prédio, como o acervo está sendo realocado, não foi possível adentrar as salas de exposição. No entanto, pôde-se ver os arcos ("rasgos" nas paredes) entre os espaços que, antes, não eram interligados.

RESTAURO. Para a recuperação das salas, 450 portas e janelas foram retiradas e envernizadas, além de terem a madeira e a parte metálica restauradas. O vidro foi trocado por um do tipo low-e (que facilita a regulação da temperatura interna). "Entra a luz, mas não caloria." Isso como medida de conforto térmico, afinal torres de ar-condicionado não combinariam com o espaço.

No térreo, onde começa a escadaria monumental, os principais destaques são o piso francês recuperado, além da própria escada de mármore de Carrara que foi limpa e reconstituída. Andaimes tomam a estrutura, enquanto uma equipe se dedica a restaurar pinturas a óleo na sanca da claraboia.

Talvez esse seja o andar mais impactante de toda a estrutura. É preciso de pouco tempo para se sentir imerso no passado. Parece que, a qualquer momento, uma carruagem vai atracar do porte-cochère e, dela, descerão mulheres com vestidos longos.

Sustentabilidade também fez parte do eixo de modernização da estrutura. Martinelli conta, por exemplo, que parte da água das fontes do jardim virá do lençol freático que se infiltra por trás do bosque e segue na direção do Riacho do Ipiranga. A madeira do século 19 retirada das lajes removidas para construção da torre de elevadores no torreão central se tornou tacos e foi parar no piso do edifício-monumento. Além disso, na obra de ampliação estão dois geradores a gás, não a diesel (mais poluente), que alimentarão todo o prédio em caso de emergência.

Após o incêndio no Museu Nacional, em 2018, no Rio, sistemas de combate ao fogo se tornaram preocupação latente para preservação de prédios históricos e monumentais. No Museu do Ipiranga não foi diferente. É só olhar para o teto para observar um pequeno círculo alaranjado (detector de fumaça) e outro branco (chuveiro d'água).

MOSTRAS. O museu reabre no bicentenário da Independência com 12 mostras simultâneas (11 de longa duração e uma temporária). No total, 25 profissionais da instituição, associados a dez pesquisadores acadêmicos com projetos relacionados aos temas, compuseram a força-tarefa da montagem. E houve ainda equipes contratadas: 20 assistentes de pesquisa, um gerente de produção e três empresas, de arquitetura, design e tecnologia, com 11 pessoas envolvidas. ■

Leandro Karnal

Técnicas para a Escassez

Fazendo atividade voluntária com pessoas em situação de rua, pensei nos momentos de escassez

Quem nasceu em berço de ouro e não vislumbra risco de declínio deve evitar seguir a leitura deste meu texto. Será inútil para tais pessoas, a não ser por um vago interesse antropológico. Tratarei de um mundo estranho, mas desnecessário aos bafejados pela fortuna abundante e permanente.

Imagino que muitas leitoras e muitos leitores sejam como eu: já possuíram bem menos do que hoje conseguem obter. Quando somos estudantes ou no nosso primeiro emprego (o meu foi aos 16), temos menos posses do que quando temos 50 anos, em geral. Naqueles momentos de, digamos, CPF mais anêmico, desenvolvemos técnicas de crise ou estratégias diante da escassez.

Meus exemplos são abundantes. Havia café da manhã na pensão onde morei ao chegar a São Paulo. Estava incluído no preço. Era formado de café com leite, pão francês à vontade e margarina. A expressão "à vontade" era um oásis de abundância, uma tentação... Comendo vários, muitos, era possível pular o almoço. Juventude pode ter dois pilares: pouco dinheiro e ausência do medo de engordar. Ainda bem que eu não tinha doença celíaca, pois eu comia farinha branca em quantidades impressionantes. Hoje, não consumo mais pão francês, não sei se é trauma ou memória.

Vamos à outra técnica. O chuveiro elétrico simples, no inverno, tem uma delicada estratégia. Abrir um pouco mais torna a água gelada. No outro sentido, fecha o fluxo hídrico. Há um delicado e único ponto que combina água e temperatura. Quem nasceu com chuveiro a gás não domina o processo.

Havia um dia da semana em que o cinema era mais barato. Eu sabia de uma sessão final que ficava ainda mais em conta. Minha agenda era dada não pela relevância do filme no campo da sétima arte, todavia pelo meu bolso. Viu? São técnicas de crise que os de renda alta permanente não imaginam. Vivi o entretenimento ditado pela pechincha.

Certa vez, começando a pós na USP, precisei de um livro ausente na biblioteca e indisponível para meu bolso. Solução? Sentar nas cadeiras de uma grande livraria na Paulista e ler o livro, lá, em prolongadas sessões.

LUCAS LANDAU / REUTERS - 29/7/2021

Grupo sem-teto no centro do Rio: cama, chuveiro e pão toda manhã são a ideia de ascensão de muitos

Existem pessoas que não ampliam sua esperança além do desejo de sobreviver até o fim do dia

No futuro, lançando minhas obras naquele espaço, relembrei, várias vezes, as horas ali passadas: lendo sem quebrar a lombada.

Houve um momento no qual, em janeiro, eram apresentadas peças teatrais a valores muito populares em São Paulo. Na minha memória, os ingressos custavam um real, porém pode ser falsa lembrança. Os lugares não eram marcados e tínhamos de chegar bem antes. Lá estávamos na fila, umas 4 vezes por semana, para ver tais peças que, durante o ano, eram inacessíveis, mesmo com a carteira de estudante. Usando expressão quase arcaica, era uma "lambança".

Fazer trajetos a pé para economizar ônibus, tomar água na torneira do banheiro em uma balada (que já tinha consumido a renda para entrar) e, claro, comer bem quando era convidado a uma casa mais bem abastecida. De novo, estamos no campo das técnicas de escassez. Você tem alguma indicação, ó leitora e leitor?

Um passeio ao litoral, dividindo a gasolina com todos, era obrigatório. Éramos acompanhados pelo refrigerante em litro, de São Paulo, para evitar preços altos no destino final.

Lembro-me de um dia em que, juntamente com meu amigo Sergio Bairon, compramos coxinhas com vitamina de mamão em um bar da Avenida Angélica. Era um raro e feliz banquete. Éramos estudantes e dávamos aulas em escolas que pagavam mal.

Entro em uma distinção mais sutil. Falei, desde o começo do texto, daqueles que nunca passaram por privações. Desenvolvi o meu caso similar a tantos: gente que, durante o período de estudante ou passando por crise, tinha de achar maneiras de comer e até de encontrar diversão em algum oásis no deserto da pouca renda.

Existe um terceiro tipo, o mais numeroso no Brasil. São as pessoas que não atravessam um deserto rumo a regiões mais úmidas e abundantes. Refiro-me aos que moram sempre em meio ao sol e à areia.

Eu já viajei com pouco dinheiro e já andei a pé para economizar passagem de ônibus. Eu sabia, e isso me animava, que eu estaria melhor. "Quando eu concluir a pós...", eu pensava, "quando estiver em escolas que pagam mais, quando eu lançar meus livros... terei meu carro". Muita gente de classe média sabe que pode crescer, ascender, reforçar renda e expandir dividendos. A escassez era um episódio, não um horizonte. Há muitas pessoas cientes de que, com sorte, no ano que vem, estarão no mesmo ponto difícil de hoje, ainda que exista a chance de piorarem. Não é um momento ou uma fase juvenil convivendo com a formação. Trata-se da vida toda.

Fazendo atividade voluntária com pessoas em situação de rua, pensei nos momentos que eu considerava de escassez, morando em uma pensão e comendo pães com margarina. Uma cama, chuveiro e pães todas as manhãs seriam a ideia de ascensão de muitos que encontrei.

Sim, há quem nunca tenha desenvolvido técnicas de escassez. Existem muitas pessoas que não ampliam o patamar da esperança além do desejo de sobreviver até o fim do dia. Como firmar a base de uma sociedade sobre um patamar sem perspectivas? O inverno sem nenhuma chance de primavera ou esperança de abrigo é a mais rigorosa e assustadora de todas as estações. ●

LEANDRO KARNAL É HISTORIADOR, ESCRITOR, MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS E AUTOR DE 'A CORAGEM DA ESPERANÇA', ENTRE OUTROS